
Não tenho passado.
Minhas únicas lembranças estão no futuro.
Deslembrança
CAT PATRICK
intrínseca

"Nada fixa alguma coisa na memória com tanta força
quanto o desejo de esquecê-la."

MICHEL DE MONTAIGNE

Sexta-feira

14/10 (Quinta)

Roupas:
— Calças jeans de corte reto
— Bata azul-marinho florida (não estava suja — de volta ao armário)
— As sapatilhas vermelhas que dão bolhas nos pés

Escola:
— Levar livro para a aula de inglês
— Pedir para a mamãe assinar a autorização para a aula de história
— Teste de espanhol amanhã (não está no programa da matéria)
— Reler o dever de história pela manhã... muito cansada...

Observações:
— Comi uma tonelada de carboidratos hoje (mamãe comprou sorvete de menta com flocos!). MALHAR!
— Encomendei as leggings para o Halloween

1

Sextas-feiras não deveriam ser dias bons?
Esta começou mal.

O bilhete em minha mesa de cabeceira não me disse nada de útil. Minhas pálpebras queriam continuar fechadas; meus jeans favoritos estavam no cesto de roupa suja e não tinha leite na geladeira.

O pior foi que meu celular estava sem bateria: aquele reluzente, vermelho, cor de bala, que vai ser meu, até que caia em um bueiro; aquele que tem calendário, alarmes com lembretes e é, na essência, minha versão portátil e socialmente aceita daquele cobertorzinho a que a gente vive agarrado quando criança.

— Você vai ficar bem — disse minha mãe enquanto me trazia para a escola hoje de manhã.

— Como você sabe? — perguntei. — Posso ter uma prova de matemática importantíssima hoje. Pode haver uma reunião escolar da qual não vou saber.

— É só um dia, London. Você vai ficar bem sem seu celular por um dia.

— Para você é fácil falar — resmunguei, olhando pela janela.

Agora, neste exato momento, aqui onde estou, tenho a prova de que minha mãe estava errada. Não estou bem sem celular por um dia.

Hoje é o dia em que eu precisava de uma camiseta nova para a aula de educação física. Se não estivesse sem bateria, meu celular, o celular que minha mãe e eu programamos no início do ano com pequenos lembretes importantes como esse, teria me dito, em pequenas letras de forma, para levar uma camiseta para a aula.

Portanto, hoje é o dia em que estou usando short e um suéter grosso e pensando no que vou fazer. Não dá para jogar basquete (que é a atividade programada, segundo o quadro perto da porta do vestiário) de suéter, então pergunto a Page se ela tem uma camiseta sobrando. Nunca seremos de fato amigas, mas ela, ainda assim, exagera no entusiasmo.

— Claro, London, aqui está. Esqueceu sua camiseta limpa de novo, né?

De novo?

Faço um bilhete mental sobre escrever um bilhete de verdade mais tarde e ao mesmo tempo me pergunto por que o bilhete de hoje não dizia para trazer uma camiseta. Page interrompe meu raciocínio. Ela sorri e me entrega uma enorme camiseta amarelo vivo, com um gato sorridente e a frase TENHA UM DIA ÓTIMIAU.

— Obrigada, Page — resmungo, pegando a camiseta e vestindo-a rapidamente.

Ela quase cobre o short (short!) que estou usando. Por que havia um short em meu armário, em vez de alguma roupa mais quente e mais bonitinha, eu não faço ideia.

Bilhete para mim mesma: acrescentar "trazer calças" no outro bilhete para mim mesma.

Tenho a sensação de que Page está me observando. Olho-a de relance e, sim, ela está me observando. Trocamos acenos simpáticos, e então jogo minhas roupas no armário, bato a porta e me dirijo ao ginásio.

Enquanto caminho, dois pensamentos passam por minha cabeça. Primeiro, pergunto-me se a Srta. Martinez vai me deixar ir à enfermaria pegar um curativo para cobrir a dolorosa bolha em meu calcanhar, que sinto roçar no tênis a cada passo. E, em segundo lugar, preciso agradecer à minha sorte porque apenas as outras doze almas infelizes que têm aula de educação física no primeiro tempo vão me ver com essa roupa horrorosa.

Infelizmente, a Srta. Martinez tem um coração de pedra.

— Não — diz ela quando peço para ir à enfermaria antes do jogo.

— Não? — pergunto, incrédula.

— Não — repete ela, desafiando-me com seus olhos negros.

Ela está com o apito na boca.

Não sou idiota, então não insisto. Em vez disso, volto mancando para o banco, junto-me ao time e juro jogar apesar da dor.

Então, na metade daquilo que imagino ser o jogo com o placar mais baixo da história dos esportes escolares, um ruído ecoa pelo ginásio e imediatamente faz com que os pelos em meus braços se arrepiem, meus tímpanos se contraiam e meus dentes batam.

Por um momento, não sei o que está acontecendo.

A Srta. Martinez agita os braços na direção da saída e meus colegas começam a caminhar de forma preguiçosa para a porta.

É quando entendo.

Simulação de incêndio.

Nós, os alunos do Meridan High School, vamos sair do prédio. Todos os 956 alunos. Enquanto eu, London Lane, desfilo com uma camiseta amarelo-vivo com um gato que diz TENHA UM DIA ÓTIMIAUS e um short curto demais, para deleite de todo o corpo discente.

Sim, é uma boa sexta-feira.

2

O ginásio fica perto de uma saída, então estamos entre os primeiros a chegar à área segura: o estacionamento dos professores. Cercada por uma variedade estranha de veículos — de uma caminhonete aqui a um Porsche vermelho-cereja ali —, observo alunos apáticos caminharem para fora do bloco de concreto que é nossa escola como se fossem imunes ao fogo.

Não que eu acredite que haja um incêndio.

Acho que algum idiota puxou o alarme para fazer graça, sem se tocar de que seria obrigado a ficar em pé no frio durante uma hora esperando os bombeiros chegarem com seus caminhões, liberarem o prédio e, enfim, desligarem o alarme estridente.

Está ventando, e acho que vejo floquinhos de neve. A cada rajada eu me encolho ainda mais, para tentar me manter aquecida.

Não está funcionando.

Solto o cabelo, preso em um nó desleixado na altura da nuca, na esperança de que funcione como uma espécie de cachecol. Na mesma hora, o vento faz minhas mechas castanho-avermelhadas voarem, tampando meus olhos e chicoteando meu rosto ao mesmo tempo.

Enquanto as hordas de alunos se reúnem, ouço cochichos e risadinhas, provavelmente por causa de minha roupa. Juro que ouço o clique da câmera de um celular, mas, quando consigo olhar através da juba selvagem, o fotógrafo já escondeu as provas. Mesmo assim, os vestígios das risadinhas de um círculo fechado de líderes de torcida me deixam nervosa.

Olho para as costas delas até que Alex Morgan vira a cabeça e o cabelo preto e brilhante em minha direção e prende meu olhar. Parece que ela parou para aplicar mais uma camada de delineador preto antes de sair do prédio.

Prioridades.

Alex me dá um sorriso arrogante, vira-se de volta para o grupinho e mais risinhos irrompem.

Nesse momento, queria que minha melhor amiga, Jamie, estivesse comigo. A garota tem seus defeitos, mas nunca recuaria diante das provocações de uma líder de torcida.

Sozinha, com as pernas de fora e a camisa óti-miau, escuto trechos de conversas sobre planos para o fim de semana, a "prova que estamos perdendo agora" e " já que estamos aqui vamos embora, tomar café da manhã no

Reggie's". Cruzo os braços com mais força ainda, em parte para me proteger do frio, em parte para esconder o gato.

— Bela camiseta — diz uma voz masculina agradável, com apenas um toque de deboche.

Com a mão esquerda, seguro todo o cabelo que consigo em um rabo de cavalo improvisado e me viro em direção à voz.

E então o tempo para.

Primeiro, vejo o sorriso. Há uma inconfundível doçura em meio à provocação. Minha armadura começa a desmoronar antes mesmo que eu chegue aos olhos; o que sobrou dela se derrete quando os vejo. Cintilantes, um tom claro de azul com pontinhos mais escuros, rodeados por cílios que qualquer garota invejaria.

Olhando para mim.

Bem para mim.

Estão sorrindo ainda mais do que a boca.

Se houvesse alguma coisa ali perto — um móvel ou até alguém que não fosse hostil —, eu poderia esticar o braço e me apoiar, porque me sinto desequilibrada na presença dele. De um jeito bom.

Uau.

Então, tudo desaparece. A camiseta, o celular, o basquete, Alex Morgan.

Não há nada além do garoto diante de mim.

O lugar dele devia ser Hollywood, ou o paraíso. Eu poderia olhar para ele o dia inteiro.

— Obrigada — digo, sabe-se lá quanto tempo depois.

Eu me obrigo a piscar. O rosto parece familiar, mas só porque desejo que seja assim.

Espere, eu me lembro dele?

Por favor, ah, por favor, ah, por favor, permita que eu me lembre dele. Passo por anos e anos de rostos no álbum em meu cérebro. Não o encontro em lugar nenhum.

Por uma fração de segundo, fico triste. Aí, meu lado otimista dá as caras. Provavelmente estou errada. Ele precisa estar ali, em algum lugar.

Onde estávamos? Ah, a roupa...

— Estou lançando uma nova moda — brinco.

Mudo de lugar para que o vento tire meu cabelo da frente dos olhos. Obrigo-me a reparar em outra coisa além dos olhos dele.

— Gostei dos sapatos — acrescento.

— Ah, obrigado — diz ele, desajeitado, enquanto também olha para o par de All Stars marrom-chocolate.

Sem muito o que dizer sobre sapatos, ele abre o agasalho bege com capuz e o

tira.

Antes que eu saiba o que está acontecendo, o garoto cobre meus ombros, e é como se eu estivesse protegida do mundo, não apenas do clima. O forro de lã tem o calor do corpo dele e um leve aroma de sabão, amaciante de roupas e... garoto. Um garoto perfeito.

Ele está um pouco perto demais, para um desconhecido agora só de camiseta. Ela parece vintage. Nunca ouvi falar dessa banda.

— Obrigada — repito, como se essa fosse uma das dez únicas palavras que eu soubesse. — Mas você não está com frio?

Ele ri, como se fosse a pergunta mais ridícula do mundo, e diz simplesmente:

— Não.

Garotos não sentem frio?

— Tudo bem. Então, obrigada — digo pela milionésima vez em dois segundos.

Qual é o problema comigo e com essa palavra?

— Por nada, mesmo — diz ele. — Achei que você podia estar precisando. Estava ficando azulada — acrescentou, apontando para minhas pernas. — Aliás, meu nome é Luke.

— London — isso é tudo o que consigo pronunciar.

— Nome legal — diz ele, com um sorriso despretensioso. Posso ver uma covinha querendo surgir em uma das bochechas. — Memorável — acrescenta ele.

Muito engraçado, eu penso.

Um grito agudo me tira do transe provocado por Luke.

— London, O QUE você está usando? — Jamie Connor berra tão alto que pelo menos cinco pessoas param de conversar e se viram para nós. — Por favor, diga que está usando calças.

Retiro meu desejo de que Jamie aparecesse. Ela pode ir embora agora.

— Shhh, Jamie, as pessoas estão olhando — digo, puxando-a para junto de mim e tentando calá-la.

Consigo sentir o perfume que minha melhor amiga usará para sempre.

— Desculpe, mas você meio que está um desastre — ela acrescenta, com uma risadinha.

Franzo a testa.

— Manhã ruim? — pergunta ela, enfiando o braço por dentro do meu.

— É — respondo em voz baixa, ainda bastante consciente de que Luke está por perto. — Esqueci a camiseta da aula de educação física. De novo.

Jamie me dá um cutucão solidário no ombro e então muda de assunto.

— Não quero nem perguntar quem emprestou isso a você. Viu Anthony aqui

fora?

Ela fala enquanto vasculha a multidão. Mas seu interesse por Anthony desaparece completamente assim que vê Luke. Meu Luke.

— Oi — diz ela.

— Oi — ele responde.

Luke se recusa a olhar diretamente para Jamie; talvez eu goste disso um pouquinho.

— Quem é você? — pergunta ela, a cabeça inclinada como a de um gato curioso.

— Luke Henry — responde ele, finalmente se virando para ela por um piscar de olhos. — É meu primeiro dia.

Ele desvia o olhar mais uma vez e examina a multidão, como se estivesse cansado de ficar ali. Reparo que ele mantém a cabeça baixa, como se não quisesse chamar a atenção.

Jamie não está acostumada a garotos que não olham para ela e, sinceramente, com a minissaia e a blusinha apertada que está usando, o desinteresse de Luke me surpreende. Ela transfere o peso do corpo para outra perna, mexe o quadril e continua.

— Em que ano você está?

— No penúltimo — responde Luke.

— Legal. Nós também — diz ela. Imagino que talvez suas perguntas tenham se esgotado, mas não sou tão sortuda. — Então, por que você está começando numa sexta?

Luke olha de relance para Jamie, e depois seus olhos encontram os meus, e lá está outra vez.

Ele está de volta.

— Eu não tinha nada melhor para fazer hoje — responde ele com naturalidade. — Já desfizemos as malas. Por que não?

— Entendo... E você veio de onde?

Alguém a faça parar!

— Acabei de chegar de Boston.

— Você não tem sotaque — destaca Jamie.

— Não nasci lá.

— Saquei — diz ela, enquanto tira o cabelo louro da frente dos olhos.

É uma de suas marcas registradas (uma que ela repetirá na faculdade e depois) e, melhor amiga ou não, minhas garras estão prontas.

Minha postura obviamente se enrijeceu, porque Jamie se afasta um pouco para analisar meu rosto. Ela olha para Luke e novamente para mim.

— Hum. — Fico apavorada que ela declare o óbvio, mas, em vez disso, ela

continua o interrogatório. — Bem, e onde você morava antes de Boston...

Jamie é interrompida pela súbita e silenciosa tranquilidade. Com o alarme sob controle, o diretor Flowers agarra o megafone e nos manda entrar na escola com um tom que indica o quanto ele odeia cada minuto passado em nossa presença.

Jamie e eu nos olhamos e caímos na gargalhada diante da voz trovejante que sai da boca do minúsculo diretor Flowers. Pelo menos é disso que eu estou rindo.

Quando nos recuperamos, olho para Luke. Bem, eu quero olhar para Luke. Mas ele some.

Vasculho a multidão furiosamente, mas tudo o que se destaca no mar de cores sem graça são o vermelho, o branco e o preto dos casacos das líderes de torcida. Definitivamente, não é o que estou procurando. Sinto que estou começando a entrar em pânico, como acontece quando perdemos algo que realmente amamos, como o relógio favorito, aquela caneta ou aquela calça.

Agora Jamie e eu estamos andando de braços dados. Na verdade, tenho certeza de que é por isso que estou andando: porque Jamie me puxa.

Finalmente, eu o encontro.

Meu estômago dá cambalhotas quando vejo a camiseta de Luke dirigindo-se para o prédio. A cabeça está baixa e ele anda devagar, mas com determinação, de um jeito impecavelmente legal. Fico empolgada ao vê-lo, mas, então, desapontada.

Como ele pôde sair daquele jeito?

Rolou alguma coisa, não rolou?

Rolou alguma coisa, ele me emprestou o agasalho e foi embora. E agora está voltando para a aula como se nada tivesse acontecido. Como se nunca tivesse conhecido uma ruiva interessante, embora verticalmente desfavorecida.

Rolou alguma coisa e agora Luke Henry, de Boston, já esqueceu, e eu agarro o braço de minha melhor amiga com tanta força ao ver as costas dele que essa melhor amiga me olha e se solta de mim.

De uma vez só, minha manhã despenca de novo, e me sinto mais deprimida do que quando descobri que meu celular estava descarregado. É engraçado como uma possibilidade pode levantar o astral de uma pessoa. É engraçado como a realidade pode jogá-lo para baixo.

Observo as costas de Luke, a uns oito metros de distância, enquanto ele caminha pelo corredor que leva ao ginásio, passa pelos vestiários, pelas salas de educação no trânsito e pelas das aulas de moral e cívica, rumo ao saguão principal. É como se nada tivesse acontecido. Absolutamente nada. E quem sabe? Talvez não tenha acontecido nada mesmo.

Mas, enquanto Luke Henry vira numa esquina e some, há uma coisa da qual tenho certeza. Uma coisa que me dá uma faísca de um fiapo de um pouco de

esperança de que nos vejamos de novo.

Ainda estou usando o agasalho dele.

*

— Foi um bom dia? — pergunta minha mãe quando pulo para o carro.

— Tudo bem — digo, ligando o rádio.

— Você parece ter sobrevivido sem o celular. Aconteceu alguma coisa interessante? — Ela sai do estacionamento da escola e vira no sentido de casa.

Dou de ombros:

— Um garoto novo começou hoje.

Minha mãe me olha um instante e depois se vira para a frente. Dá para perceber que ela tenta não sorrir, mas seus esforços não estão funcionando.

— Um garoto bonito? — pergunta.

Também não resisto e sorrio.

— É.

— Como ele se chama?

— Luke.

— Você conversou com ele? — pergunta ela.

— Um pouquinho. Tivemos uma simulação de incêndio e acabamos ficando um perto do outro. Ele é bem legal.

Minha mãe fica quieta por um momento, provavelmente sentindo que estou quase encerrando a conversa. Mas, intrometida como sempre será, não consegue resistir a mais uma pergunta:

— Ele estava em seus bilhetes de hoje de manhã? — indaga, casualmente.

Penso em mudar de assunto ou aumentar ainda mais o volume do rádio, mas, como ela é uma das duas pessoas com quem posso conversar sobre meu problema, viro-me e digo:

— Isso é o mais estranho!

— O que você quer dizer? — pergunta ela, animada.

— Bem, ele não estava nos bilhetes, mas tive uma conversa inteira com ele e tudo o mais. Foi bizarro.

— Talvez você tenha se esquecido de mencioná-lo — sugere minha mãe.

Estamos entrando em nosso condomínio. Balanço a cabeça.

— Talvez — digo, sem querer continuar a falar sobre ele. Na verdade, sei que nunca me esqueceria de mencionar Luke Henry. Estamos quase em casa quando o celular dela começa a tocar, dentro do portas-treco entre os bancos.

— Desculpe, querida, preciso atender.

— Sem problema — digo, feliz por ser deixada sozinha com meus devaneios.

*

No meio da noite, com a caneta na mão, minha esperança se esvai. O agasalho de Luke está na máquina de lavar, mas seu rosto praticamente desapareceu. Durante três horas, tentei vinculá-lo a minhas lembranças do futuro. Fiz perguntas a mim mesma: Temos aulas em comum? Vamos namorar? Vamos manter contato por anos? Mas, com o relógio se aproximando de 4h33 — o momento em que minha mente zera e minha memória é apagada —, preciso admitir que Luke Henry não está em lugar nenhum.

Não está em minha memória, o que significa que não está em meu futuro.

Quando finalmente aceito o fato, a verdade dói. Mas não há tempo para me demorar no assunto, e existem apenas duas possibilidades: posso lembrar a mim mesma de alguém que não faz parte de minha vida ou posso deixá-lo fora de meus bilhetes e me poupar de passar por tudo isso amanhã, de novo.

A essa hora, com a cabeça a minutos de "reiniciar", não parece haver nada a decidir. Cerro os dentes, pego a caneta e faço o que preciso fazer.

Minto para mim mesma.

3

A casa está silenciosa. É cedo.

Analiso o quarto, tentando identificar as diferenças entre duas imagens quase idênticas. O quarto de que me lembro de amanhã e a cena diante de meus olhos agora.

Sobre um descanso na escrivaninha, há uma caneca vazia com um saquinho de chá usado enrolado na alça. Há um suéter pendurado na beirada do cesto de roupa suja como se tentasse fugir dali. Amanhã, não haverá caneca. Livros escolares estarão sobre a escrivaninha. O cesto de roupa suja estará vazio.

Seguro um bilhete que explica o que perdi. Bem, ao menos os pontos importantes.

17/10 (Dom.)
Roupas:
— Agasalho masculino com capuz, supermacio (o bilhete de sexta diz que eu o peguei na escola, na caixa de objetos descartados)
— Leggings pretas
— Botas forradas com pele
Escola:
— Levar curativo para a bolha quase curada
— Levar calça de malha e camiseta para a aula de educação física (precisei pegar emprestadas roupas horríveis com Page na sexta)
— CELULAR (está com mamãe, no carro)
Outras coisas:
— J. esteve em Los Angeles nesse fim de semana c/ o pai
— Evitar Page esta semana
— Médico hoje de manhã (tropecei na sex. na aula de educação física) Separo o bilhete e leio outras mensagens da semana passada, prestando atenção especial aos comentários de sexta-feira sobre roupas e a escola. Depois, ainda com a sensação de que estou andando pelo mundo parcialmente cega, me arrasto para fora da cama e começo o dia.

*

A caminho do consultório minha mãe pega a avenida Hudson, que atravessa o cemitério da cidade. No cruzamento entre a Hudson e a Washington, ficamos paradas no sinal.

— Vamos nos atrasar — resmunga minha mãe, baixinho.

Ela bate com as mãos no volante, e eu me pergunto se está perdendo alguma reunião para me levar ao médico.

Viro a cabeça para a direita e olho as sepulturas. Estão dispostas em linhas retas que fazem uma ligeira curva ao longe.

O sinal abre e, enquanto o carro acelera, um movimento chama minha atenção. Duas pessoas, um homem e um garoto, param diante de uma sepultura. A parte racional de meu cérebro sabe que eles estão visitando algum ente querido. Nada assustador. Mas alguma coisa naquelas duas pessoas deixa meus ombros tensos e faz um arrepio percorrer meu corpo. Estremeço. Minha mãe não repara.

— Você se lembra do que vai dizer ao médico quando ele perguntar como isso aconteceu? — pergunta ela, interrompendo meus pensamentos.

— Sim — respondo, grata pela distração. — Tropecei em uma bola na aula de educação física.

— Ótimo — diz ela enquanto entramos no estacionamento. Passamos rapidamente pelo saguão e subimos dois andares no elevador, em silêncio. Durante todo o tempo, minha cabeça ainda está no cemitério.

4

— Consulta?

— É — digo, sorrindo o mais inocente de meus sorrisos para Henne Fassbinder, secretária da escola e, obviamente, alguém que adora gatos.

Ela franze a testa em resposta enquanto digita alguma coisa em meu arquivo no computador, com unhas tão longas que para abrir uma lata de refrigerante precisariam puxar o anel de lado.

Agito-me um pouquinho, desejando que ela se apresse. Quero chegar ao armário antes que as aulas terminem — assim terei menos chance de cometer erros.

— Está com pressa? — pergunta Henne.

— Não — respondo, tentando dar outro sorriso.

Ela volta a franzir a testa.

Finalmente, a Srta. Fassbinder termina de digitar e empurra para trás sua cadeira giratória. Ela abre um arquivo, encontra com facilidade a pasta com meu nome e insere o bilhete que minha mãe escreveu há alguns minutos.

Imagino que a Srta. Fassbinder esperará que eu saia para comparar a caligrafia do bilhete de hoje com a dos anteriores.

Dou meia-volta e olho o enorme relógio na parede atrás de mim. São 9h52. O sinal tocará em três minutos, o que me deixa nervosa por algum motivo. Perdi as aulas de educação física e de pré-cálculo e o período de estudos. Nada mal.

Finalmente, a secretária me oferece um passe para circular nos corredores, que eu pego sem deixar de reparar nos minúsculos gatos desenhados em suas unhas. É como se eles passeassem inocentemente por um cimento vermelho vivo que secou e os aprisionou para sempre.

Pobres gatos.

Penduro a mochila no ombro direito e saio às pressas da secretaria. Ando bem rápido pela escola — ignorando o tornozelo "bastante machucado" que consta em minha desculpa médica — e chego ao corredor principal, ao longo da biblioteca. Na metade do caminho, toca o sinal que indica o final do terceiro tempo, e passo a nadar contra uma corrente de alunos distraídos, casais de mãos dadas e panelinhas herméticas.

Procuro não olhar as pessoas nos olhos, mas às vezes é impossível. Page Thomas, parecendo uma subcelebridade que brigou com o cabeleireiro, se aproxima na direção oposta e acena para mim de uma forma que considero um

pouco entusiasmada demais. Por um segundo, não tenho a menor ideia de por que ela está tão feliz em me ver. Transfiro a mochila para o ombro esquerdo para lhe acenar com cordialidade ao passar.

Então, eu lembro.

Logo ela vai me encurralar e pedir que eu fale dela para Brad, da aula de matemática. Argh. Quem ela pensa que eu sou, um cupido?

No cruzamento do corredor principal com os das salas de aula de matemática e de ciências, Carley Lynch e seu grupo fecham a passagem. Todas estão com o uniforme vermelho e preto, e algumas garotas chegam a tomar notas do que Carley está falando.

Quando passo, reparo em uma pequena tatuagem temporária da mascote do Tigers bem em uma das perfeitas maçãs do rosto de Carley. Imagino-a se olhando no espelho hoje de manhã, antes da aula, tentando deixar a tatuagem exatamente daquele jeito, o que me faz rir sozinha.

Carley vê minha expressão e estreita os olhos. Faz uma pose enquanto analisa minhas roupas e proclama:

— Ei, otária, parabéns por ter arranjado uma roupa quas edecente hoje. Comprou no supermercado?

Sem fazer ideia sobre a origem de minhas roupas ou o motivo para Carley me odiar tanto, sinto um nó subir pela garganta. Embora eu tenha o benefício de saber que vou ficar mais bonita a cada dia — e que Carley nunca terá uma aparência melhor do que a que tem agora —, o comentário machuca. Bem no momento em que acho que vou perder o controle na frente da turminha das líderes de torcida, alguém segura minha mão.

— Vamos — diz Jamie, em voz baixa, antes de me puxar em direção ao armário.

— Não entendo — digo, baixinho.

Jamie balança a cabeça enquanto abre a porta do armário para mim. Descarrego os livros que estavam na mochila e respiro fundo várias vezes para me recompor. Enquanto isso, Jamie se apoia no armário ao lado do meu, parecendo, de forma alarmante, uma prostituta.

— E aí — diz Jason Rodriguez para Jamie ao passar. — Belas pernas.

— Obrigada — responde ela, com um brilho nos olhos.

Olho para minha amiga, pensando em como eu ao mesmo tempo a admiro e me preocupo com ela, apesar de saber como as coisas terminarão. Sem fazer qualquer esforço, Jamie tem a beleza das surfistas, apesar de que nunca pegará uma onda. O cabelo louro-escuro na altura do queixo parece ter sido lavado em água salgada e secado ao sol, e seus olhos têm o tom verde do mar. Ela é magra como uma modelo, bronzeada, e está usando uma saia curtíssima sem meia-

calça. Em outubro.

Mais adiante, Jason é cumprimentado por um amigo. Nem quero saber se isso teve a ver com Jamie.

Jamie sempre será essa garota: aquela com quem os garotos adoram flertar — não namorar — e que as garotas adoram odiar. E eu sempre serei a única amiga dessa garota.

— Como foi o médico? — pergunta. — Não acredito que caiu de novo. Você é tão desajeitada!

— Ha ha — falo, com sarcasmo. — Foi tudo bem. Ele não fez muitas perguntas, então não precisei mentir.

— Que bom!

— É — completo, pegando o livro de espanhol. — Como está seu dia?

— Horrível! — começa Jamie enquanto bato a porta do armário. — Estou em detenção.

— Por quê?

— Tivemos uma prova de história e eu não estudei, então dei uma olhadinha na prova de Ryan Greene e, de repente, o Sr. Burgess estava do meu lado. Enfim, a detenção começa no horário indigno das sete horas da manhã, e vou precisar comparecer por, tipo, duas semanas. Não acha que é um pouco injusto?

Sem esperar minha resposta, ela continua.

— Nem sei onde fica a sala de detenção. Acho melhor descobrir antes de amanhã às sete.

Jamie fica em silêncio por um segundo, e então uma coisa passa por sua cabeça.

— Ei! — diz ela, batendo em meu braço suavemente. — Por que não me avisou sobre o Sr. Burgess? Sobre ser pega? Você com certeza saberia.

— Acho que não sabia — respondo, dando de ombros. — Não estava em meus bilhetes de hoje de manhã. Desculpe.

— Tudo bem — diz Jamie. — Depois de amanhã, não serei mais uma virgem em detenções.

Nós rimos, mas sinto um frio na barriga. Essa não será a última vez de Jamie na sala de detenção. Porém, será a primeira em que ela vai flertar com o monitor, Sr. Rice, e o começo de um caso sórdido que levará ao divórcio dele e a Jamie ser mandada para uma colônia de férias só para meninas no próximo verão, para aprender a diferença entre certo e errado com a ajuda de poesia, aulas de cerâmica e Jesus.

Paro de pensar no assunto e Jamie tagarela enquanto nos dirigimos à aula de espanhol. Hoje estamos quase da mesma altura porque estou usando botas de salto, mas ela caminha mais ereta, com autoconfiança, e encara os alunos que

passam por nós. Eu olho para os sapatos deles, imaginando quem deve estar usando.

Tênis esportivos brancos com cadarços e tiras que combinam exatamente com o tom carmesim da escola?

Fácil demais.

Líder de torcida.

Tênis Adidas com meias brancas e altas?

Jogador de futebol fora de temporada (reparei nas pernas cabeludas).

Isso são chinelos? Fala sério.

Ah, lá vêm umas botas vermelhas bonitinhas. Têm um estilo "velho oeste encontra a modernidade", e quero pegá-las emprestado. Quem pode ser? Talvez a rainha do baile do ano que vem, Lisa alguma coisa? Ela é estilosa.

Sem aguentar o suspense, ergo os olhos e descubro que estava errada. A garota com as botas é Hannah Wright. Não consigo deixar de sorrir, porque o futuro de Hannah é brilhante: em poucos anos se tornará uma estrela da música country.

Pena que não posso lhe contar isso.

De volta à minha brincadeira, vejo um par de All Stars marrom-chocolate se aproximando — na verdade, vindo bem em minha direção —, mas, antes do impacto ou da identificação, Jamie me puxa para o lado. Chegamos ao corredor da sala da aula de espanhol.

— Você estava fazendo de novo aquele joguinho idiota de olhar para os pés? — pergunta ela, soltando meu braço.

Respondo dando de ombros.

— Bem, você devia olhar por onde anda. Quase foi atropelada por aquele esquisitão — diz ela enquanto entramos na sala de aula da Srta. Garcia.

— Que esquisitão? — pergunto, curiosa.

O bilhete de hoje de manhã não mencionava nada sobre um esquisitão.

— Aquele cara esquisito com quem você conversou durante a simulação de incêndio. Jake. Não, Jack. Lance? Tanto faz. Você sabe... O cara que acabou de se mudar para cá. Parecia que ele queria falar com você, mas você estava ocupada demais olhando para os pés dele. Não importa, porque você não devia se relacionar com gente esquisita. Você já é esquisita o suficiente.

Jamie se vira e me dá um sorriso bobo quando o sinal toca e acaba com nossa conversa.

Quando a Srta. Garcia pega um marcador e começa a escrever no quadro a programação do dia, eu me inclino e sussurro algo para minha melhor amiga.

— Jamie, você está linda hoje.

— Obrigada, London — diz ela, com um sorriso suave, antes de se virar no assento para Anthony Olsen, que olha explicitamente para suas pernas.

5

Não foi um sonho: eu não estava dormindo.
Quase, mas não exatamente.

Ali, naquele momento entre o repouso e o sono REM, a imagem surgiu em minha mente como se fosse um trem de carga. Agora, estou sentada, piscando furiosamente, como se isso fosse ajudar meus olhos a se adaptarem mais depressa, sem fôlego e suando apesar de o termostato manter a temperatura baixa, como fará em todas as noites em que eu viver aqui.

Como aquela foto nojenta que encontrarei daqui a alguns meses em meu livro de anatomia e na qual já não consigo parar de pensar, essa lembrança não vai embora.

Quero atravessar o corredor e me enfiar na cama de minha mãe.

Em vez disso, tento me acalmar.

Respiro fundo pelo menos cinco vezes, talvez mais, para me acalmar. Identifico todas as formas escuras no quarto como inofensivas. Por fim, volto a me acomodar no casulo ainda morno de dois travesseiros enormes que formam um V invertido na cabeceira da cama.

Sentindo-me um pouco melhor, faço meu cérebro pensar em outras coisas. O médico irritante de hoje de manhã; Jamie flertando com Jason; Jamie flertando com Anthony. Tênis brancos, botas vermelhas, chinelos bobos, sapatos pretos, tênis marrons...

Pá!

Meus olhos se escancaram mais uma vez.

Tento sacudir a cabeça. Tento voltar a pensar em sapatos. Tento até pensar em coisas desagradáveis, como a futura... situação de Jamie.

Nada funciona.

Expirando de forma barulhenta, decido deixar minha mente livre. Tentar não pensar no assunto só está piorando tudo.

Puxo as cobertas até o queixo e pisco na escuridão absoluta do quarto.

E, de repente, estou em um cemitério.

Estar ali agora me faz estremecer.

Estou em um enterro. Pelo menos, acho que estou. Não consigo distinguir muita coisa além de formas negras e confusas, que podem ser pessoas, e pedras em tons neutros atrás delas, em todas as direções. Em minhas narinas: o cheiro inconfundível de grama recém-aparada. A hora poderia ser 8h30 ou 15h14. O

céu está nublado, não dá para dizer.

Não compreendo a cena, mas ainda assim ela faz com que eu me sinta mal.

E solitária.

E com medo.

Penso se devo acender o abajur e acrescentar detalhes dessa lembrança ao bilhete de hoje — logo abaixo das observações sobre o "esquisitão" que Jamie mencionou —, mas, no final, fico paralisada.

É óbvio que as pessoas que vi no cemitério mais cedo deflagraram essa lembrança específica. Mas saber o motivo não ameniza o golpe da dura realidade. Eu me lembro do que ainda vai acontecer.

Lembro o futuro, mas esqueço o que já passou.

Todas as minhas lembranças, boas, ruins ou tanto faz, um dia vão se concretizar. Então, goste ou não — e eu não gosto —, vou me lembrar de estar em pé num gramado recém-aparado, rodeada por pedras e pessoas vestidas de preto, até que isso se torne realidade. Vou me lembrar desse funeral... até que alguém morra.

E, depois disso, ele será esquecido.

6

Chego adiantada para o período de estudos.

Troquei de roupa rapidamente depois da aula de educação física para evitar o pedido simples e bobo de Page Thomas, porque lembro quando ele vai acontecer... Não é hoje. Mas, ainda assim, eu me apressei. Pulei a inútil viagem até meu armário, perto do corredor com as salas de aula de matemática, e voilà! Aqui estou.

Adiantada.

Deve ser algo incomum para mim, porque a Srta. Mason está me olhando como se eu fosse uma coisa repulsiva que a pediram que engolisse. Sorrio para ela, que desvia o olhar.

Mais alunos chegam. Pego o livro e o caderno de exercícios de pré-cálculo na mochila, junto de uma lapiseira vermelha. Felizmente, nenhum dos outros alunos senta à minha mesa, então posso me espalhar.

Começo pelo dever que o bilhete de hoje de manhã me disse que deixei de fazer ontem à noite. Os outros alunos conversam, sabendo das últimas fofocas antes que o sinal toque.

— E nos encontramos de novo — diz uma agradável voz masculina, que surge do nada.

Acho que ele está falando com alguém da outra mesa, mas, mesmo assim, levanto os olhos.

Então, prendo a respiração.

O garoto que está de pé do outro lado da mesa, e que parece prestes a se sentar comigo, é absolutamente lindo.

— Oi? — falo, mais como uma pergunta do que um cumprimento.

— Não sabia que seu período de estudos era agora — diz o garoto, jogando a mochila em uma cadeira, de forma casual, e puxando outra ao lado dela. Ele se senta, sem tirar os olhos dos meus.

Eu o conheço?

— Obviamente — respondo, parecendo um pouco ríspida porque estou preocupada.

Estou no lugar certo?

Examino o rosto de meus colegas. Andy Bernstein. Certo. Hannah Wright. Certo.

Amanhã é quarta. Então hoje é terça. Certo.

Segundo tempo?

Sim, acabei de fazer educação física.

O garoto está falando de novo.

— ... porque depois da simulação de incêndio precisei acabar minha orientação, que levou todo o segundo período também. Mas você não estava aqui ontem. Aonde foi?

Estou batendo a lapiseira no caderno. Essa conversa está me deixando ansiosa. Penso em meus bilhetes antes de responder.

— Ao médico — digo, sem dar maiores detalhes.

— Ah, sinto muito — diz o garoto, olhando para a mesa por um momento. — Não quis ser intrometido.

Ele parece constrangido. É bonitinho.

— Tudo bem — digo, ainda batendo a lapiseira no caderno. — Tropecei em uma bola no ginásio. Minha mãe achou que eu tinha torcido o tornozelo.

— Torceu?

— Não, só machuquei — respondo.

Estou batendo mais rápido.

Ele ainda está olhando para mim.

Bem para mim.

Sério, eu conheço esse garoto?

— Que bom — diz ele.

O sinal toca e ainda estamos nos encarando; ele parece se divertir e eu provavelmente pareço prestes a explodir. Pelo menos, é como me sinto.

— Tudo bem com você? — pergunta ele, fazendo um levíssimo sinal na direção de minha lapiseira, que continua a bater furiosamente.

O fato de ele ter percebido minha energia me deixa atrapalhada; solto a lapiseira sem querer e ela voa pelo ar e cai no chão. Sentindo-me uma completa idiota, empurro a cadeira para trás e me abaixo para pegá-la. Seguro a lapiseira e, no caminho de volta, vejo uma coisa interessante.

Tênis All Stars marrom-chocolate.

Meu coração salta quando me lembro do bilhete de hoje de manhã. Esse garoto é meu esquisitão.

Meu esquisitão é gato.

De alguma forma, consigo me sentar direito e aproximar a cadeira da mesa de novo sem ficar completamente humilhada. Sorrio para ele. Ele sorri para mim, e eu sorrio mais.

— Então, você roubou meu agasalho, sabe — diz ele, com um brilho nos olhos. — Pode ficar com ele por um tempo, desde que...

— Shhh.

De sua mesa, Mau-Olhado Mason nos interrompe com um chiado alto.

— ... prometa... — O esquisitão tenta continuar num sussurro, mas a Srta. Mason bate com a mão na mesa.

— Sr. Henry! — grita ela.

A boca do esquisitão se fecha e ele olha para ela mal-humorado. Fico feliz em saber pelo menos uma parte de seu nome.

— Sinto muito — diz ele.

— Espero que sinta mesmo. Você é novo, por isso vou relevar. Mas entenda, meu filho, que ninguém conversa fala em minha sala de aula. É hora de estudar. Em silêncio. Não é hora de socializar.

Algumas das outras garotas riem baixinho. A Srta. Mason as silencia com um olhar. Ela lembra um pássaro. Um pássaro muito mau.

— Sinto muito — repete o garoto, antes de tirar um bloco e alguns lápis de carvão de dentro da mochila.

Fico feliz com toda a informação que estou recebendo. O sobrenome dele é Henry. É novo na escola. E é um artista.

Antes de começar a desenhar, o garoto sorri para mim mais uma vez. Enquanto fico toda derretida, ele abre o bloco de desenho e passa por alguns rascunhos em busca de uma folha em branco. Não posso deixar de perceber que ele tem talento e que seu tema é... curioso.

Orelhas?

Como se pudesse ouvir meus pensamentos, o Sr. Esquisitão Henry afasta uma mecha ondulada de cabelo da frente dos olhos e me olha de relance uma última vez. Ele dá de ombros e sorri maliciosamente, como se dissesse: "E daí? Eu gosto de orelhas." Dou de ombros e sorrio. O que estou tentando dizer sem palavras e que espero que ele entenda é: "Ei, todo mundo tem manias." Ele volta a desenhar antes que eu consiga pensar mais sobre o assunto, e sou obrigada a continuar meu dever de matemática em silêncio. Mas, na metade do problema número três, a ficha cai: o agasalho masculino em meu quarto só pode ser aquele do qual Esquisitão Henry estava falando. Aparentemente, não o encontrei entre os objetos descartados, como meu bilhete dizia.

Aparentemente, menti.

*

À meianoite, ligo o laptop. Digito mais rápido do que escrevo à mão. Além disso, o bilhete a meu lado já está cheio de corações nas margens e palavras floreadas sobre um garoto que conheci hoje.

19/10 (terça)

Uma lembrança horrível apareceu em minha mente quando eu estava quase dormindo hoje à noite. A pior de todas as que lembro. Não vejo muita coisa... Sei apenas que estou no meio de um grupo de pessoas vestidas de preto. Os rostos estão embaçados e alguém está morto. A princípio, pensei que talvez fosse o enterro de minha mãe, mas aí me lembrei de ouvir os soluços dela. Ela também está lá. Viva.

Posso ouvir um ou outro pássaro e o choro. Como o choro é horrível, eu me concentro nos pássaros. Acho que é de manhã, mas o céu está nublado, então não tenho certeza.

Estátua assustadora de uma mulher com ar de santa (talvez um anjo?) na cova à esquerda... esculpida em pedra verde.... que parece estar nos observando.

Termino de digitar e salvo o arquivo na área de trabalho, dando-lhe o apropriado nome de Lembrança Sombria.

Imprimo a página e coloco o bilhete digitado embaixo do que escrevi à mão; corações e flores cobrindo o relato preto e branco dos dias negros que estão por vir.

Volto para a cama e apago as luzes pela segunda vez, pensando no garoto cujo primeiro nome eu não sei e me sentindo culpada por pensar nele quando existem coisas mais importantes no futuro.

De alguma forma, em meio a tantas emoções conflitantes, o sono segura minha mão e me puxa.

E tudo o que não foi escrito desaparece.

7

No caminho para a escola, penso em contar à minha mãe a lembrança do funeral, até perceber que isso pode assustá-la. Nem todo mundo precisa saber o que está por vir.

Depois que ela me deixa, vou direto para a biblioteca. É um dia com aulas nos tempos pares, então tenho os períodos 2, 4, 6 e 8: nunca ficarei tão feliz por perder a aula de educação física no primeiro tempo. O sinal ainda não tocou, mas quero chegar cedo e me preparar para o cara que aparece em meus bilhetes.

Sr. Henry.

Dirijo-me para as mesas no final da biblioteca e tiro um espelhinho de dentro da mochila. Uso a manga da blusa para corrigir a maquiagem dos olhos e troco o espelho pelo livro de espanhol. Não ouço sua aproximação. Então, sem qualquer aviso, ele está em minha frente, debruçando-se na mesa e com olhos grudados em meu rosto.

— Ei.

Abaixo o livro e meu queixo cai. Pensei que estivesse preparada, mas não. Não para isso.

— Oi — é o que consigo dizer.

— O dia está indo bem? — pergunta ele.

— Não muito — respondo com honestidade.

Vejo preocupação em seu rosto, e isso me anima.

— O que aconteceu?

— Ah, nada — respondo. — Dormi demais, minha mãe me irritou e... nada. Não vale a pena falar sobre isso.

O sinal toca e nós continuamos com os olhos grudados um no outro. Quando o som estridente se silencia, ele sussurra:

— Tudo bem, mas, se você quiser conversar, pode falar comigo.

— Obrigada — digo, sinceramente.

— De nada — ele sussurra baixinho antes de ser calado pela Srta. Mason.

— Luke Henry e London Lane, este é o último aviso. Nada de conversa!

Sinto uma onda de calor ao ouvir o nome dele junto ao meu, e, enquanto ele vasculha a mochila procurando o dever, pronuncio o nome dele tão suavemente que eu mesma mal posso escutar.

"Luke."

Não podemos conversar durante os noventa minutos seguintes, mas sua

presença faz com que eu me sinta melhor. Permite que eu esqueça a manhã frenética e, principalmente, o bilhete de hoje.

No meio do período de estudo, meus dedos esbarram sem querer nos dele, do outro lado da mesa. Tenho a sensação de que alguém injetou adrenalina em meu coração; respiro fundo, pega de surpresa, e na mesma hora coloco a mão no colo. Luke levanta os olhos e sorri, o que me faz corar e desviar o olhar. Escuto-o rir baixinho e virar uma página.

Sabendo que não consigo me lembrar de Luke amanhã, nem no futuro, tudo o que quero agora é matar aula e passar o restante do dia o conhecendo melhor, antes que ele desapareça de novo. Em vez disso, fico sentada, dando olhadelas de vez em quando e tentando ao máximo agir de forma natural.

*

Atendo o telefone antes que minha mãe o ouça tocar e brigue comigo por estar acordada até tão tarde.

— E aí? — cochicho.

— Estava dormindo? — pergunta Jamie, mais surpresa do que preocupada com a possibilidade de ter me acordado.

— Não, mas minha mãe acha que sim.

— Não sabia que eu ia ligar? — pergunta ela.

— Você sabe que eu só me lembro de amanhã em diante — respondo, revirando os olhos, embora ela não possa ver.

— Eu sei, só estou brincando.

— Ah — digo, cansada. — E aí?

— Queria que me emprestasse aquela blusinha verde superfofa que você comprou quando sua mãe levou a gente à cidade, no seu aniversário.

Fico em silêncio. É claro que não tenho a menor ideia de qual passeio ela está falando, mas vejo o que ela vai usar amanhã.

— Alô? — diz Jamie.

— Desculpe, estou aqui. Claro, tudo bem — respondo em voz baixa. — Você vai passar aqui antes da escola para pegar, certo?

— Vou, mas lembre que eu tenho detenção, então vai ser...

— Shhh! — interrompo-a. As tábuas do piso do lado de fora estão rangendo fora. — Minha mãe está vindo. Preciso desligar.

Desligo e jogo o telefone na mesinha de cabeceira no momento em que minha mãe dá uma olhada no quarto.

— Querida, está tarde — diz ela.

— Eu sei, estava indo dormir.

Minha mãe me lança um olhar.

— O que foi? — pergunto.

— Tem certeza de que não estava falando ao telefone? — Ela sorri de um jeito que me diz que fui pega. E, mesmo assim, sem motivo aparente, eu nego.

— Tenho. — Eu me acomodo debaixo das cobertas. — Você pode apagar a luz?

Ela apaga.

— Boa noite, mãe — digo bocejando, tanto por causa do sono quanto para criar efeito.

— Boa-noite, London — responde ela e, antes de escutar a porta de seu quarto se fechando, adormeço.

8

Estou tremendo de frio dentro de meu closet, usando apenas sutiã, regata e calcinha, com gotas d'água caindo do cabelo molhado e escorrendo por minhas costas, quando Jamie quase me mata de susto ao aparecer na porta.

— Bom dia — diz ela, sem qualquer aviso.

— Caramba?! — berro, pulando mais para dentro do closet.

— Tensa? — provoca Jamie, pegando as roupas arrumadas cuidadosamente nos cabides. — Use esta. — Ela aponta para uma minissaia xadrez.

— É curta demais. Não faço a menor ideia de por que tenho isso.

— Eu fiz você comprar — responde ela, orgulhosa. — Amo essa saia.

— Pode ficar com ela — digo, virando-me e continuando a experimentar roupas. — O que você está fazendo aqui tão cedo? — pergunto, casualmente.

— Você é tão doida... — diz Jamie. — Nós conversamos ontem à noite. Vou pegar emprestada... — Ela avança até uma fileira de blusas e as examina rapidamente. Encontra a manga que procura e arranca a roupa do cabide. — ... esta blusa verde hoje.

— Fofa — digo.

— Eu sei — concorda Jamie.

Ela solta a mochila e o casaco no chão, troca sua blusa pela verde e se arruma novamente, deixando a peça que tirou em um montinho no chão.

— Você não quer isso? — pergunto, pegando-a.

Jamie dá de ombros.

— Mais tarde eu pego. Vejo você na aula de espanhol.

E, com isso, ela some.

*

— Já está indo? — Page Thomas me pergunta, com ansiedade, quando bato a porta do armário no vestiário. — Cara, você é rápida.

— É, preciso ir — respondo sem me virar para ela. — Até amanhã.

— Segunda-feira — Page me corrige, com a voz cheia de decepção.

— Ah, certo, segunda-feira — respondo alto, já a caminho das pesadas portas do vestiário.

Page está me seguindo.

— Espere... London? Posso falar com você um minutinho?

Suspiro, sabendo o que está por vir.

— Claro — digo, com todo o entusiasmo que minha completa decepção consegue reunir.

Quero ir embora e me encontrar com ele.

— Obrigada. — Page sorri.

Reparo que seus olhos azuis são tão claros que quase se confundem com a parte branca. Com o cabelo louro quase prateado, ela parece uma princesa do gelo.

Uma princesa do gelo que usa óculos antiquados e roupas largas que não combinam e que poderiam, um dia, levá-la a um desses programas de tevê que transformam as pessoas.

Encaro-a até que ela fale.

— Então, estou me sentindo boba por perguntar isto — começa ela —, mas, naquele dia em que eu estava trabalhando na secretaria e entreguei um bilhete de sua mãe para você na aula de matemática, reparei que Brad Thomas senta a seu lado e fiquei pensando se você saberia se ele tem namorada.

Brad Thomas. Vou me sentar ao lado dele pelo restante do ano na aula de matemática. Sua caligrafia parece a de uma criança. Sei disso porque, daqui a algumas semanas, darei uma olhadinha na prova dele para ver a nota. Além disso, ele definitivamente também não é um gênio da matemática.

Para enrolar, olho em volta para ver se alguém está nos observando. Meus olhos param na mochila de Page. Tem o nome dela bordado. Page Thomas.

— Gosta de um cara que tem o mesmo sobrenome que você? — pergunto, aleatoriamente.

— É — Page admite alegremente, como se tivesse planejado aquilo. — Conveniente.

Está mais para nojento.

Agora é Page quem está me encarando. Cheia de expectativa. Sei que preciso dizer alguma coisa, mas não sei bem o quê. Não posso dizer que eu me lembro do que vai acontecer — Brad partirá seu coração —, mas preciso ir embora. O relógio está avançando e, além de querer desesperadamente encontrar Luke Henry, também não posso me atrasar para a aula. Detenção com Jamie e o desastre completo que está por vir não é algo que eu queira ver em primeira mão.

— Page, preciso ir. Vou me atrasar.

O sorriso dela some, mas ela não fala nada.

— Olhe, eu não conheço muito o Brad — prossigo. — Não somos amigos nem nada, então não faço ideia se ele está namorando alguém. Sinto muito.

A expressão de Page fica tão para baixo que quase pode tocar o chão. Aparentemente, sou sua única esperança, o que, se você parar para pensar, é

irônico. A pessoa que pode ver o final é com quem ela conta no começo.

Tudo o que quero fazer é ir embora, mas me sinto encurralada pelos olhos suplicantes de Page. Aparentemente sem ter saída, penso no que ela está pedindo. Ela esqueceria Brad se eu lhe contasse que ele a humilhará e partirá seu coração? Provavelmente, não. Diria que estou maluca e encontraria outra forma de sair com ele.

Com isso em mente, entrego os pontos.

— Tudo bem, vou tentar conversar com ele e conseguir alguma informação. Logo, está bem?

Page abre um sorriso e me abraça soltando um gritinho, depois vai embora. Sigo-a até o saguão principal e depois viro à direita quando ela vai em frente. Passo apressada pelo corredor que dá na biblioteca, fazendo um bilhete mental para incluir a promessa na recapitulação do final do dia. Também faço um para não ficar obcecada com o quanto é errado levar essa história adiante.

Page pode não saber ao certo, como eu sei, o que está por vir, mas todo relacionamento corre o risco de fracassar. Em algum lugar, lá no fundo, ela deve saber que existe essa possibilidade. E, mesmo assim, acha que está tudo bem. É o bastante para mim.

Tento não pensar em meu próprio alerta em relação a Luke — aquele letreiro grande e faiscante que diz VOCÊ NÃO SE LEMBRA DELE! —, que eu ignoro em nome da possibilidade de um relacionamento. Acho que isso me faz ser um pouco como Page.

Um garoto que não reconheço esbarra em mim sem querer. Ele tem uma aparência decente, e não consigo evitar a dúvida: seria o Luke? Observo outros rostos masculinos à minha volta, de repente me dando conta de que não tenho a mínima ideia de como Luke é. Ele poderia estar caminhando a meu lado neste instante e eu não saberia. E se ele achar que sou maluca por não falar com ele? E se ele não gostar de como estou hoje?

Procuro proteção no banheiro feminino para controlar minha ansiedade. Então me examino no espelho em busca de qualquer coisa que poderia repelir Luke. Por sorte, estou completamente sozinha enquanto arrumo uma mecha de cabelo que está esquisita e verifico meus dentes, o nariz e a bunda no espelho.

O sinal toca quando estou saindo e eu corro o restante do caminho até a biblioteca.

*

— Atrasos são inaceitáveis — diz para mim a Srta. Mason, sem tirar os olhos de sua revista.

Dirijo-me para o único assento livre: o que fica diante de um garoto que parece muito feliz em me ver.

De alguma maneira, eu sei: esse é o Luke.

Enquanto me sento, ele casualmente passa uma folha do caderno por cima da mesa e volta ao que estava fazendo. Tiro o dever da mochila antes de ler o recado; a espera é excruciante, mas não quero parecer ansiosa demais. Quando leio o que ele escreveu, preciso me esforçar muito para manter minha expressão sob controle:

London,

Parece que temos um problema de conversa durante a aula. Que tal você me dar seu telefone e nós tentarmos mais tarde?

Luke

P.S. — Você está bonita hoje.

Encosto a bochecha nos ombro para abafar um suspiro. Luke escreveu o bilhete antes que eu chegasse; ele não tinha ideia de como eu estaria até me sentar aqui.

Pelo restante do período, fico sonhando com um futuro com Luke do mesmo jeito que fazem as garotas normais, que não se lembram do que vai acontecer quando estão gostando de alguém. Esse, pelo menos, é o lado bom de esquecê-lo todas as noites: posso imaginar.

Dois minutos antes do sinal, rabisco o número do meu telefone no pé do bilhete de Luke e o devolvo. Fico surpresa quando ele arrisca uma detenção ao sacar o celular e salvar meu número na mesma hora. Por sorte, a Srta. Mason não repara.

Quando o sinal toca, Luke e eu nos levantamos juntos e caminhamos até as portas da biblioteca, próximos, mas sem nos tocarmos. Hannah Wright sai antes de nós e segura a porta para que não bata em nosso rosto. Ela olha para mim, para Luke e para mim de novo e sorri de forma encorajadora antes de dar meia-volta. No corredor, Luke e eu viramos em direções diferentes.

— Falo com você daqui a pouco — diz ele.

— Tudo bem.

Quero dizer mais, mas estamos atrapalhando a passagem no corredor principal e o intervalo entre as aulas é curto. Em vez disso, aceno e me viro, obrigando-me a caminhar, e não saltitar, até o armário.

*

Mais tarde, na aula de história geral, o Sr. Ellis diz que vai passar um filme sobre a Alemanha nazista.

— É perturbador, mas espero que todos se comportem como adultos maduros. Quem não conseguir fazer isso será mandado para a secretaria.

Depois do período de estudos com Luke, ainda estou me sentindo mais como uma colegial boba do que como uma adulta madura. Tento disfarçar meu sorriso, mas é impossível contê-lo. Viro a cabeça para a janela para que o Sr. Ellis não me veja sorrindo e entenda errado.

Fico surpresa ao descobrir imensos flocos de neve caindo preguiçosamente do céu. A neve cobre o pátio como a espuma de um latte perfeito. É linda e intocada, e me acalma.

Com o sorriso bobo contido, volto a olhar para o Sr. Ellis, que está consultando um caderno sobre sua mesa. Com o indicador, ele verifica uma lista. Então, ergue os olhos e me encara.

— London Lane, você trouxe sua autorização hoje?

Todos na turma se viram para me olhar. Não consigo deixar de ficar corada diante da atenção. Por um momento, meu sorriso desaparece.

— Ah, sinto muito — digo, abaixando-me para pegar a mochila sob a cadeira.

A menos que eu a tenha colocado ali ontem e esquecido de me lembrar, sei que a autorização não está na mochila. Ainda assim, ajo como se a estivesse procurando.

— Sinto muito — digo depois de alguns segundos. — Acho que esqueci de novo.

— Então vai precisar ir para a biblioteca — diz o Sr. Ellis.

— Tudo bem — digo, levantando-me com a mochila na mão.

Meu rosto queima quando caminho até a frente da sala para pegar o passe da mão do Sr. Ellis. Deixo a sala de aula e, no corredor, meu constrangimento diminui rapidamente. Esse é o tipo de mancada que sempre vou odiar: os pequenos erros que me fazem parecer uma idiota.

Mas, hoje não.

Hoje tem neve no pátio.

Hoje tem Luke.

9

Apesar dos flocos de neve caindo e obstruindo minha visão, enxergo a silhueta de Jamie na janela da frente da casa dela enquanto contorno a esquina da rua.

— Por que não está usando aquele casaquinho lindo que você comprou quando fomos fazer compras nos brechós? — pergunta ela antes mesmo de abrir totalmente a porta da casa estilo anos 1970. — E por que está vestida como se fosse explorar o Ártico?

— Por que você estava me observando? — respondo com outra pergunta enquanto sacudo a neve das botas e passo por ela para entrar.

Começo a me livrar das camadas de roupas.

— Está escuro — ela diz e dá de ombros. Jamie nunca vai admitir, mas, pelo menos em relação a mim, ela é muito protetora. — Aliás, por que você veio andando?

— Não sei. — Estou tirando o cabelo molhado do rosto. — Pareceu uma boa ideia.

Termino de me desembrulhar e arrumo cuidadosamente minha roupa de inverno no banco perto da porta. Mas não sem antes pegar o celular, para o caso de Luke me ligar hoje à noite.

Quando estamos prontas para ir para o quarto de Jamie, a cabeça da mãe dela aparece em um corredor e sorri para mim. Ela está usando um avental com estampa retro por cima de seu terninho.

— Oi, London!

— Oi, Susan — digo, com um aceno amigável.

Jamie revira os olhos, segura minha mão e me puxa para a escada.

— Como vai você, querida? — pergunta Susan quando passamos por ela.

— Estou bem, obrigada — respondo enquanto sou arrastada para a toca de Jamie: o porão adaptado.

No meio da escada, minha mãe liga para ter certeza de que cheguei em segurança. Digo logo que estou ótima e desligo.

Trinta minutos mais tarde, estou na cama de Jamie, tentando não sujar seu edredom com esmalte vermelho-sangue.

— Por que você está com essa cara esquisita? — pergunta ela.

— Está me deixando nervosa. — Não sei. Só estou feliz.

— Por causa do esquisitão? — provoca Jamie.

— Ele não é esquisito, é gato.

Jamie dá de ombros.

— Então, qual é o lance? Você se lembra de ter filhos com ele ou algo do tipo?

Largo o esmalte e dirijo um olhar sério para minha melhor amiga. — Não — eu sussurro. Jamie se aproxima de mim. — Não consigo me lembrar dele.

— Então, de que adianta? — pergunta ela, revirando os olhos e parecendo desapontada, e então volta a prestar atenção às unhas. — Por que se dar o trabalho?

— Bem, é justamente isso — digo. — Se você parar e pensar, não é que ele não esteja em meu futuro.

Aquilo desperta sua atenção. Ela ergue os olhos.

— Hein?

— Bem, eu reli meus bilhetes desta semana. Na segunda-feira, não me lembrava do Luke de terça. Mas aí, na terça, conversei com ele e tudo. Entende?

— Ahn... não.

— Ele estava em meu futuro na segunda-feira, eu só não me lembrava disso. Não é que ele não faça parte de meu futuro...

— Então, provavelmente, é porque ele vai fazer alguma coisa ruim para você. Você está bloqueando Luke. — Jamie larga o esmalte e me olha com seriedade. — London, você precisa ficar longe desse cara.

— Não significa, necessariamente, uma coisa tão ruim — falo, querendo defendê-lo. — Quer dizer, ele não vai me matar nem nada.

— Como é que você sabe? — pergunta Jamie.

— Eu simplesmente sei! — exclamo, simplesmente sem saber, mesmo.

Mas, pela lógica, eu me lembro de um futuro bem distante, então suponho que não vou ser assassinada tão cedo.

— Tudo bem, tudo bem! — grita Jamie em tom de brincadeira, levantando as mãos em rendição. — Só acho que você pode mirar um pouco mais alto.

Não respondo por medo do que vem a seguir. Preparo-me para a conversa que meu bilhete de hoje de manhã me avisou que teríamos agora à noite.

— Ted, por exemplo — começa Jamie.

Ela se refere ao monitor da sala de detenção, que, por acaso, também é professor de educação no trânsito. Que, por acaso, também é casado.

— O que tem ele? — resmungo.

— Ei, isso não é legal — diz Jamie, franzindo a testa de forma infantil.

— Ele é casado, Jamie — falo sem olhar para ela.

Tento não me lembrar de segurar a mão dela em seu leito de hospital depois que um vidro de comprimidos não funcionou, mas tentar afastar a lembrança só a deixa mais firme em meu cérebro.

— Ele é infeliz no casamento, e é um cara muito legal.

Jamie defende o Sr. Rice como eu defendi Luke. Não consigo deixar de pensar no casamento infeliz que ela mesma vai ter, ou nas histórias do casamento infeliz dos pais dela, que talvez a tenham influenciado de alguma forma.

Isso me faz lembrar um bilhete da semana passada que li hoje de manhã.

— Ei, como está seu pai? — pergunto casualmente. Quando estivermos na faculdade, Jamie e eu vamos passar umas férias na casa dele em Los Angeles. — Você não o visitou?

Ela me olha de um jeito engraçado.

— Por que está agindo como se o conhecesse? Você nem foi apresentada a ele.

— Ah, desculpe. Enfim, como foi a viagem?

Jamie me olha com ar cético e passa esmalte nas unhas.

— Já falamos sobre isso. A viagem foi boa. Ele está bem. Sua esposa nova tosca continua tosca.

— Fico imaginando se meu pai também tem uma esposa nova tosca — digo, baixinho.

Fecho com força a tampa do esmalte vermelho e poderoso.

— Você tem preto? Minhas unhas estão descascadas — digo, analisando o estrago.

— Vermelho embaixo e preto na ponta, é? Bem a cara da escola — comenta Jamie enquanto revira uma cesta cheia de vidrinhos de todas as cores.

Ela encontra o esmalte preto e joga-o para mim. Mas permanece focada.

— Por que essa conversa sobre pai assim de repente? — ela pergunta, mas não me deixa responder. — Eles se foram. Fim da história. Enfim, pare de tentar mudar de assunto. Estou falando sério sobre Ted. Ele é mesmo ótimo.

— Aham — murmuro enquanto pinto as unhas.

— Ele pediu que eu o encontrasse depois da aula na segunda-feira — diz ela, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Paro de pintar uma unha na metade.

— Jamie, sério, você não pode fazer isso.

— Por que não?

Jamie ri como se fosse uma brincadeira. Não vê o que esse caso vai fazer com ela, mas eu vejo.

— Por que não? Vou lhe dizer por que não.

— Vá em frente, estou ouvindo — diz ela, mas pega um vidrinho de esmalte rosashocking e começa a fazer os dedos dos pés.

— Ele é um professor, você é uma aluna. Ele é adulto, você é menor de idade. É ilegal, Jamie! Ele pode ser demitido e acabar na cadeia.

— Não. Isso nunca acontece.

Isso nunca acontece? Será que vivemos em um mundo no qual essas coisas são tão comuns que Jamie tem base para dizer que "isso nunca acontece"?

Eu a ignoro e prossigo.

— Ele é velho.

— Só tem vinte e quatro anos — responde Jamie. — E você já olhou para ele? É totalmente gato!

Penso em quando vou passar pelo Sr. Rice no corredor na semana que vem: ela tem razão, ele é gato. Mas isso não justifica.

Consulto mentalmente meus bilhetes e relembro o nome de alguns caras com quem Jamie se relacionou nos últimos tempos.

— Você não gosta do Jason? Ou do Anthony?

— Eles são apenas garotos. São bons passatempos, mas Ted é um homem.

— Que obviamente tem problemas, se está correndo atrás de uma aluna do ensino médio.

— Eu não sou uma aluna qualquer do ensino médio. E, sério, London, você não vai me fazer mudar de ideia. Eu gosto dele! Por que não pode ficar feliz por mim?

Meu argumento não está chegando a lugar nenhum, então apelo para o armamento pesado.

— Preciso lhe dizer como isso tudo vai terminar? — pergunto em voz baixa.

A cabeça de Jamie se vira bruscamente para mim. Ela me olha nos olhos. Vejo fogo ardendo em seu olhar.

— Você não me diz que vou ser pega colando, mas fica feliz em estragar as coisas com Ted?

— Não fico feliz, mas...

— Chega — diz ela, erguendo a mão. — Não quero ouvir. Vamos simplesmente ver no que dá. Certo? Vamos ver o que acontece. Você pode estar errada.

— Não estou — digo, confiante.

— Tanto faz.

Ficamos em silêncio por alguns instantes. Penso na longa caminhada para casa, debaixo de neve, e acabo cedendo, mesmo achando que estou certa.

— Desculpe, J. É que eu me preocupo com você.

— Eu sei que você se preocupa. Mas pare. Estou bem.

— Sei que está — digo.

— Sério, London, ouça. — Ela se endireita na cama. — Você pode fazer a confusão que quiser com suas coisas, mas guarde essas lembranças sobre mim para si. Já é muito esquisito saber que você viu o que vai acontecer comigo. Não sou uma dessas pessoas que vão a cartomantes. Gosto de surpresas. Deixe que eu

viva minha vida. — Antes que eu possa abrir a boca, ela acrescenta: — Por favor?

— Vou deixar — prometo, triste.

— Obrigada — diz Jamie com um sorriso fraco.

Acho que estamos bem, mas, quando saímos do quarto para subir e jantar espaguete, Jamie resmunga:

— É melhor você escrever isso em seu caderninho, para não esquecer.

— Não se preocupe — digo baixinho. — Vou escrever.

10

Estou no cemitério.

Minha mãe está à minha direita, soluçando. Há um anjo de pedra ameaçador à minha esquerda. Ao longo de um semicírculo de pessoas vestidas de preto, alguns rostos se destacam: uma mulher mais velha com um lenço de renda branca, uma mulher mais jovem em um vestido decotado, um careca imponente que parece um muro de tijolos.

Meus olhos ficam presos por um momento num pequeno broche preto preso ao agasalho da mulher mais velha. De onde estou, parece um besouro de pedras preciosas, algo estranhamente elegante para um funeral. No entanto, lembro-me vagamente de que, em algum momento, lerei um artigo sobre os egípcios serem enterrados com besouros. Talvez aquilo tenha algum significado para ela. Ou talvez ela apenas goste de insetos.

Hesitante, respiro fundo, temendo o fedor de corpos em decomposição, mas, em vez disso, sinto dois de meus cheiros favoritos: grama e chuva. Alguns dos enlutados estão com guarda-chuva.Alguns estão se molhando.

Olho para o caminho que leva a nosso grupo: é de terra batida e pedras — e em alguns lugares, praticamente só terra. Por causa da chuva, há pegadas. Algumas pequenas, algumas grandes. Muitas pegadas.

Tenho vontade de andar sobre as pegadas e estragá-las, mas não faço nada. Em vez disso, fico parada na chuva, perguntando-me o que está acontecendo.

11

Com os olhos adaptados à manhã de outubro, tento ler o bilhete no escuro. Não consigo.

Rolo para um lado e me esgueiro para fora do edredom aconchegante. Esticando o braço para ligar o abajur que terei por muitos anos, derrubo um copo d'água que não me lembro de ter deixado na mesinha de cabeceira.

Um erro de amadora.

Depressa, acendo o abajur e seco a pequena poça com a manga do pijama. O pijama é de moletom vermelho. Não me lembro de tê-lo vestido.

Com a situação sob controle, volto a afundar nos travesseiros.

Aperto os olhos por causa da luz e seguro o bilhete a centímetros do nariz. Leio.

24/10 (domingo) Roupas: — Pijama de moletom vermelho a maior parte do dia — Suéter verde-azulado e jeans skinny (mamãe e eu jantamos no Casa de Amigos... derramei molho picante na coxa... checar se a mancha saiu)

Escola: — Levar dicionário para o exercício de tradução na aula de espanhol — Teste de anatomia (olhar o guia de estudos perto do computador antes de ir para a escola)

— Começar o projeto de design gráfico

Outros: — J. ainda estava estranha hoje por causa da conversa de sexta-feira (ela me disse de novo para não lhe contar nada sobre seu futuro)

— Bilhetes sobre J. e eu falando de nossos pais me deixaram curiosa... fuxiquei o quarto da mamãe hoje quando ela deu uma saída. É uma loucura o que encontrei. Envelope na gaveta direita da escrivaninha. Não tenho certeza do que fazer além de não falar nada para ela, por enquanto

— Luke não ligou hoje de novo (ver bilhetes anteriores; ele parece incrível a não ser por esse negócio de não telefonar)

Afasto a coberta pesada e vou me arrastando até a escrivaninha. Pego o guia de estudos e o envelope gordo dentro da gaveta. Ao voltar para a cama, meus olhos vagueiam pelas fotos emolduradas de mim e de Jamie, aparentemente da época do ensino fundamental. Tem uma colagem boboca com fotos e recortes de

revistas que imagino que Jamie e eu fizemos juntas. É infantil, mas gosto dela. Sem conseguir me lembrar ao certo, acredito que as coisas eram muito mais simples naquela época.

*

Meia hora mais tarde, minha mãe bate à porta e me apresso para esconder a pilha de contrabandos. Quando não respondo, ela abre a porta de qualquer maneira.

— Eu bati — diz.

— Eu sei.

Ela me olha intrigada em resposta ao que só posso concluir que seja minha expressão de raiva e de culpa.

— Você vai se atrasar para a escola.

— Tudo bem, vou me apressar — respondo.

— O que houve? — pergunta ela, com uma expressão estranha ainda grudada no rosto.

Você é quem deveria responder, penso.

— Nada, por quê? — É o que digo.

— Você parece... distante. Parecia distante ontem à noite também. — Ela está com uma das mãos na porta aberta e a outra no batente.

— Bem, não estou — retruco.

Ela ergue as mãos em rendição.

— Tudo bem, London. Mas se mexa. Você vai se atrasar.

Minha mãe se vira e fecha a porta ao sair.

Vinte minutos depois, no percurso até a escola, ela interrompe meus pensamentos.

— É por causa daquele garoto?

Viro a cabeça para ela bruscamente.

— Você leu meus bilhetes? Isso é uma completa invasão de privacidade — protesto.

— Nossa... — fala minha mãe, com calma. — Eu certamente não li seus bilhetes, London Lane. Nunca faria isso. Por que está pensando uma coisa dessas?

— Porque você sabe sobre o garoto.

— London, você me contou sobre ele — diz ela, com um sorriso irritante.

— Ah. — Fico constrangida. — Bem, não quero mais falar sobre ele.

— Como quiser — responde minha mãe, com uma risadinha que me dá vontade de gritar.

Por sorte, chegamos à escola.

Assim que o carro para na área de desembarque, pulo para fora, bato a porta e entro cheia de determinação no Meridan High.

Conforme a manhã avança, minha hostilidade em relação à mamãe se transforma em raiva do mundo. Quando Jason Samuels me acerta sem querer no ombro com a bola de basquete na aula de educação física, atiro a bola de volta nele, na mesma hora.

Com força.

Quando Page Thomas ousa se aproximar de mim para falar sobre sua paixão estúpida, meu olhar cortante a faz calar a boca.

Quando, no corredor, esbarro na linda garota gótica que vai passar a maior parte do tempo até o fim do ano no estacionamento, não peço desculpas.

E, quando abro as portas da biblioteca com força, passo pelos detectores de metal pisando duro e marcho até meu lugar para o período de estudos, estou pronta para confrontar Luke por não ter me ligado ou para simplesmente ignorá-lo.

Mas aí ele chega. E fala.

— Quer almoçar lá em casa hoje? — pergunta, todo covinhas e olhos azuis.

— Quero — respondo. — Quero, sim.

*

— O que é isso?

Jamie é intrometida demais. Bastou que eu abrisse a mochila para guardar o livro de espanhol antes da aula e ela conseguiu vistoriar todo o conteúdo em menos de dois segundos.

— Nada — digo, passando os olhos pelo envelope pardo antes de fechar o zíper e colocar a mochila no ombro.

Jamie está me encarando. Não acreditou no "nada".

— Está bem — digo, afastando-a de meu armário e levando-a na direção da aula de espanhol. — Eu falo, mas não é nada de mais.

— Parece interessante — diz ela, enlaçando meu braço.

Jamie e eu sempre andaremos assim: de braços dados. É uma coisa nossa e eu gosto, especialmente agora de manhã, quando sinto que preciso de sua força para enfrentar o que está por vir.

Porém, lembrando-me do bilhete de hoje, sei que ela também precisará de minha força hoje.

Jamie me olha com expectativa.

— São umas fotos antigas e outras coisas — falo em voz baixa, como se fosse um segredo.

— De quem?

— Meu pai — respondo, franzindo o rosto.

— Você e essa história de pai agora...

A voz de Jamie diminui e ela olha para a frente para nos conduzir através da agitação do corredor.

— Encontrei isso escondido em uma caixa no closet da minha mãe, junto de umas gravatas velhas e outras coisas do papai.

— Você andou bisbilhotando o closet da sua mãe? — pergunta Jamie, ignorando completamente o mais importante.

— Sim — falo, sem dar explicações. — Enfim, essa não é a pior parte.

— Qual é a pior parte? — Os belos olhos de Jamie se voltam para mim.

— Ele me mandou alguns cartões de aniversário quando eu era pequena — digo, sentindo-me mal.

Exatamente três. Exatos três cartões de aniversário, que, aparentemente, minha mãe escondeu.

— O que eles diziam? — pergunta Jamie, intrigada.

— Só coisas normais — minto.

Na verdade, os cartões são deprimentes. São vagos e cheios de desculpas.

Mas estão ali.

Jamie e eu caminhamos em silêncio até a sala de espanhol, eu pensando em meu pai, e Jamie agarrando meu braço com força, porque acho que ela sabe que precisa fazer isso nesse momento.

12

— É ele? — cochicha Jamie, inclinando-se em minha direção.

Nossas carteiras estão juntas, frente a frente. Deveríamos estar traduzindo a matéria de um jornal em espanhol.

Em vez disso, Jamie está flertando com Anthony e eu estou olhando fotos desbotadas devidamente escondidas entre as páginas do dicionário de espanhol.

— Acho que sim — respondo, também cochichando.

Não sei por que estamos cochichando: deveríamos falar durante a aula de conversação. A Srta. Garcia nos olha torto, então Jamie traduz a manchete da matéria.

terremoto sacode a cidade do México

— El terremoto... — ela lê em espanhol, em voz alta, enquanto escreve, exagerando a virada da língua para me fazer rir. Sei que ela está tentando melhorar o clima.

Escuto Amber Valentine atrás de mim se esforçando para pronunciar "hambre", ou fome. Ela desiste e resolve divertir seu parceiro dizendo "tengo hambúrger", e suspeito que ele só ri tanto da piada idiota porque Amber Valentine se parece com alguém que se chama Amber Valentine.

— Deixe-me ver outra — ordena Jamie quando termina de escrever.

Eu lhe estendo o dicionário com as fotos dentro.

Enquanto ela as observa, eu as vejo de cabeça para baixo e invertidas, pensando que meu pai é exatamente como imaginei.

Ele tem olhos bondosos e um sorriso que vai de orelha a orelha. Obviamente, herdei a cor de seu cabelo, mas sua pele é pálida e cheia de sardas, enquanto eu tenho pele de porcelana, como a de mamãe. Usando filtro solar com fator de proteção noventa, sou capaz de ficar levemente bronzeada; vejo pelas fotos que meu pai está sempre branco ou vermelho.

Quase consigo ouvir uma risada despreocupada e estrondosa saindo das imagens desgastadas. Seu uniforme parece ser jeans desbotados e camisas para fora das calças, e, vestido assim, ele parece grande e forte, pronto para enfrentar monstros reais ou imaginários.

Jamie para em uma foto em que ele está ensinando uma versão pré-escolar minha a nadar. Na foto, ele olha para minha versão mais nova e desajeitada com um misto de admiração, curiosidade e amor evidente. Acho que vou chorar.

Jamie me olha e vira a página.

— Esta é sua avó? — pergunta ela, baixinho.

— Onde? — falo, inclinando-me até ela.

Jamie vira o livro para mim e aponta o fundo de uma foto em que meu pai me segura ainda bebê.

Ali, atrás de nós, está alguém em quem eu nem tinha reparado.

Alguém que não sei quem é, mas que reconheço.

Alguém a quem ainda não fui apresentada, mas serei.

Meu coração bate mais depressa quando agarro o dicionário e o puxo de volta para meu lado da dupla de carteiras. Eu me curvo sobre a foto, e me curvo ainda mais, desejando ter uma daquelas pequenas lentes de aumento que os vendedores de diamantes usam.

Ali, no meio da aula de espanhol, com Jamie me olhando como se tivesse vergonha de me conhecer, a ficha cai.

A mulher no fundo da foto é obviamente minha avó. Ela está olhando para minha versão bebê com tanto amor e devoção que chega a doer.

Mais do que a expressão, é a aparência dela que entrega o jogo. O cabelo é como o meu e o do meu pai, e quase todo o restante está carimbado nele e salpicado em mim.

— Vinte minutos — diz a Srta. Garcia para a turma, interrompendo minha análise. Jamie resmunga alguma coisa obscena e pega nosso trabalho. Ela começa a traduzir furiosamente.

— Quer ajuda? — ofereço.

— Não, continue obcecada — responde ela, sem erguer os olhos.

— Obrigada.

— De nada.

Vinte minutos depois, Jamie entregou o trabalho que vamos receber de volta na semana que vem com um B em vermelho vivo rabiscado no alto da folha, e estamos juntando nossas coisas. Coloco o dicionário cuidadosamente na mochila, tentando não deixar nenhuma foto cair.

— O que vamos fazer no almoço? — pergunta Jamie, pendurando a mochila no ombro.

Nesse instante, lembro-me do que eu vou fazer. Endireito as costas e olho para minha amiga.

— Luke me convidou para almoçar com ele hoje.

— Ah — diz ela, parecendo decepcionada. Acho que vejo uma faísca de alguma coisa em seus olhos. Irritação? Ciúme? — Tudo bem, vou almoçar com Anthony.

— Desculpe, J.

Reparo que Anthony está saindo às pressas e fico me perguntando como ela

realmente passará a hora de almoço.

Enquanto caminho para encontrar Luke, minha cabeça está nas fotografias. Em uma fotografia, na verdade. Em uma pessoa, especificamente: minha avó.

Não acredito que não a reconheci hoje de manhã. Agora, penso no que significa reconhecê-la.

Por um lado, tenho um exemplo de vida mais velho e mais sábio, que (supostamente) me ama e que talvez queira fazer biscoitos para mim e trançar meu cabelo. Hum, tudo bem, vamos ficar só com os biscoitos.

Mas, por outro lado, minha única lembrança futura dela é a mais sombria que já tive: minha avó é a mulher idosa que usa o bonito broche de besouro no enterro.

Meu cérebro dá voltas e voltas enquanto dobro em um corredor e entro no saguão principal. Vejo Luke encostado na parede do outro lado, com a mochila a seu lado no chão. Ele está olhando para baixo; parece perdido em pensamentos. Assim que me pergunto no que ele está pensando, seus olhos encontram os meus. Ele sorri, afasta-se da parede de tijolos e pega a mochila.

Por alguma razão, meu cérebro escolhe aquele exato momento para compreender tudo. Paro no meio do saguão. Um garoto quase esbarra em mim. Luke parece confuso.

O enterro.

Vovó.

Mamãe.

Existe apenas uma explicação lógica. Não quero pensar nela, mas a ideia abre caminho mesmo assim.

É o enterro do meu pai.

Meu pai vai morrer.

Pronto.

Pensei.

13

Estou quase completamente distraída por Luke quando passamos por fileiras de carros de alunos e chegamos à sua...

Minivan?

Ele ri da minha expressão perplexa ao ver um carro normalmente usado por mães de classe média. Aparentemente, era o carro da mãe dele antes que ela o trocasse por um SUV "muito econômico".

Quando liga o motor, Luke confirma se continuo topando ir almoçar na casa dele, em vez de sairmos para comer uma pizza ou qualquer outra coisa.

Aparentemente, a mãe levou as irmãzinhas dele para comprar roupas na cidade. Aparentemente, Luke tem irmãzinhas.

— Quantos anos elas têm? — pergunto, examinando o carro.

— Quase três.

Franzo a testa enquanto me concentro e tento fazer as contas.

— Está se perguntando se um de meus pais se casou mais uma vez? — pergunta Luke com uma risada.

— Mais ou menos — confesso. — É uma diferença de idade bem grande.

— É, sim — diz Luke. — Quando eu nasci meus pais eram bem jovens.

— E decidiram ter mais filhos depois?

— É. Eles se separaram e se casaram de novo. Aí tiveram as gêmeas.

Ainda devo estar com uma expressão estranha, porque Luke continua a falar.

— Sei que é esquisito. Quer ouvir a saga?

— Quero — respondo com entusiasmo.

— Tudo bem — diz Luke, sorrindo. — Nós morávamos em Chicago quando eu nasci. Meus pais estavam juntos desde a escola. Eles se casaram jovens, logo depois da formatura. Dá para imaginar? — ele pergunta, mas não me deixa responder. — Enfim, eu nasci quando eles tinham uns vinte e cinco anos. Eram superpobres, então nós morávamos no porão da casa dos meus avós. Meu pai estudava direito e minha mãe cuidava de mim e trabalhava à noite para ajudar a pagar a faculdade dele. Acho que eles eram bem felizes, apesar da falta de dinheiro. Depois de se formar, meu pai foi contratado por um grande escritório de advocacia em Nova York. Mudamos para lá quando eu tinha uns cinco anos.

— Você morou em Nova York? Isso é tão legal! — digo, lembrando-me da cidade por causa das visitas que farei quando for adulta (mal posso esperar).

— É, era sim. Quer dizer, eu era pequeno, mas me lembro de bastante coisa.

Minha mãe me levava para passear pela cidade. Era muito divertido. Sabe como algumas lembranças da infância permanecem com você?

— Sei — minto, tentando fixar uma expressão nostálgica em meu rosto.

Luke para e sorri para mim. Ele parece querer perguntar alguma coisa, mas não pergunta. Em vez disso, continua a história.

— Enfim: a diversão não durou muito. Meu pai se tornou sócio do escritório, e minha mãe e ele começaram a brigar porque ele passava muito tempo no trabalho. Tipo, muito tempo. Não me lembro dele em casa por alguns anos.

Pelo menos você se lembra dele, penso.

Luke sai da autoestrada e vira à direita, em direção ao condomínio mais novo que fica em frente ao meu. Fico feliz ao descobrir quão perto moramos.
Ele prossegue.

— Então, quando eu tinha uns dez anos, eles se separaram. Não vi meu pai durante dois anos. Ele mandava cartões no meu aniversário e essas coisas...

Estremeço.

— ... e sei que ele pagava a pensão. Mudamos para Boston.

Minha mãe arranjou um emprego numa loja de móveis. Ela trabalhava muito, e eu passava as férias de verão com meus tios.

Luke para outra vez, como se esperando que eu dissesse alguma coisa. Sem saber ao certo como reagir, sustento seu olhar até que ele seja obrigado a se virar de novo para a rua. Ele continua.

— Então, um dia, meu pai apareceu trazendo flores e implorando que minha mãe o aceitasse de volta. Depois de algum tempo, ela aceitou, e ele arranjou um emprego em um escritório menor em Boston, e chegava em casa às cinco e meia da tarde todos os dias. Foi como se Nova York nunca tivesse acontecido. Era tudo bem esquisito, mas esses são meus pais. Depois, um dia, eles me vieram com a notícia chocante de que teriam gêmeos.

— Uau... — digo quando ele termina.

— Eu sei, desculpe. É uma história muito comprida e chata.

— Não, de forma alguma. Parece um filme.

Luke ri.

— Ah, tenho certeza de que todo o mundo tem seus dramas de cinema — diz ele de um jeito que me dá a impressão de que consegue ver minha alma.

— E seus pais? — pergunta ele, casualmente.

— Minha mãe é corretora de imóveis — digo, com os olhos nas casas que passam.

— E seu pai? O que ele faz?

— Não sei — respondo em voz baixa. Luke olha para mim.

— Desculpe ter tocado no assunto — diz ele.

— Não tem problema — minto.

Na verdade, é um problema muito grande, especialmente hoje, mas não é nada que eu precise dividir com um namorado em potencial que parece não ter qualquer papel no meu futuro. Fico aliviada quando chegamos à casa dele. À casa muito nova e muito grande de Luke.

Entramos e, depois de um breve passeio pelo andar principal, Luke prepara sanduíches de peru na cozinha enquanto eu examino uma prateleira na biblioteca, cheia de porta-retratos dele e das irmãzinhas. Sinto uma leve pontada de inveja ao ver os irmãos felizes.

Uma foto em que Luke parece ter onze ou doze anos chama minha atenção, e meus olhos voltam a ela como se fosse um ímã nas primeiras vezes em que desvio o olhar. Ali, ele obviamente está passando por uma fase de marrento. Não consigo parar de olhar.

Finalmente, eu me concentro nas fotos das irmãzinhas.

— Elas são uma graça — digo sobre as meninas quando Luke traz o almoço.

— É, são mesmo. Devia ver ao vivo. Elas falam as coisas mais engraçadas. — Luke está sorrindo, e a ideia de ele fazer o papel de irmão mais velho daquelas duas lindas mocinhas parece perfeita. — Bem, você vai conhecê-las algum dia. Aqui — diz ele, oferecendo-me um prato.

— Não sabia que você era de uma equipe de remo — digo, antes de dar uma mordida no melhor sanduíche de peru da face da Terra.

Ele franze a testa, e penso que talvez já tenha me contado isso. Mas ele responde:

— Preciso manter você longe das fotos.

— É bonitinho — tento falar apesar do pão e do peru, admirando uma foto de Luke com seus colegas.

Ele parece estranhamente deslocado entre os mauricinhos, mas, ao mesmo tempo, estranhamente à vontade.

— Ha ha — ele responde com sarcasmo e depois sorri. — Não gosto muito de esportes em equipe, mas remar era bem legal. Você não faz ideia do que é frio até ser jogado no rio Charles às seis da manhã.

Rimos juntos e terminamos o almoço antes de Luke me levar em uma visita guiada pelo restante da casa. É linda, e em cada cômodo procuro vestígios dele.

Luke faz o dever de casa aqui. Luke assiste tevê ali. Luke joga videogame aqui. Luke janta ali.

No andar de cima, há quatro quartos ao longo de uma sacada em formato de U que dá vista para a entrada principal. Em um canto, fica o quarto do casal. O cômodo mais próximo é o quarto das gêmeas. Depois, há um quarto de hóspedes.

E, então, chegamos perto do quarto de Luke.

Meu coração acelera um pouco enquanto observo a madeira escura e as paredes azul-marinho, que contrastam com os tons claros do restante da casa. Vejo um violão bastante usado apoiado em uma cadeira baixa, num canto. Uma imensa pintura a óleo da orelha de uma menina está encostada na parede. É ao mesmo tempo estranha e bonita, e não posso deixar de imaginar quem é a dona daquela orelha. Será que Luke quer pintar a minha?

As cobertas estão jogadas em uma tentativa modesta de arrumar a cama, e me vejo com vontade de correr até ali e cheirar os travesseiros.

Não sei como, mas consigo não agir como uma louca.

Temos pouco tempo, então não vou muito além da porta, e, cedo demais, Luke me guia delicadamente para longe do único lugar onde eu gostaria de estar nesse segundo.

— É melhor irmos embora — diz ele delicadamente, colocando a mão nas minhas costas. — Não quero criar problemas para você.

Concordo com alguma relutância, mas, enquanto descemos pela grande escadaria e saímos até a minivan, sinto uma atração inequívoca pelo quarto dele.

Há tanto Luke naquele quarto. Quero mais.

Voltamos para a escola em um silêncio confortável e entramos de mãos dadas. Pouco antes de nos separarmos no meio do saguão, Luke se vira para mim.

— Quer sair comigo no sábado à noite?

— Quero — respondo, talvez antes que ele terminasse a pergunta.

Sorrio para ele, que ri de mim.

E então ele se aproxima.

Prendo a respiração, pensando que Luke talvez me beije bem ali, no meio do saguão. Quando estou decidindo se posso ou não beijar diante de uma plateia, Luke, olhando fixamente em meus olhos, aproxima a mão do meu rosto. Devagar, delicadamente, ele passa o polegar pela linha do meu maxilar. Fico hipnotizada pelo jeito mais perfeito de tocar alguém. Estranhamente, parece mais íntimo que um beijo.

— Falo com você mais tarde — Luke sussurra antes de sair do transe e partir em direção à próxima aula.

— Tchau — digo ofegante, enquanto ele vai embora.

Fico parada, curtindo o momento. Então, antes de me virar para ir flutuando até a aula de história, uma roupa familiar chama minha atenção. Do outro lado do imenso saguão principal, vejo Jamie em frente à máquina de refrigerantes me encarando.

Aceno e ela retribui, mas falta alguma coisa nesse seu gesto simples. Penso em ir até lá e conversar com ela. Mas, antes que meus pés se mexam, Jamie se

vira e vai embora.

14

— Jamie?
— Oi! Por que atendeu desse jeito?
— Só estou surpresa por você ter ligado, eu acho — admito.
— Por quê? — ela se faz de desentendida.
— Você parecia chateada hoje — digo, suavemente.
— Não sei do que você está falando.

Imagino a expressão culpada em seu rosto do outro lado do telefone. Posso ouvir a culpa em sua voz, e isso me basta. Mudo de assunto.

— E aí?

— Nada — diz ela. — Jantei, vi tevê.

— Eu também.

— Falou com sua mãe sobre as coisas que encontrou?

— O quê? Não! — Praticamente grito ao telefone, e então acrescento em um tom mais baixo: — Não posso conversar com ela sobre isso.

— É mesmo — diz Jamie, de um jeito que me irrita. A mãe de Jamie nunca vai ser enxerida como a minha. Ela apoiará Jamie em tudo. — Enfim, eu fiz aquilo. — Fez o quê? — pergunto.

— Ai, sua memória ferrada é tão irritante às vezes — diz ela com um suspiro profundo. — Encontrei Ted depois da aula.

E então eu me lembro.

Lembro-me da relação que vai destruir um casamento, arruinar uma carreira e partir o coração da minha melhor amiga. Recordo-me de bilhetes sobre tentar convencê-la a não levar aquilo adiante e de mais bilhetes sobre tentar ignorar a situação.

Lembro-me do futuro em que tudo isso acontece e, de repente, sinto o estômago embrulhado. Jamie é teimosa, mas eu deveria ter me esforçado mais.

— Ah, Jamie. Você está bem?

— Bem? Você está falando sério? Estou melhor do que bem. Ele é incrível.

Não consigo deixar de pensar se isso seria uma reação dela ao fato de ter me visto com Luke.

— Jamie, eu só acho que você devia realmente pensar no que está fazendo. É muito sério.

Tento soar como uma amiga preocupada, e não como uma mãe, mas está surtindo o efeito contrário.

— Achei que ficaria feliz por mim.

— J., eu quero que você seja feliz. Só não acho que isso seja certo. Estou realmente preocupada com você.

— Bem, não se preocupe — retruca Jamie.

Sei que ela está furiosa, mas preciso continuar tentando. Ignoro os bilhetes que me diziam para nunca contar a Jamie sobre seu futuro.

— Ele não vai deixar a esposa, e você vai acabar sofrendo. Você vai até tentar...

— CALE A BOCA, LONDON! — berra Jamie ao telefone. — Eu disse para você não me contar nada, e você anotou, então eu sei que sabe disso. Nem tente fingir que não.

— Tudo bem — digo com firmeza. — Não vou falar nada. Mas não é preciso se lembrar do futuro para saber que um adulto só quer uma coisa de uma adolescente.

— Não seja uma vaca, London.

— Não vou ser se você parar de agir como uma piranha.

Ficamos em silêncio, e no mesmo instante quero engolir aquelas palavras agressivas. Mas é tarde demais. Minha memória está certa: Jamie e eu não vamos nos falar por algum tempo depois disso. Ainda assim, tento consertar a situação.

— J., eu só me preocupo com você.

— Então não precisa mais se preocupar. Acabou.

Clique.

15

27/10 (quarta)

Roupas:
— Cardigã preto com regata amarela por baixo
— Levi's desbotada

Escola:
— Prova de matemática (ler capítulos 5 e 6 antes de ir para a escola)
— Baixei algumas amostras legais de logos para o projeto de design gráfico (na mochila)
— Terminar trabalho de inglês e imprimir antes de sexta-feira

Drama:
Conferir o arquivo "Lembrança Sombria" no computador.

Acho que pode ser o enterro do meu pai. Não consigo aceitar a injustiça disso! Quase perguntei à minha mãe sobre ele hoje, mas decidi que não seria ideia boa (ver envelope de coisas que ela escondeu de mim). POR QUÊ?? Quero conhecê-lo antes que algo aconteça.

Jamie está furiosa mesmo! Ela me ignorou na aula de espanhol (bilhetes dizem que fez isso a semana inteira) e veio aqui depois para devolver roupas que tinha pego emprestadas e buscar as dela, como se estivéssemos nos separando. Mal falou comigo, e depois rasgou ao meio nosso pôster de melhores amigas!!! Eu me sinto mal com isso, mas é loucura.

Lado bom:

Luke e eu temos um encontro no sábado à noite!!! Infelizmente, não conversamos muito no período de estudos hoje. Ele passou a maior parte do tempo desenhando uma orelha gigante (?) e depois precisou ir ajudar a mãe na hora do almoço. Acho que ele estava prestes a me beijar antes de ir embora! Quem sabe no sábado...

16

— Eu já mudei alguma coisa que deveria ter acontecido? — pergunto à minha mãe enquanto entramos no estacionamento antes da aula.

Minha cabeça está pesada, e ainda são 7h24.

— Como assim?

— O futuro — digo, desejando por um segundo que ela pudesse ler meus pensamentos, porque assim eu não precisaria explicar. — Minhas lembranças. Eu já mudei alguma lembrança?

— Hum, deixe-me pensar — diz ela, ponderando um pouco demais. Finalmente, encontra alguma coisa: — Você não foi à festa de aniversário de treze anos da Jamie.

— Por quê?

— Lembrou que ia quebrar o nariz — diz ela com uma risadinha. Não tem graça, penso, mas fico quieta e escuto. — Era uma festa à beira da piscina no clube, ao ar livre. Havia portas de correr de vidro, e você lembrou que ia dar de cara com toda a força em uma delas. Então, não foi à festa.

— E o que aconteceu? — pergunto.

— Você perdeu a diversão e quebrou o nariz algum tempo depois no mesmo ano, quando tropeçou em um cachorro perdido que tinha trazido para casa.

Estamos paradas na área de desembarque e preciso sair do carro. Ela olha para mim e toca a ponta do nariz que me pareceu perfeitamente bom no espelho hoje de manhã.

— Então, na verdade, não mudei nada? — pergunto, em parte desanimada, em parte irritada.

Para ser sincera, está sendo difícil não perguntar por que ela mentiu para mim a vida toda, como diziam os bilhetes de hoje.

— Acho que não — diz ela. Estou bufando, e ela acrescenta: — Mas isso não quer dizer que não seja possível, sabe? Talvez você simplesmente não tenha mudado nada naquela situação. Qual é o problema, London?

— Só não estou me sentindo bem — digo, porque, nesse momento, é verdade.

Outro pai dá um toque ligeiro na buzina para pedir educadamente que sigamos em frente. Minha mãe checa o retrovisor e depois me dirige um olhar sério.

— Sabe, London, a questão é que, a menos que me contasse ou escrevesse um bilhete, você não saberia realmente se estaria mudando seu futuro, mesmo que o mudasse. Faz sentido?

Penso nisso por um instante. Digamos que, neste momento, eu lembre que amanhã serei atropelada por um ônibus. Não conto para minha mãe nem anoto nada hoje à noite, então de manhã o conhecimento terá se perdido totalmente. Mas amanhã faço um caminho novo para a escola e, sem querer, evito o incidente com o ônibus. Então, mudei meu futuro sem saber.

Abro um sorriso de verdade pela primeira vez hoje de manhã.

— Faz todo o sentido — digo enquanto solto o cinto de segurança e abro a porta.

Dou um tchau para minha mãe, corro para dentro da escola e me dirijo para a primeira aula.

Mal entrei no vestiário, sou abordada por Page Thomas.

— Já falou com ele? — pergunta ela, desajeitada, usando roupas esportivas largonas.

Dentro do armário de Page, vejo uma fantasia em vez de roupas normais. Estou com um suéter preto de gola careca, saia jeans preta e meia-calça listrada laranja e preta, que encontrei na cômoda. Não chega a ser uma fantasia, mas é igualmente festiva.

Page me encara de braços cruzados, como se fosse minha obrigação selar seu destino romântico. Por um milésimo de segundo, considero lhe contar a verdade. Mas então penso em Brad Thomas e no que ele vai fazer com ela. Penso que ela vai ser rejeitada na frente de todos. Penso na tristeza que vai sentir quando isso acontecer.

E então penso em mim.

No fundo, não posso negar que quero tentar mudar alguma coisinha para descobrir se sou capaz de mudar algo grande.

Com tudo isso em mente, em vez de contar a verdade a Page Thomas — de dizer a ela que não cheguei a falar com Brad —, eu me viro para a garota de roupas largas e solto uma mentira.

— Page — digo, fingindo compaixão —, sinto muito, mas, pelo que parece, Brad Thomas é gay.

17

— Tchau — digo para minha mãe antes de fechar a porta e me juntar a Luke na varanda.

É isso: nosso primeiro encontro.

Examinei com atenção meus bilhetes o dia inteiro, rindo e me espantando até o momento em que comecei a me arrumar. Isso levou uma hora, e então passei outra hora diminuindo meu nível de arrumação para que o resultado parecesse natural.

Ele chegou atrasado, mas não ligo. Ele está aqui.

Luke me leva até a minivan bordô na entrada da garagem (o que, felizmente, meus bilhetes me avisaram, porque senão eu teria ficado preocupada). Ele abre a porta para mim com naturalidade nada forçado. Parece ser um cavalheiro, provavelmente o resultado de pais educados.

Nós nos sentamos e colocamos o cinto.

— Desculpe o atraso — diz ele.

— Tudo bem — respondo.

— Eu estava pintando — ele explica enquanto liga o carro e regula o aquecimento. — Perdi a noção do tempo.

Uma irritação passa por mim. Ele estava pintando? Respiro fundo e deixo pra lá. Ele está aqui agora.

— Como você está? — ele pergunta com tanta intimidade que quero agarrálo.

Já esqueci completamente o atraso.

— Estou bem — respondo, sorrindo. — E você?

— Estou melhor agora — diz ele, saindo habilidosamente em marcha a ré até a rua tranquila.

— Cheiro de pizza? — pergunto, de repente com água na boca.

Luke olha para mim e volta a olhar para a frente.

— Desculpe. Comprei pizza para minha família antes de sair.

— Ah — digo e dou de ombros, enquanto Luke passa a marcha e acelera.

O rádio toca baixo enquanto ele dirige pelas ruas do meu condomínio como se morasse ali há anos. Logo pegamos a direção norte em uma das duas autoestradas que levam à cidade.

— O que aconteceu com o filme? — pergunto.

Ele disse à minha mãe que seriam um jantar e um filme, mas para mim não faz diferença aonde iremos. Eu não me importo se ficar simplesmente encarando

uma parede branca, desde que seja na companhia de Luke.

— Não se preocupe. Não menti para sua mãe — diz ele, enigmático.

— Eu não estava preocupada, e não teria problema algum se você tivesse mentido — digo, olhando para a noite clara e fria.

Luke dirige e seguimos para o norte, para o norte e mais para o norte da cidade, e por um instante imagino se sou aquela garota nos filmes de terror que caminha em direção ao monstro, em vez de correr para um lugar seguro. Com toda a tranquilidade, estou permitindo que esse cara bonitinho, de quem não me lembro, me leve para o meio do nada. Então afasto esse pensamento com a mesma rapidez com que chegou. Não há nada monstruoso a respeito de Luke Henry. Não há nada assustador a respeito do garoto que conheço de meus bilhetes. Sinto-me completamente segura nesse carro que cheira a pizza.

Observo o céu, e, quanto mais nos afastamos da cidade, mais estrelas aparecem.

— Pelo menos sabe aonde está indo? — pergunto, mas não me importo se nos perdermos. — Você não acabou de se mudar para cá?

— Estudei nosso destino hoje à tarde — admite ele.

— Como você é organizado — digo, recostando-me no assento e me sentindo totalmente à vontade.

Estou completamente calma quando Luke sai da autoestrada, pega uma via de acesso, vira à direita em uma ruazinha residencial e depois dobra de novo à direita em uma estrada de terra que sobe por uma pequena colina em meio à escuridão.

Sinto-me mais segura do que vou me sentir em anos enquanto esse desconhecido dirige a minivan da mãe saindo da rua cheia de cascalho e segue lentamente pela pradaria até a beirada de uma pequena colina.

Luke estaciona bem em frente a uma placa que diz NÃO ULTRAPASSE presa na cerca de arame farpado que nos impede de descer pela colina. Ele desliga o motor e os faróis. Contemplo a cidade cintilante e esparramada lá embaixo, espalhada por mais de trinta quilômetros de terra só porque ela pode.

— Legal — digo.

— É, também acho — diz ele, olhando para a frente.

Eu gosto que ele goste desta cidade. Não é para todo mundo, mas sempre será uma pequena parte de mim.

— Então você nunca veio aqui?

Boa pergunta, penso.

— Hum, não — respondo. — Na verdade, não tenho a mínima ideia de onde estamos.

Luke tira os olhos da paisagem pela primeira vez e os fixa em mim. Suas

mãos ainda estão pousadas de leve no volante.

— Você confia muito nos outros, sabe? Eu poderia ser um assassino.

— É, poderia, mas duvido — digo, fascinada por seus olhos claros. — Eu me sinto segura demais com você.

— E está — diz ele com doçura.

Luke hesita por alguns momentos, e penso que vai se aproximar e me beijar, mas ele não faz isso.

— Então — ele fala mais alto, batendo com as mãos de leve no volante. — Vamos começar a festa. Está com fome?

— Estou, mas não acho que façam entregas aqui — digo, olhando o espaço deserto à nossa volta.

— Não se preocupe, já cuidei disso. Só um minuto.

Luke destrava o porta-malas, sai do carro e desaparece lá atrás. Viro-me para ver o que ele está fazendo e reparo que a fileira de assentos do meio do carro não está ali. Na fileira do fundo há duas almofadas jogadas, que parecem ter saído do sofá de alguém, um cobertor macio de tricô dobrado cuidadosamente sobre o banco e, em cima dele, uma pequena caixa térmica.

Luke me vê olhando e dá um sorriso tímido quando nossos olhares se encontram. Meu estômago dá cambalhota quando vejo a covinha em sua bochecha direita.

Ele fecha o porta-malas com uma pancadinha. Em vez de voltar para o assento do motorista, abre a porta deslizante no lado esquerdo do carro e entra. Ele está segurando o que parece ser uma embalagem de entrega de pizza na mão direita e uma sacola plástica na outra.

— Mentiroso — eu brinco.

— Venha para cá — diz ele, rindo.

Em vez de tentar subir graciosamente por entre meu assento e o de trás, saio do carro e entro pela porta deslizante da direita. Agachada, vou até a traseira do veículo e me sento junto a Luke, que tirou o cobertor e a caixa térmica do banco e pôs uma almofada no encosto do assento, para eu me acomodar. De algum compartimento secreto, ele retira um controle remoto.

— Ops — diz, enquanto se levanta e vai até a frente do carro.

Ele estende o braço para o painel, liga a ignição, mexe no aquecimento e em outros controles, e depois volta para o nosso banco. Eu ainda não tinha reparado no aparelho de DVD quando ele joga luz no banco traseiro. Um aviso sobre direitos autorais nos ilumina enquanto Luke tira uma pizza milagrosamente morna de dentro da embalagem (que, aparentemente, ele pegou "emprestada"), pega pratos de papel e guardanapos de dentro do saco plástico e tira os refrigerantes da caixa térmica.

Reconheço o filme pelas cinco primeiras notas da trilha sonora. Enquanto a famosa abertura de Guerra nas estrelas sobe pela tela minúscula, eu chego mais perto de Luke Henry em nosso sofá improvisado no meio do nada. Estou mais feliz do que em anos.

— Adoro esse filme — sussurro.

— É. — Ele sorri, ainda olhando para a tela.

— É o quê? — pergunto.

— Achei que você adorasse.

Luke olha para mim como se pudesse enxergar minha alma, e, de repente, eu me sinto nua. Para quebrar a tensão, pego uma pizza perto de meus pés e começo a comer. Luke faz o mesmo, e nós dois comemos tudo bem rápido.

Satisfeitos, assistimos ao filme em silêncio. Na metade, cubro as pernas com o cobertor. Alguém manda uma mensagem de texto para Luke, mas ele não responde; coloca o celular no modo silencioso e joga o telefone no banco da frente. Ele passa o braço pelos meus ombros e ficamos aconchegados como se nos conhecêssemos a vida inteira.

Depois do filme, Luke vai até a frente do carro, explicando que precisa desligar por algum tempo, para poupar combustível.

— Não quero que fiquemos presos aqui — explica ele.

— Eu não me importaria — respondo.

— Eu também não — ele diz com seriedade. — Mas acho que sua mãe talvez se importe.

Em vez de voltar para junto de mim, Luke abre o teto solar e me pede para lhe passar as almofadas. Ele as arruma encostadas aos bancos do motorista e do carona e deita a cabeça em uma delas.

— Vem para cá? — diz, mais como uma pergunta do que como uma ordem.

O carro esfriou rapidamente, então arrasto o cobertor comigo e me deito ao lado de Luke. Arrumamos a coberta, prendendo-a à nossa volta para guardar o calor.

Luke e eu olhamos pela grande abertura para o céu de inverno lotado de estrelas. Eu começo a bater os dentes e meu corpo treme, mas não é por causa do frio. Luke fica mais perto de mim e segura minha mão sob a coberta.

— Isso é bom — diz ele suavemente, depois de alguns momentos de silêncio.

— É, sim — respondo em voz baixa.

— Como se nos conhecêssemos há algum tempo, não é?

— Aham — murmuro, aproximando-me do ombro quente de Luke.

— Quer saber minha teoria? — pergunta ele, virando-se cuidadosamente para ficar de frente para mim.

Seus olhos parecem travessos, como se ele tivesse um grande segredo para

contar.

— Sim, por favor — respondo, ainda deitada de costas, mas olhando para ele, e não para as estrelas.

— Reencarnação.

— Reencarnação?

— É, você sabe o que é, não sabe? — pergunta ele.

— É claro que sei. Não sou burra. Só estou pensando no que isso tem a ver conosco.

— Bem, minha teoria é que fomos casados em uma vida passada. Talvez eu tenha sido um grande rei, e você, minha rainha, e tenhamos sido mortos por uma multidão furiosa.

— O que fizemos para deixar a multidão furiosa a ponto de querer nos matar? — provoco.

Luke ri e continua:

— Tudo bem, esqueça isso. Talvez tenhamos sido apenas pessoas comuns morando em outro tempo, em outro lugar. Em outra parte.

— Outrontem.

— Isso nem é uma palavra — diz ele, desviando-se do assunto.

— Eu sei. Acabei de inventar. Continue.

— Certo, tudo bem, fomos casados outrontem. Enfim, morremos, digamos, de causas naturais. Mas estávamos apaixonados, então nossas almas continuam se encontrando em qualquer forma que nossos corpos assumam.

— Você é hinduísta ou alguma coisa parecida? — pergunto, evitando pensar no nó que se formou em meu estômago após ouvir essa linda teoria.

— Não, nós fomos católicos. Mas eu tive uma aula de religião na outra escola que me mostrou ideias diferentes. Acho que o conceito de reencarnação é bom.

— Se você é católico, não deveria acreditar em paraíso, inferno e todo o restante?

— Eu disse que fui católico — responde ele.

— Nada de paraíso, então? — insisto.

— Ninguém sabe até ver pessoalmente. Acho que o paraíso e a reencarnação são formas de fazer com que as pessoas se sintam melhor em relação ao que acontece com a alma depois da morte. Espero que pelo menos uma dessas ideias seja verdadeira. Não gosto de pensar que vou virar comida de minhocas.

— É, eu não gosto de pensar na morte, de nenhuma forma — respondo com sinceridade.

Ficamos quietos por alguns minutos, e então Luke rompe o silêncio.

— Acho que o papo sobre morte deveria ficar para o terceiro encontro, pelo menos.

Rimos sem muito entusiasmo, e Luke volta a se deitar de costas.
Para tentar deixar o clima mais leve, pergunto.
— Quais eram nossos nomes?
— Nossos nomes? — diz ele, parecendo confuso.

— É, nossos nomes. Outrontem. Quando éramos loucamente apaixonados, casados e tudo o mais.

— Parece tão bobo quando você fala assim... — Luke desvia o olhar por alguns segundos, e imagino que esteja corando, mas não tenho certeza.

— Não — digo logo. — Eu gosto. Não fique sem graça.

Ele volta a fitar meus olhos, e ficamos nos encarando por algum tempo. E aí, antes que eu possa me preocupar com o que ele está fazendo, Luke se aproxima e me beija. Muito de leve, a princípio, e depois com mais determinação. O beijo é suave e elétrico ao mesmo tempo. É tão perfeito que, antes que termine, fico desolada porque depois não vou me lembrar.

Quando nos afastamos, Luke continua fitando meus olhos.

O momento é até mais intenso do que ele sabe. Desvio o olhar.

— Você está bem? — pergunta. — Foi tão ruim assim?

Rapidamente, volto a olhar para ele.

— Não! — respondo um pouco alto demais. — De forma alguma. Foi incrível. — Estou feliz por estar no escuro; posso sentir meu rosto ficando vermelho. — Que bom — diz Luke. — Porque eu queria fazer isso há algum tempo.

— Bem, fico feliz que você tenha feito — respondo com um sorriso.

Talvez seja a situação, mas na mesma hora me sinto boba. Ele deve estar sentindo o mesmo: volta a se deitar de costas, cuidando de deixar espaço para que eu me aproxime.

Há outro silêncio desconfortável. Até que eu o estilhaço com uma pedra.

— Então, outrontem... Acho que meu nome era Heloise. Ou Elizabeth. Não, já sei. Eu era Caroline.

Luke espera um segundo e então entra na brincadeira.

— Esse é um bom nome — responde, sério. — E eu era Benjamin.

— Ou William — interrompo.

— Ah, é, esse também é bom. Eu era William. Era um pedreiro.

— É claro que era. E eu era uma dona de casa que criava nossos três filhos: Eliza, Mathilda e...

— Rex, que batizamos em homenagem ao nosso dinossauro de estimação.

— REX? — grito.

Todo o nervosismo e a felicidade saem de mim de uma só vez; começo a gargalhar e não consigo parar. Estou delirante. Luke ri comigo por um minuto e

depois se acalma, olhando-me admirado enquanto eu me encolho como uma bola e quase hiperventilo. Quando consigo me controlar, meu rosto está coberto de lágrimas e os músculos da barriga doem.

— É engraçado, não é?

Uma última risada escapa enquanto eu me ajeito e aliso o cobertor sobre minhas pernas.

— Bastante — concordo. — Ou talvez eu me divirta com pouco.

— Pouco exigente — provoca ele.

Eu me aproximo e lhe dou um soco, de brincadeira, com a mão esquerda, que ele segura e prende para tomar conta.

— Você é surpreendente — digo, olhando para o céu.

— Como assim?

— A maioria dos caras não inventa histórias como essas — digo em voz baixa, pensando nos garotos e nos homens que vou encontrar em minha vida. — Principalmente caras como você.

— Bem, a maioria das garotas como você é rainha do baile da escola — diz Luke, imitando meu tom de voz. — Mas você parece evitar ser o centro das atenções. Tem uma melhor amiga e fica na sua. Gosto disso em você. — Ele beija meus dedos fechados, e uma faísca me atravessa.

— Onde nós morávamos? — pergunto suavemente, puxando a mão com delicadeza para me deitar de um jeito confortável. Chego ainda mais para perto dele, se é que isso é possível. — Vamos ver...

Acho que morávamos... na Irlanda — respondo à minha própria pergunta.

— Certo — concorda Luke, obviamente satisfeito por voltar ao faz de conta. — E cultivávamos batatas.

— Éramos ocupados — murmuro, sentindo-me exausta.

As emoções, o riso, o calor do corpo de Luke, está tudo me consumindo.

— Éramos, sim. Muito, muito ocupados. — Eu era ruiva — prossigo, tão confortável que parece que estou em minha própria cama.

É claro que Luke não estaria lá comigo, então estou feliz por estar aqui.

— Você é ruiva — diz ele.

— Acho que sempre serei ruiva.

— Espero que sim. É uma das melhores coisas em você.

As palavras de Luke soam confusas, e estou enfeitiçada pelo tom equilibrado de sua voz e pela vasta escuridão do universo acima de nós.

— Obrigada — falo em um volume quase inaudível.

A respiração de Luke está num ritmo constante, e a minha entra no mesmo compasso. Sou grata por este dia, por esse garoto ao meu lado e pelo cobertor que nos mantém aquecidos.

Uma questão distante se forma nas profundezas de minha mente: Que horas são?

A pergunta está fugindo, esvoaçando-se, afastada por um pensamento predominante e mais maravilhoso: acho que estou me apaixonando.

Não, eu sei que estou.

Estou me apaixonando por Luke. Fecho os olhos diante da dimensão daquilo tudo, só por um momento.

Por alguns momentos.

Por um tempo.

E agora estou na Irlanda.

Estou na Irlanda que vi nos filmes, pelo menos. Um campo verde colossal, com um muro baixo de pedra marcando um perímetro longe demais para ser alcançado, e sei que aquela é nossa terra, minha e de Luke. A minúscula cabana de pedra atrás de nós, com fumaça saindo pela chaminé, também é nossa. Ao meu lado, Luke usa um pesado suéter de lã marfim e um cachecol xadrez, e está fumando cachimbo.

Desde quando Luke fuma cachimbo?

Mais importante: o que estamos fazendo na Irlanda? Mais importante de tudo: por que aquele tiranossauro rex está vindo em nossa direção, mostrando os dentes e faminto?

Ah, não.

Ah, NÃO!

Não, não, não, não, não!!!!!

Isso não pode estar acontecendo.

De algum modo, no fundo de minha consciência, percebo que estou dormindo. Sei que o Luke irlandês que usa suéter e fuma não é o verdadeiro, aquele de quem já não consigo me recordar. A lembrança está pouquíssimo além de meu alcance, mas ainda assim já se foi. Como algo que você ia dizer, mas esqueceu e não consegue lembrar.

Enfio as mãos nos bolsos do avental em meu sonho e procuro freneticamente o bilhete que não deixei para mim mesma. Não está ali no sonho; não estará ali quando eu acordar.

Não há bilhete.

Não haverá lembrança.

O Luke verdadeiro desapareceu.

18

— ONDE ESTOU? — grito, aterrorizada.
Sento-me e puxo o cobertor até o peito. De quem é esse cobertor?
Observo o lugar.
Estou em uma van.
Estou em uma van com um desconhecido.

Estico o pescoço para espiar pela janela e percebo que estou no meio do nada. Em uma van! Estupradores dirigem vans! Imaginando se fui violentada, concentro-me em minhas partes íntimas, em busca de qualquer indício de infração. As partes parecem ainda serem íntimas, mas não tenho certeza.

A histeria se espalha por minhas veias, e grito de novo, mais alto dessa vez:

—ONDE ESTOU? O desconhecido acorda assustado.

— Ahn? — resmunga ele, olhando para mim como se eu fosse louca.

Ele pisca algumas vezes e depois sacode a cabeça, como se estivesse acordando de um sonho ruim.

— O que está... — Ele se senta e olha pela janela. — Não! — grita ele. — Ah, não! Isso é pééééééssimo. Amanheceu!

É óbvio, penso, mas não falo. Não quero cutucar a onça.

— Que horas são? — pergunta ele em voz baixa.

O garoto desconhecido está tentando furiosamente se livrar de sua metade do cobertor que estou segurando, então eu o solto. Ele consegue se desembolar e aperta um botão para abrir a porta deslizante a seu lado. Pula para fora do carro, fecha a porta e se joga no assento do motorista. Em instantes, o carro volta à vida.

— Precisamos ir — diz ele, ajeitando o espelho retrovisor. — Você vai ficar aí atrás?

Penso que talvez seja mais fácil pular do assento do carona se for necessário, então passo para a frente do carro. Mantenho a mão bem agarrada à maçaneta da porta enquanto o garoto misterioso dá a ré e afasta o carro de uma cerca de arame farpado, em direção a uma estrada de terra.

— London, você está bem? — pergunta ele depois que entramos em uma rua residencial asfaltada. Pelo menos ele sabe meu nome. E parece ter minha idade. É possível que eu tenha me colocado nessa situação voluntariamente e esquecido de escrever um bilhete. — London?

Ele tem olhos que eu não sabia que alguém que não fosse um astro do cinema

poderia ter. Sua voz está quase assustada. Isso me acalma um pouco, o que é bom, porque acho que estou à beira de um grave ataque de pânico.

— Estou bem — respondo antes de desviar os olhos para a janela.

— Sinto muito — diz ele. Como não respondo, ele prossegue: — Sua mãe deve ser muito rigorosa, não é? Espero que você não esteja muito encrencada.

Ficamos em silêncio enquanto ele dirige, e então saímos da autoestrada rumo ao meu condomínio. Meus ombros começam a relaxar quando percebo que pelo menos o desconhecido está me levando para casa. O terror diminuiu. Devo conhecer essa pessoa; só preciso chegar em casa e perguntar à minha mãe quem é ele ou olhar meus cadernos para descobrir.

E então um novo terror toma conta de mim quando penso que dormir em vans no meio do nada com garotos desconhecidos não é algo que minha mãe vá aceitar. Nem voltar para casa — que horas são, afinal? — às 7h14. Quando o garoto vira a esquina da minha quadra, quase posso ver minha casa bufando com ira maternal.

Mal chegamos à entrada da garagem quando a porta da casa se escancara e minha mãe sai correndo, como uma louca, para me encontrar. O carro ainda não parou e ela já começa a puxar a maçaneta da porta.

— Ah, caramba — sussurra o garoto enquanto tenta liberar as travas automáticas. — Sinto muito, London — repete ele, e, dessa vez, eu me sinto mal por ele.

— Os dois, para dentro de casa! — diz minha mãe, rosnando para mim e para o desconhecido.

Hesitante, ele desliga o motor e solta o cinto de segurança. Faço o mesmo e sigo minha mãe e o rapaz até a casa. Mamãe avança pela entrada até a sala de estar e para abruptamente no meio do cômodo.

— Sentem! — ela ordena quando ficamos parados na entrada da sala. Sento-me numa extremidade do sofá de couro marrom, e o garoto se senta no meio. Ele deixa um espaço decente entre nós, mas não se acovarda ficando no canto oposto. Esse cara tem coragem. — Em primeiro lugar, deixem-me apenas dizer o óbvio — começa minha mãe, controlando-se cuidadosamente. — Vocês dois estão de castigo. — Pergunto-me como minha mãe tem autoridade para pôr de castigo o Sr. Mistério, mas ela continua: — Passei a noite inteira no telefone com seus pais, Luke.

Luke? Nome legal.

Ela prossegue:

— É lamentável que eu tenha conhecido novos membros de nossa comunidade nessas circunstâncias. Mas acho que você vai considerar o estado atual de seu pai ainda mais lamentável. Ele passou a noite inteira procurando

vocês. E não está nada feliz .

Luke suspira ao meu lado e abaixa a cabeça.

A bronca continua.

— Vou ligar para eles quando você estiver voltando para casa, para que saibam que está em segurança. Mas, primeiro, um de vocês pode me dizer, por favor, onde raios estiveram a noite inteira? Tentei ligar e mandar mensagens de texto um milhão de vezes.

Pego meu celular e encontro cinco mensagens e oito ligações perdidas.

— Eu desliguei o telefone — murmuro, olhando para baixo.

Enquanto ponho o telefone de volta no bolso, minha mãe cruza os braços e a sala fica em silêncio. Olho para Luke. Ele ergue as sobrancelhas, em expectativa, como se achasse que eu fosse explicar a situação à minha mãe. Como se eu pudesse explicar a situação à minha mãe. Ele não faz a menor ideia...

Fico muda.

— Sério? — sussurra ele para mim asperamente antes de se virar para minha mãe.

— Estávamos depois da estrada Old Fox, ao norte da cidade — diz. — Planejei um encontro com um jantar e um filme. Minha minivan tem um aparelho de DVD, e comemos pizza e olhamos para as estrelas. Não foi nada além disso... até que, eu acho, caímos no sono. Sinto muito mesmo, Sra. Lane.

— O que foi? — cochicha ele para mim quando se vira e vê minha expressão boquiaberta.

Não acredito que perdi o que pode ter sido meu melhor encontro de todos os tempos.

Viro-me para minha mãe, com a boca ainda ligeiramente aberta, e o gelo derrete. Vejo em seus olhos que ela começa a perceber. Ela entende agora que não me lembro da noite. Mantendo as aparências por causa de Luke, ela pergunta:

— É verdade, London? — Seu olhar me diz para concordar.

— É.

Respiro fundo, descobrindo que quero desesperadamente ficar sozinha com Luke e pedir que ele me conte cada minuto da noite passada. A julgar por sua cara de limão azedo com uma pitada de confusão, duvido que ele esteja interessado em reviver a diversão tão cedo. Duvido que eu tenha lhe contado qualquer coisa sobre minha cabeça desajustada. Duvido, mas não posso ter certeza.

Minha mãe volta a falar:

— Tudo bem, então. Porque eu confio na minha filha e porque você parece pertencer a uma boa família, Luke, vou acreditar que isso foi um erro honesto e

não se fala mais nisso. Não gosto do fato de que vocês estavam sozinhos tão longe da cidade, mas não posso dizer que eu mesma não tenha saído por aí uma ou duas vezes quando tinha a idade de vocês.

Minha mãe sorri, e a expressão de Luke agora está confusa. Ele não entende por que aquela mulher se tornou tão compassiva. Ela volta a bancar a mãe durona e acrescenta, em um tom mais áspero:

— Mas os dois ainda estão de castigo. Luke, é melhor você voltar para casa; seus pais estão preocupados.

E, assim, ela sai da sala e vai para a cozinha. Sei que essa é sua forma de deixar que eu me despeça de Luke sem seu olhar vigilante sobre nós.

Caminho com ele até a porta. Antes de ir embora, ele se vira e olha para mim com ar cético.

— O que aconteceu ali? — pergunta ele.

— Sinto muito — começo, sincera. — Fiquei simplesmente paralisada. Nunca fiz nada parecido antes. — Digo isso porque acho que é verdade.

— E eu fiz? Não sou nenhum canalha. Meus pais vão me matar.

— Sinto muito, mesmo — repito, me aproximando dele.

Ele segura minha mão e sorri para mim, me olhando com seus cílios espessos, e então meu coração vacila.

— Valeu a pena? — pergunta ele, sério.

— Sim — respondo, encarando-o. Ficar ali, segurando a mão daquele ser deslumbrante mesmo que por apenas alguns instantes, vale toda a pena. — Você também achou?

— Com certeza — diz ele, afastando uma mecha de cabelo do meu rosto. E se inclina e toca levemente meus lábios com os dele. Depois, sussurra em meu ouvido: — Até mais, rainha do baile.

19

São 2h39.

Meu coração está disparado. Estou suando, bebendo água sem parar e me sentindo impotente.

Acendo o abajur, pego a caneta e, no final de um bilhete muito, muito longo sobre garotos, escuridão, adúlteros e mentirosos, escrevo este simples adendo:

Não é meu pai.

Depois, de alguma forma, por incrível que pareça, consigo me forçar a dormir.

Segunda-feira 30/1 (domingo)

Roupas:
— Levi's desbotada
— Blusa vermelha de moletom

Escola:
— Levar livro para aula de inglês
— Rever exercícios antes da escola para o teste de espanhol
— Comprar livro de preparação para o vestibular

Coisas importantes:

Jamie. Ainda não estamos nos falando. Tentar pedir ajuda dela para encontrar meu pai (ler bilhetes anteriores e ver dentro do envelope grande na escrivaninha). E tentar pensar em um plano para ajudá-la a acabar com seu relacionamento trágico.

Mamãe. Ver o envelope grande mencionado acima.

Luke. namorado supergato! Ele vai me encontrar antes da aula, com café e alguma comida; não se preocupe com o café da manhã. Namorando há quase três meses e meio. Ele beija superbem. Olhar os bilhetes e ver as fotos em todo o quarto. Ver o bilhete de sábado sobre uma festa na casa do amigo dele, Adam. Hoje, fomos ao cinema ver Elephant Bride, e o filme era bem idiota — mas o dia foi legal mesmo assim. Ganhei dele em um videogame de luta antes do cinema. Eu era o Guerreiro Vermelho.

Ficamos de mãos dadas o filme inteiro e dividimos a pipoca; ele me chamou de devoradora de pipocas. Fomos para a casa dele depois e ele tocou um pouco

de violão até que minha mãe me ligou e me mandou voltar para o jantar. Nós nos beijamos antes que eu saísse do carro. Nham. Ah, ele dirige uma minivan — não pense mal dele por isso.

20

O que estou realmente pensando é "uau". Por um milagre, o que sai de minha boca é um simples e abafado "oi".

— Oi para você também — diz ele, lindo, a claridade atrás o iluminando na varanda de minha casa, segurando um copo de café com tampa.

Posso ver sua respiração no ar gelado quando ela escapa de sua boca.

Esse momento tem algo de avassalador. O olhar firme dele, seu sorriso relaxado e sua evidente tranquilidade, combinados com o sol nascente de fevereiro, me fazem sentir como se minhas pernas fossem fraquejar.

— Pronta? — ele pergunta com gentileza.

— Sim — digo em um tom contido, que, é surpreendentemente, consigo manter.

Sigo-o da varanda até a minivan parada na entrada da garagem.

Achei que estava preparada.

Li meses de bilhetes hoje de manhã. Passei por dezenas de fotos.

Mas, na vida real, Luke é outra coisa.

Na vida real, Luke é algo para o qual nenhuma quantidade de bilhetes poderia me preparar. Meu namorado que vive, que respira, é incrível.

Tentando agir como se eu me lembrasse de já ter estado ali, sento-me no banco do carona e coloco o cinto de segurança. Quando estou acomodada, Luke gesticula para o café que espera por mim no porta-copos.

— Tem muffins no porta-trecos — diz ele casualmente, enquanto dá a ré na entrada da garagem.

Abro o compartimento entre nós e encontro o café da manhã comprado na padaria que será a minha favorita até fechar as portas, daqui a alguns anos.

Por meus bilhetes, sei que isso se tornou nosso ritual: Luke me leva para a escola todos os dias, geralmente me surpreendendo com presentinhos. Mas, graças à minha falta de memória, esta parece ser a primeira vez, e eu adoro.

— Jamie retornou sua ligação ontem? — pergunta Luke enquanto dirige.

Meus bilhetes não diziam que telefonei para ela, mas teriam dito algo se ela tivesse me ligado.

— Não — respondo, com bastante certeza de estar dizendo a verdade.

— Que pena...

Muito cedo, entramos no estacionamento dos alunos. Apesar de o nosso ser um dos primeiros carros a chegar, Luke estaciona em uma vaga na última fileira.

— Saída fácil — diz ele quando o encaro com uma expressão intrigada.

Ele coloca o câmbio em ponto morto, mas deixa o motor ligado e o aquecimento funcionando. Pergunto-me se Luke sempre estaciona na última fileira e faço um bilhete mental para incluir essa informação hoje à noite, para que eu não fique confusa de novo.

— Está com frio? — pergunta ele.

— Não, estou bem. Acho até que estou com calor com este casaco.

Ele diminui o aquecimento.

— Seu cabelo fica bonito assim.

Luke fala com a tranquilidade de alguém com quem estou namorando há algum tempo. Ele bebe um gole de café, devagar, e fico desejando que meu copo quase vazio se encha de novo, como mágica.

Seguro uma mecha macia do meu cabelo. Devo ter usado a chapinha ontem à noite; não lavei a cabeça hoje de manhã.

— Obrigada — digo, contemplando seus olhos azuis.

— Então, quais são as novidades?

Não faço a menor ideia, então falo um pouco mais sobre minha melhor amiga.

— Estou preocupada com Jamie — começo, enigmática, esperando colher informações caso eu já tenha conversado com Luke sobre isso.

De acordo com meus bilhetes, não conversei. Mas os bilhetes podem estar errados.

— Por quê? — ele pergunta com ar inocente, tomando mais um gole.

O estacionamento está começando a se encher à nossa volta, mas estamos no nosso mundo particular.

— Posso lhe contar um segredo? — pergunto.

— Claro. Você sabe que pode confiar em mim, London.

Eu sei disso, penso.

— Tudo bem — começo.

— Você não pode contar para ninguém. — Claro — diz ele, como se fosse algo óbvio.

Espero um momento, fitando seus olhos cheios de expectativa e tentando pensar em uma forma de suavizar o que vou dizer. Em vez disso, finalmente solto de uma vez:

— Jamie está tendo um caso com um professor. Um professor casado.

Luke não emite qualquer ruído, mas seu queixo cai um pouquinho, e então ele se recupera.

— Uau... — diz, obviamente deixando que seu cérebro assimile a notícia.

— Tentei convencê-la a não fazer isso, mas ela é teimosa demais para me ouvir.

— Há quanto tempo isso está acontecendo? — pergunta ele.

— Começou mais ou menos na época em que a gente se conheceu.

Acho que vejo uma ponta de mágoa passar por seus olhos, talvez por eu não ter lhe contado antes. Fico surpresa por não ter feito isso, mas na verdade não é um segredo meu. E aqui, agora, contando a ele mesmo assim, não consigo deixar de me sentir um pouco culpada.

— Qual professor? — pergunta Luke, e de repente fico na defensiva.

— Não faz diferença.

— Ei, calma — retruca ele, me fazendo imaginar se teremos nossa primeira briga. — Só estou perguntando. — Ele observa a fila de carros que entram no estacionamento.

— Desculpe, é que é um assunto delicado. Por mais idiota que ela seja às vezes, Jamie ainda é minha melhor amiga. Mas eu não quero descontar em você. — Luke volta a fitar meus olhos e sorri.

Percebo que estamos bem, mas, só para ter certeza, acrescento: — É o Sr. Rice.

— De educação no trânsito?

Eu confirmo com a cabeça.

— Acho que dá para entender — diz Luke. — Ele é jovem e tal. Pelo menos não é o Sr. Ellis.

— Eca, que nojento! — grito, e rimos um pouquinho de algo que não é lá tão engraçado, mas que alivia o clima mesmo assim.

Um carro para na vaga ao lado de Luke e duas garotas descem, lançando olhares invejosos para Luke e fazendo cara feia para mim. Enquanto elas caminham para a escola, lembro que uma das duas vai engravidar no final do ano que vem. Tenho vontade de gritar para ela: "Use camisinha!" Em vez disso, continuo com nossa conversa.

— Não sei mesmo o que fazer. Quero descobrir um jeito de acabar com esse relacionamento sem que Jamie saiba que fui eu.

— O quê? Quer dizer... algo como denunciá-la?

— De certa forma, sim — respondo.

— E se ela tiver problemas por isso? — pergunta ele delicadamente.

Luke termina seu café, e admiro seu perfil.

— Não é o que eu quero. Mas quero que essa história acabe, e Jamie não está disposta a me ouvir. Na verdade, ela nem está falando comigo porque eu lhe disse que estava preocupada.

— Dureza — diz Luke com sinceridade.

— Eu sei. Mas vou resolver isso. Tem que haver um jeito — digo mais para mim do que para ele.

— Vou ajudar como puder — responde, ainda que eu ache que ele também saiba que eu estava falando comigo mesma.

Luke segura minha mão apoiada no porta-trecos entre os assentos e a aperta delicadamente. O estacionamento está quase cheio agora.

— A gente devia entrar — diz ele, parecendo desapontado.

— Acho que sim.

Ele gira a chave e o carro se silencia. Solto o cinto de segurança e pego minha mochila do chão, diante dos meus pés. Ao abrir a porta, sinto um golpe gelado do vento em completo contraste com o calor da minivan. Desço, bato a porta e vou tremendo de frio até a frente do carro para encontrar Luke. Ele parece inabalado.

— Você não está com frio? — pergunto.

— Não tanto. — Ele dá de ombros. — Isso não se compara ao rio Charles — acrescenta, me deixando confusa.

Luke segura minha mão e caminhamos depressa até o prédio. Seus dedos têm calos, e eu me pergunto se é por tocar violão.

No meio do caminho, um carro pega uma das poucas vagas livres. É um sedã azul de quatro portas que a mãe de alguém poderia dirigir. Então percebo que Brad, da aula de matemática, está dirigindo. Aceno. Ele me olha com raiva.

Não tenho ideia do que fiz a ele para provocar tanto desdém. Mas, nesse momento, caminhando de mãos dadas com meu namorado perfeito em uma manhã ensolarada e fria de fevereiro, não me importo com o Brad da aula de matemática.

Não me importo com nada além de Luke.

*

— A senhora tem certeza de que não posso trocar de dupla? — pergunta Jamie à Srta. Garcia, de uma forma nada discreta.

Alguns dos nossos colegas me encaram para ver minha reação.

— Srta. Connor, como já lhe disse meia dúzia de vezes, a dupla que você escolheu no início do ano será sua dupla até o final. Não quero ouvir mais nenhuma palavra sobre o assunto.

A Srta. Garcia vira as costas para Jamie e começa a anotar a programação da aula na lousa. Jamie revira os olhos e volta para a carteira, que ela suspende e depois bate no chão, para ficar de frente para a minha.

— Tanto faz — ela resmunga ao desabar no assento.

— Oi, J. — digo em voz baixa.

— Não fale comigo — retruca ela.

— Preciso falar com você: temos um trabalho.

— Então fale comigo apenas em espanhol — ordena.

— Hola, Jamie — digo, fazendo piada.

Ela não ri — prefere revirar os olhos mais uma vez. Decido experimentar uma nova tática, cortesia do bilhete de hoje de manhã.

— Preciso de sua ajuda — falo baixo.

— Peça ajuda ao seu querido Luke — ela devolve em voz alta, sem tirar os olhos do trabalho.

— Quero encontrar meu pai.

Jamie estremece ligeiramente. Seu rosto se suaviza. Ainda assim, a resposta é amarga:

— Procure no Google.

— Eu tentei — digo, sem saber se já fiz isso.

— Você é tão óbvia... — diz Jamie, ainda sem olhar para mim. Sem saber muito bem o que ela quer dizer, fico em silêncio. Ela suspira e me encara com raiva. — Está tentando bancar a tranquila, mas o que você quer mesmo é que eu dê uma olhada nos arquivos da minha mãe, não é?

Ela age como se estivesse irritada. Mesmo assim, há uma leve suavidade em seu tom de voz; sei que a conquistei. Não sei explicar o porquê, mas Jamie sempre vai aceitar me ajudar. Talvez ache que fico perdida sem ela. De muitas formas, eu fico mesmo.

Porém, nem imagino quais são os arquivos a que ela se refere.

— É nisso que está pensando? Quer que eu procure os dados de seu pai nos arquivos jurídicos da mamãe?

A palavra jurídicos faz a ficha cair. A mãe de Jamie será uma advogada especializada em divórcios por muitos anos; ela provavelmente cuidou da separação dos meus pais. Deixo que Jamie presuma que esse foi meu plano o tempo todo e concordo.

— Você me pegou — digo, parecendo o mais sem graça possível sem realmente me sentir assim. — Escute, Jamie, sei que está com raiva de mim, e tudo bem, mas isso é importante. Não me lembro de nada sobre meu pai. Você sabe disso. Mas quero lembrar e realmente preciso da sua ajuda. Vai me ajudar?

Claro, comecei a conversa para fazer Jamie falar comigo, mas, em essência, quero mesmo encontrar meu pai. Assim, mato dois coelhos com uma cajadada só.

— Talvez — diz Jamie, dando de ombros antes de voltar a se concentrar no trabalho.

— Obrigada — sussurro por cima das carteiras.

Ela me ignora completamente o restante da aula.

21

Está quase na hora de dormir e minha mãe ainda está mostrando casas. Apesar de estar zangada por causa das coisas que ela tem escondido de mim, lamento que ela precise ficar na rua até tão tarde.

De pijama, com o rosto lavado e os dentes escovados, pego o envelope na gaveta da escrivaninha. A trava de metal está gasta de tanto ser aberta e fechada.

Sei que encontrei os itens que estão ali dentro há três meses e meio. Sei que não fiz muita coisa com a informação.

Espalho as fotos e os cartões sobre a cama e os examino meticulosamente. Fotos de férias, no quintal, em festas. Parecemos felizes.

Olhando para o rosto do meu pai, não consigo deixar de pensar na única lembrança que tenho dele no futuro. Aquela que me atormenta.

Não sei como cheguei ali. Estou simplesmente naquele lugar,entre dezenas de pessoas enlutados que experimentam variados estágios de pesar.

Um homem que parece um armário segura o choro; outro mais jovem, com cabelo estilo década de 1980, chora sem pudores. Molhada de chuva, tomada pela dor, minha avó desmorona. Ao meu lado, minha mãe soluça, parecendo jovem... vulnerável. Uma mulher em um vestido decotado tenta manter a compostura, provavelmente em consideração ao menininho que está diante dela. Pegadas tornam o caminho enlameado, como migalhas de pão que conduzem à tristeza. Até a estátua de pedra à minha esquerda chora pelo convidado de honra desconhecido.

Pego meu caderno e leio bilhetes antigos sobre aquele ser o enterro do meu pai. Critico a mim mesma agora, lembrando que meu pai chegou atrasado, ficou atrás das pessoas — longe da minha mãe e da dele — e conteve a emoção enquanto o padre, que não consigo escutar, pronunciava sua mensagem.

Lembro-me de me obrigar a desviar o olhar e de ver o zelador ao longe, nos olhando. Olhando para mim.

Ele está em frente a um galpão de ferramentas disfarçado de mausoléu, e sorri. Não é um sorriso largo; é aquele que você usa quando quer fazer alguém se sentir melhor e sorrir é tudo o que pode fazer.

Aquilo me dá vontade de correr até ele e chutá-lo, mas não vou. Em vez disso, fico o encarando até ele jogar o cigarro no chão e entrar, tranquilamente, no galpão.

O enterro acabou e meu pai foi embora.
Minha avó foi embora.
Todos foram embora.

E, mesmo quando me viro para seguir minha mãe, não consigo ver a sepultura. Por mais que eu tente, não consigo olhar para baixo. Por alguma razão bem escondida, eu não me permito lembrar quem está naquele buraco no chão.

Meus pensamentos se voltam para Luke. É ele?

Não pode ser.

Por que meu pai voltaria depois de anos de ausência para comparecer ao enterro do meu namorado? E minha avó? Não faz sentido.
Não é Luke.

Porém, ao folhear novamente minha memória em forma de caderno com espiral, uma verdade fica clara: minha lembrança mais sombria apareceu junto com ele.

Exausta por causa do dia que passou e do peso do que está por vir, reúno as fotos e os cartões diante de mim em uma pilha e coloco tudo de volta no envelope de papel pardo. Fecho o envelope, guardo-o na gaveta da escrivaninha e arrumo meus bilhetes na mesinha de cabeceira.

Depois de me enfiar debaixo das cobertas, releio o que escrevi para mim mesma, só para ter certeza de que está tudo ali. Acrescento alguns detalhes sobre a lembrança e uma pergunta: como Luke está envolvido nisso?

A porta da garagem começa a se abrir; minha mãe está em casa. Em vez de esperar para dar boa-noite, ponho o bilhete na mesinha de cabeceira, desligo o abajur e rolo para o lado, virada para a parede.

Duas perguntas voam para lá e para cá em minha cabeça: Por que não consigo me lembrar de Luke?

De quem é o enterro?

Estou assistindo a essa quase partida de tênis com os olhos fechados quando minha mãe abre a porta e sussurra de uma forma quase inaudível: — Boa noite, querida London.

Suas palavras são como um sonífero; relaxo no mesmo instante.

Logo a partida de tênis termina.

É amor-amor.

Nenhuma solução.

22

Enquanto caminho sozinha do vestiário para o ginásio, lamento o fato de ser quinta-feira. Quintas-feiras são dias com aulas nos tempos ímpares: noventa minutos das matérias de que menos gosto.

Sem Luke. E também sem Jamie.

Estou pensando no que fazer em relação a Jamie enquanto empurro a barra no meio das enormes portas do ginásio e coloco os pés na quadra lustrosa. O lugar é barulhento e cheio de vida, com tênis guinchando, gritos e arquejos, e a sobrecarga de estímulos me distrai a ponto de eu não ver o que estava prestes a acontecer.

Antes que eu tenha tempo para pular, me abaixar ou mesmo me encolher, meus pensamentos são suprimidos pelo peso de uma imensa bola de borracha que bate bem no lado direito do meu rosto. O impacto me joga para o lado e perco o equilíbrio. Tropeço nos próprios pés e caio sem a menor elegância.

Um "uufl" alto e constrangedor sai da minha boca no momento em que meu quadril bate no chão, seguido pelas costelas e, depois, pela cabeça. Meu ouvido direito zumbe, e minha bochecha formiga e arde ao mesmo tempo; coloco a mão no rosto e percebo que a bola de borracha deixou uma marca na pele.

Afasto o cabelo que eu não tive tempo de prender em um rabo de cavalo e pisco para me livrar da água que surgiu nos meus olhos. Com o único ouvido bom e enxergando mais ou menos, sofro as consequências. Todo mundo na aula de educação física do primeiro tempo está rindo de mim. Alguns tentam disfarçar; outros chegam a apontar na minha direção. Idiotas. Esforço-me para me levantar, mas meus sentidos ainda estão esquisitos, e é muito mais difícil do que deveria. É como se estivesse um pouco bêbada e, sim, conheço essa sensação. Eu me lembro dela.

Quando finalmente consigo ficar de pé e o pessoal começa a se dispersar, meu olhar cruza com o de Page Thomas. Há um sorriso perverso em seu rosto quando ela rapidamente desvia os olhos. Antes que eu tenha mais tempo para pensar no assunto, soa um apito estridente. A Srta. Martinez dá suas ordens, e, com má vontade, eu me junto a um dos dois times.

Pelo restante do período, tento me defender da melhor forma possível durante um " jogo" excruciante, que deveria ser banido para sempre do ensino médio e do universo geral dos jogos.

Que não passa de dor e humilhação.

Que deveria ser evitado a qualquer custo.

Que é o motivo pelo qual o bilhete de hoje de manhã alertava: cuidado no primeiro tempo.

Que é o inferno na terra:

Queimado.

*

Horas depois, durante a explicação da Srta. Harris sobre o hipocampo na aula de anatomia humana, Ryan Greene fica me olhando de seu assento na outra fileira. Meu rosto e meu ego ainda estão doloridos pelo que aconteceu mais cedo, mas estou sorridente, não consigo me conter. Isso faz minhas bochechas doerem, e Ryan está me encarando com uma expressão idiota — provavelmente porque o hipocampo não tem nada de tão empolgante —, mas não ligo.

Vi Luke antes da aula.

— Alguma coisa engraçada, London? — pergunta a Srta. Harris, interrompendo-se.

Ela parou de escrever no meio de uma frase e está segurando no alto o marcador azul. Seus quadris perfeitamente curvilíneos estão inclinados para um lado, e a mão, com as unhas feitas, descansa ali, à espera.

Ela está se parecendo um pouco com uma líder de torcida que vi hoje de manhã. Isso é preocupante, levando-se em conta que a Srta. Harris é uma professora e tal. Não deveria ter mais bom senso?

Embora eu tenha bastante certeza de que a maioria dos alunos está tão entediada quanto eu em relação à anatomia do cérebro, aqueles em meu campo de visão agora parecem irritados com a interrupção. Provavelmente, só estão zangados porque a Srta. Harris se virou para nós.

— London? Há alguma piada? — ela pergunta novamente quando não respondo, e sacode o cabelo tingido de ruivo: fico imaginando se ela tem inveja do meu ruivo natural.

— Não, Srta. Harris — respondo em voz baixa.

Tento pensar em alguma coisa deprimente, mas o sorriso persiste.

A Srta. Harris me encara fixamente, sem piscar, pelo que parecem ser dias. Quando, aparentemente, se convence de que ou eu não presto ou sou maluca, ela suspira e se vira de novo para a lousa.

Os outros alunos se endireitam nas carteiras, e eu também relaxo. Respiro fundo o ar estagnado da ala de ciências e paro de apertar a mesa metálica.

Com meu momento feliz arruinado, concentro-me nas coisas que a Srta. Harris está dizendo, muitas das quais garantem muitos roncos. Mas então ela fala algo que desperta meu interesse:

— ... possível que armazenemos diferentes tipos de lembranças em diferentes partes do cérebro.

Intrigada, me ajeito um pouco melhor no banco. Preciso ouvir o que ela vai dizer em seguida. A Srta. Harris se vira e escreve "Tipos de lembranças" na lousa. Enquanto ela sublinha o título, o sinal toca.

— Estão dispensados.

*

Pouco mais de uma hora depois, minha mãe está dirigindo na direção oposta de nossa casa, aparentemente determinada.

— Para onde vamos?

— Comer alguma coisa.

— Não estou com fome — protesto.

— Não me importo — diz ela. — Você não precisa comer. Mas acho que precisamos passar algum tempo juntas.

Epa.

Minha mãe estaciona em uma lanchonete, entramos e nos sentamos, como mandava o cartaz. Depois que pedimos nossas bebidas — refrigerante diet para minha mãe e um normal para mim —, ela puxa conversa.

— Dia bom? — pergunta.

— Não — respondo.

— Por que não?

A garçonete traz as bebidas e minha mãe desembrulha os canudos e os coloca nos copos. Ela bebe um gole enquanto espera minha resposta.

— Levei uma bolada no rosto na aula de educação física — respondo.

— Você está bem?

— Sim, estou.

— Que bom — diz ela. Outro gole. — Mais alguma coisa?

— Carley Lynch.

— O que ela fez dessa vez? — pergunta minha mãe.

— Só um comentário sobre minha roupa.

— Adoro essa roupa.

— Eu também — digo.

— Você sabe que ela só está com inveja, London.

— Não, eu não sei, mãe. Não me lembro.

— Jamie estava lá? — pergunta ela, casualmente.

— Não, claro que não — resmungo.

— Ainda estão brigadas?

— Obviamente — digo, revirando os olhos.

Uma família ocupa a mesa ao lado, e eu os observo se acomodarem enquanto minha mãe fala com um tom mais baixo de voz. Fico grata por isso.

— Não precisa ser grosseira, querida. Jamie vai mudar de ideia, ela sempre muda de ideia. E Carley tem inveja de você por causa de um garoto. Christopher alguma coisa. Eles namoraram durante um tempo e terminaram. Aí você o convidou para um baile.

— Eu chamei um garoto para um baile?

— Era uma daquelas festas em que as meninas convidam os meninos. Jamie convenceu você a chamá-lo. De qualquer maneira, você não ficou interessada nele depois daquele encontro, mas Carley guardou rancor.

— Eu contei tudo isso para você?

— Nós conversávamos mais — diz ela, com um olhar magoado.

Eu sou a culpada por esse olhar estar ali. Não digo nada. A garçonete volta e pergunta o que queremos comer. Minha mãe pede uma porção de anéis de cebola fritos, para dividirmos; adoro anéis de cebola. A garçonete vai para a mesa seguinte, e observo o pai fazer o pedido da família. Tenho consciência da minha inveja enquanto ele conversa com a filha e o filho.

— Quando meu pai foi embora? — pergunto à minha mãe, do nada.

Seus olhos se arregalam enquanto ela engole o refrigerante que acabou de puxar pelo canudo.

— De onde veio isso? — pergunta ela.

Dou de ombros.

— É isso o que está incomodando você ultimamente? Quer saber sobre seu pai?

— Talvez — digo.

Mamãe se ajeita no banco e pigarreia.

— Tudo bem — diz ela, carinhosamente. — Eu já lhe contei isso e vou contar de novo. Seu pai e eu não nascemos para ficar juntos. Não nos entendíamos, e ele foi embora quando você tinha seis anos. Realmente, esse é o final da história.

Penso em meus bilhetes.

— Minha memória ficou bagunçada quando eu tinha seis anos. Você acha que fiquei traumatizada porque ele nos deixou?

— Já pensei nisso — admite ela, parecendo incrivelmente pouco à vontade.

— Mas e aí, vocês simplesmente deixaram de se amar? — pergunto.

Minha mãe não me olha quando responde.

— É.

— E nunca mais tivemos notícias dele?

— Não — ela responde.

As cartas lá em casa me dizem que ela está mentindo, mas disfarço a raiva. Insisto no assunto.

— Ele nunca tentou falar comigo ou algo parecido?

Juro que vejo um lampejo de culpa nos olhos da minha mãe quando ela responde.

— Não, querida, sinto muito, ele nunca tentou.

Você é inacreditável, penso.

E então chega a nossa porção de anéis de cebola frita.

*

Quando estou em casa, tento ligar para Jamie. Ela atende no terceiro toque.

— Você precisa parar de me perseguir — diz ela, cortante.

— Oi para você também — respondo.

— Sério, recebi sua mensagem hoje. Recebi todas as suas mensagens. Quando estiver pronta para falar com você, eu ligo.

— Mas, Jamie, você não acha que deveríamos simplesmente conversar sobre o assunto?

— E você por acaso se lembra de qual é o assunto, London?

— Sim — digo, baixinho.

Meus bilhetes estão no meu colo.

— Mas não se lembra de verdade — retruca Jamie. — Sabe, você pode dormir e se esquecer de tudo. Eu não tenho esse luxo.

— Não é um luxo — protesto. — Tanto faz! Preciso desligar.

— Mas, J., vamos nos falar de novo algum dia?

— Não sei, London. Vamos?

Clique.

*

— Qual é o problema? — pergunta Luke, pelo telefone.

— Nada — minto.

— Não, sério, o que foi? Posso ouvir em sua voz.

Dou um sorriso desanimado. Por que não consigo me lembrar de você?

— Um dia ruim — respondo, dando de ombros, embora ele não possa me ver.

— O que aconteceu? — insiste Luke.

Decido me abrir um pouquinho.

— Minha mãe e eu não estamos nos dando muito bem, e ela me fez falar sobre meus sentimentos depois da aula. Aí, tentei ligar para Jamie e ela basicamente me cortou e desligou na minha cara. Estou realmente cansada do drama que ela faz — digo com amargura, lembrando-me de discussões, no futuro, que eu considero desnecessariamente longas. — Ela é tão egocêntrica... Tudo gira em torno dela. Isso às vezes me deixa maluca.

Luke ri um pouco.

— O quê? — retruco, irritada.

— Nada, é que eu nunca vi você brava. É bonitinho.

— Não é bonitinho! — grito, brincando.

Ele ri mais, e eu o acompanho. Quando paramos, Luke pergunta:

— Agora, sério, o que posso fazer para ajudar?

— É bom falar com você — digo baixinho. — Isso ajuda.

— Desculpe não ter ligado antes — diz Luke com suavidade, me fazendo sentir arrepios pela coluna. — Eu estava pintando.

— Não tem problema. — Dou de ombros de novo. — Eu estava comendo cebola frita e falando sobre meus sentimentos com minha mãe, mesmo.

— Então me fale sobre o... — Luke se interrompe abruptamente do outro lado da linha. — Um segundo — sussurra ele.

Escuto a mão dele cobrindo o fone e uma voz abafada de mulher. A resposta de Luke soa mais alto, mas igualmente indistinta.

Logo ele está de volta.

— Desculpe — diz, retornando à conversa. — Era minha mãe. Ela quer que eu saia do telefone. Disse que está muito tarde para conversar.

— Ah. — Tento não parecer desapontada, apesar de saber que minha mãe pensaria a mesma coisa.

— Tudo bem, acho que nós podemos conversar amanhã.

— Tudo bem — diz Luke.

— Boa noite, Luke.

— Bons sonhos, London.

Ele desliga.

Na escuridão, fico encarando o telefone por alguns minutos, curtindo a sensação calorosa da conversa breve com Luke. Sei que preciso acrescentar detalhes da ligação ao bilhete na mesinha de cabeceira, mas ainda não quero me mexer.

Quando finalmente me obrigo a acender a luz e estragar meu momento zen, o irritante toque soa mais uma vez, e meu coração dá um salto.

— Alô? — atendo depressa.

— Eu me esqueci de falar que você estava muito bonita hoje — diz Luke, cochichando.

Na escuridão, sinto meu rosto corar.

— Obrigada — respondo, também cochichando.

— De nada.

Por alguns segundos, ficamos em silêncio. Todos os meus músculos estão tensos, de uma forma boa; é algo dolorosamente íntimo. Estou deitada na cama, agarrando o telefone como se minha vida dependesse disso, ouvindo apenas a respiração contida de Luke e as batidas aceleradas do meu coração. Se ele estivesse aqui agora, eu o beijaria.

— Bem, acho melhor eu desligar. Minha mãe pode voltar — sussurra Luke, quebrando o encanto.

— Tudo bem — respondo, incapaz de dizer mais.

— Até amanhã — diz ele.

— Tudo bem, tchau, Luke.

— Tchau, London — diz ele antes de desligar, e o som do meu nome em seus lábios me faz sentir arrepios de novo.

Aperto o telefone contra o peito e solto o ar com força, e então me sento e acendo o pequeno abajur na cabeceira da cama. Enquanto atualizo o bilhete do dia, minha mãe passa a cabeça pela porta do quarto.

— Está tarde — diz.

— Eu sei, estou terminando — respondo, sem olhar para ela.

— Durma bem.

— Obrigada.

— Eu amo você, London.

Suspiro profundamente e digo, meio desanimada:

— Eu também amo você.

Meus olhos ainda estão no papel.

Volto a escrever, e, em algum momento entre registrar o telefonema de Luke e apagar a luz, minha mãe desaparece em silêncio.

23

Ao meu lado, em outra fileira, a mochila florida de Jamie está arrumada. Faltam cinco minutos de aula, e ela não faz qualquer esforço para parecer que ainda está prestando atenção.

Pergunto-me se ela está tentando voltar para a detenção.

A ideia me deixa mal.

Jamie conseguiu me ignorar durante todo o período, uma tarefa facilitada pelo fato de que hoje não era aula de conversação. Não houve duplas. Não houve prática. Não houve trabalhos de grupo.

Não houve conversa. O sinal toca, e Jamie se levanta tão depressa que me dá um susto. Ela se vira para mim e joga alguma coisa em minha carteira.

— Aqui — diz, e então dá meia-volta e sai.

Em quinze segundos, a sala está vazia. Até a Srta. Garcia já está em seu escritório anexo à sala, preparando-se para a próxima aula.

Lentamente, desdobro o pequeno pedaço de folha de caderno. Não há bilhete, não há nada. Apenas um número de telefone.

Mas eu sei o que é.

Mesmo brava comigo, Jamie me ajudou.

Agora está em minhas mãos decidir se quero ou não entrar em contato com meu pai.

*

— Acha que eu posso ser consertada?

Minha mãe olha para mim de repente, surpresa. Até agora, estávamos jantando em silêncio.

— Consertada? — pergunta ela. — Eu não diria que você está quebrada. Você é especial.

Reviro os olhos diante de sua visão cor-de-rosa da vida.

— Tanto faz, mãe — respondo, secamente.

— O que fez você pensar nisso? — pergunta ela, ignorando meu tom de voz.

— Anatomia. — Dou uma mordida no frango e continuo: — A Srta. Harris falou sobre guardar lembranças diferentes em partes diferentes do cérebro. Coisas fáceis, como saber o próprio nome, andar de bicicleta ou matemática, vão para um lugar; lembranças do tipo experiências vão para outro.

— Eu não diria que matemática é fácil — diz mamãe, brincando.

Isso me irrita.

— É fácil para mim — acrescento, ríspida. — Talvez sua matemática esteja armazenada na parte das coisas mais difíceis. Mas a questão não é essa.

— Desculpe — diz minha mãe. — Continue.

— Obviamente, isso quer dizer que apenas uma parte do meu cérebro está bagunçada. Não o cérebro todo. Por isso, estou pensando se a parte bagunçada poderia ser consertada.

E então eu vou saber o que aconteceu no passado, penso, mas não digo. E talvez eu também pare de me lembrar do que vai acontecer no futuro.

— Não acho que funcione assim — diz minha mãe, com tranquilidade.

— Por quê? — pergunto.

— Porque um dos especialistas que visitamos é um neurologista. Você sabe o que é isso?

— Não sou burra, mãe.

— London, já estou cansada desse seu tom. Eu só ia dizer que ele fez uma ressonância magnética de seu cérebro, e nada parecia fora do normal. Ele disse que seu cérebro é perfeitamente saudável. Não há partes "bagunçadas".

— Deixa pra lá — digo, na defensiva. — Estou satisfeita.

Afasto-me da mesa, levo o prato até a pia e deixo minha mãe terminar de comer sozinha, o que só incomoda a mim mesma, a cada passo que dou em direção ao andar de cima.

24

— Tudo bem, estou pronta — sussurro, embora isso não seja necessário: estamos completamente a sós.

Uma música quase inaudível toca no aparelho de som do quarto de Luke, e o sol do final da tarde bate do outro lado da casa, o que deixa o cômodo escuro.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — pergunta Luke. Os pelos em meus braços se arrepiam.

— Tenho — respondo rapidamente. Depois, acrescento: — Eu acho.

— Não tem pressa. Podemos esperar.

— Não, precisa ser hoje — digo em um tom mais autoritário do que eu pretendia. Luke ri e pega o celular.

— Tudo bem, lá vai — diz ele.

Ele digita o número do papel e eu mordo a unha do indicador direito, com ansiedade. Imagino um toque, depois dois, depois... Os olhos de Luke se arregalam e sua postura fica tensa. Menos de um segundo depois, ele volta a relaxar. E faz uma careta ao desligar o telefone.

— Foi engano — diz, desapontado.

— Caiu na secretária eletrônica de outra pessoa? — pergunto, querendo explicações.

— Não, parece que o número foi desativado. Talvez tenha sido do seu pai na época do divórcio, mas ele já trocou de número.

Como se seguissem uma deixa, gritinhos abafados irrompem da cozinha, e Luke e eu nos sentamos instintivamente nos pufes. Sabemos — ele, por experiência, e eu, por causa de meus bilhetes — que a mãe dele vai entrar no quarto sem bater à porta para ver o que estamos fazendo. Passar trotes inocentes para o meu pai sumido pode parecer questionável se o fizermos na cama de Luke.

Na verdade, qualquer coisa feita na cama de Luke pode ser vista com um erguer de sobrancelha pela Sra. Henry, e uma inquisição materna não é o que preciso neste momento.

Luke liga a tevê bem a tempo da interrupção, e sua mãe nos encontra curtindo um documentário sobre pesca no gelo. Ela nos convida para lanchar na cozinha, e aceitamos porque não há mais nada a fazer em relação a papai, por enquanto.

Depois de comermos nachos, nos acomodamos no sofá enorme da sala de estar para sermos entretidos por duas garotinhas idênticas de quase três anos. Sei

que já estive com elas antes, então tento esconder meu completo assombro diante das cópias à minha frente. Como deve ser estranho ver a si mesmo em outra pessoa.

As irmãs em miniatura de Luke se cobrem com todas as peças de roupa que seus corpinhos podem carregar e encenam uma peça sobre "macacos e mamães no zoológico". Nós as aplaudimos de pé e depois lhes explicamos o que significa aplaudir de pé.

Em seguida, começa um jogo de habilidade chamado "enfileirar os bichinhos de pelúcia". Como formiguinhas, as meninas vão e voltam, da caixa onde eles ficam guardados até a fila, carregadas de ursos, elefantes, girafas e outros bichos. No final, uma Grande Muralha de "Bichinhos" se estende da lareira até a entrada arqueada da sala. Depois de debaterem durante cinco segundos, elas dividem o território: a metade esquerda da sala de estar, que inclui o sofá, é para os "grandes", e a metade da direita é exclusivamente para as "princesas".

Quando o Grande Luke sai do sofá e pula para a área das gêmeas, é recebido com gritos, risadas e uma alegria que é contagiante. Não resisto a me juntar a eles, fazendo cócegas e rindo com Ella ou Madelyn, não tenho certeza.

Em pouco tempo, é quase hora do jantar, e o pai de Luke chega carregando uma caixa enorme e dando um oi carinhoso para todos nós. O Sr. Henry é um homem bonito, e posso ver Luke nele. Por um momento, deixo minha mente vagar, pensando se Luke terá o mesmo cabelo grisalho e o rosto ligeiramente envelhecido quando tiver a idade do pai.

De volta à realidade, as garotas estão abrindo a caixa com a ajuda do Sr. Henry, e não posso deixar de sentir uma pontada de inveja do relacionamento deles. Vou para o sofá e observo os momentos simples que filhos que têm um pai em sua vida consideram perfeitamente normais. A mão minúscula de uma das gêmeas está pousada no ombro do pai enquanto ele corta a parte de cima da caixa; o rosto de boneca da outra se ilumina como se fosse manhã de Natal enquanto ele se desvencilha dos pedacinhos de isopor e do plástico-bolha.

A caixa guarda um cavalinho de madeira feito à mão e pintado de cor-derosa, pronto para ser usado.

Mas, depois que cada uma brinca uma vez, a verdadeira atração é a imensa caixa de papelão, que parece uma fortaleza.

— É um carro! — berra a gêmea, que eu acho que é Ella, bem no rosto de Luke.

Os olhos dela brilham; como ele poderia não ajudá-la a entrar na caixa e não puxá-la pelo carpete da sala ao som de vruuum? A menina que só pode ser Madelyn também quer dar uma volta, e Ella quer mais uma. E agora é só: "Meu carro!", "Não, meu carro!", "Não, MEU!".

Claramente acostumado a resolver minibatalhas, o Sr. Henry some e depois reaparece com um estilete, fita adesiva e um punhado de canetas hidrográficas. Dez minutos depois, há dois carros igualmente maravilhosos, cada um pronto para transportar sua gêmea até "o shopping", "a casa da vovó" ou "a escola", de acordo com a vontade delas.

Ella se senta com as costas eretas e segura firmemente as laterais da caixa, examinando o cenário em sua imaginação. Madelyn prefere se recostar no carro, tornando-o mais parecido com uma cama móvel, o que lhe permite olhar para o teto. Enquanto Luke passa com ela perto de meus pés, rio de sua expressão serena e imagino no que ela poderia estar pensando deitada ali, olhando para o céu.

E então alguma coisa acontece.

Uma peça se encaixa.

Luke interrompe o desfile e se vira para mim.

— Você está bem? — pergunta ele, em voz baixa.

— Estou — respondo, rapidamente. — Por quê?

— Você acabou de dar um pulo, como se alguma coisa a tivesse assustado.

— Vai, VAI! — ordena Madelyn, dentro da caixa, quando percebe que sua carruagem parou.

— Shhh — diz Luke para a irmã, com delicadeza. — Só um minuto.

Ela obedece, e Luke deixa a caixa no chão. Senta-se comigo no sofá e segura minha mão.

— Você está se sentindo bem? — pergunta ele, suavemente. — Está muito pálida.

Ele afasta uma mecha de cabelo de meu rosto, e acho que percebo o Sr. Henry sorrindo para nós.

— Estou me sentindo mal — digo, mais alto do que pretendia, chamando a atenção de dois pais e de duas pequenas gêmeas.

Agora toda a família Henry está me olhando, com graus variados de curiosidade e preocupação.

— Você quer se deitar, London? — pergunta a Sra. Henry, de um jeito que me faz querer me olhar no espelho.

Não posso estar com uma aparência tão ruim assim...

— Não, estou bem — respondo. — Acho que só preciso ir para casa. Luke se levanta e as gêmeas protestam em coro. A Sra. Henry tenta acalmar as garotas enquanto o Sr. Henry nos acompanha até a porta. Do lado de fora, respiro fundo o ar gelado e, embora sinta uma ardência em meus pulmões, isso ajuda.

Luke abre a porta da minivan para mim e me beija no rosto antes de fechála.

Fazemos o percurso em silêncio, e Luke fica me lançando olhares de vez em

quando, preocupado. Quando paramos na entrada da garagem da minha casa, ele se oferece para entrar.

— Obrigada, mas estou bem — digo, querendo apenas correr para dentro.

— Sua mãe está em casa, pelo menos? — Ele olha para a janela iluminada da sala de jantar.

— Tenho certeza de que está — digo, virando-me e acrescentando: — Obrigada.

Bato a porta do carro sem sequer um beijo. Subo correndo os degraus da varanda antes que Luke possa sair do carro. Assim que entro em casa, vou direto para o quarto, fecho a porta e me enfio na cama, vestida. Puxando as cobertas até o pescoço, fecho os olhos com força e tento controlar minha respiração irregular. Permito que minha mente vá até o cemitério úmido; permito-me sentir que estou lá, parada no meio de um mar de escuridão.

Sei, por meus bilhetes, que há algum tempo venho tendo alguma versão dessa lembrança de enterro. Ela vinha se desenvolvendo e tomando o espaço nas profundezas do meu cérebro, lembrando-me silenciosamente de que, em algum momento, alguém vai morrer.

Mas, até hoje, "alguém" era tudo o que eu sabia.

Então, a irmãzinha de Luke, deitada, doce e serena, dentro daquela caixa de papelão acendeu a luz que faltava, e aqui estou, vendo tudo tão claro quanto o dia: o buraco menor do que o normal aberto no chão diante de mim, já engolindo um minúsculo caixão feito para a minipessoa que, com certeza, está deitada ali dentro.

"Alguém" é uma criança.

Como se não fosse possível ficar pior, outro pensamento me acerta nas entranhas e me derruba de tal modo que chego a pensar em nunca mais me levantar de novo.

É nebuloso — daqui a muito tempo —, mas me lembro de estar grávida.

E se for meu filho?

Isolada e aterrorizada pela lembrança, puxo as cobertas mais para junto do queixo, porque isso é tudo o que consigo pensar em fazer.

Minha mãe não está; meu pai foi embora há muito tempo. A única pessoa na minha vida neste momento é um garoto de quem não consigo lembrar. E algum dia, no futuro, vou enterrar uma criança.

É demais para mim.

25

A caminho da aula de espanhol, dou uma olhada nos cartazes do baile de gala de inverno salpicados pelo corredor; o evento é amanhã à noite. Meus bilhetes me dizem que Luke vai me levar, e, depois de ter passado o último tempo de aula com o garoto que aparentemente namoro há quase quatro meses, por mim está tudo bem.

Estou nervosa, mas tudo bem.

Temos uma professora substituta na aula de espanhol, e Jamie faz dupla com Amber Valentine para os exercícios de pronúncia, deixando-me às voltas com uma monitora mal-humorada do último ano chamada Andi, que claramente tinha outros planos para esse tempo. Não tenho certeza de quais são os prérequisitos exigidos para ser monitor, mas obviamente não incluem ser bom na matéria; a pronúncia de Andi é ainda pior que a minha.

Ela já revirou os olhos para mim pelo menos dezessete vezes, de acordo com a contagem em meu bloco. Minha vingança é não lhe falar do pedaço de comida verde alojado entre seus dentes da frente.

Depois da aula, corro para alcançar Jamie.

— Oi — digo, quando ela percebe que estou andando a seu lado rumo ao refeitório.

— Oi — responde ela, indiferente.

— Como você está? — pergunto, com a esperança de começar a fazer as pazes.

— Bem — diz ela em um tom ainda mais indiferente, se é que é possível.

Hoje não é o dia da reconciliação.

— Escute, Jamie, eu só queria agradecer...

— Por quê? — pergunta ela, desinteressada e evitando me olhar.

Acho que ela acabou de se afastar um pouco de mim.

— Pelo telefone. Do meu pai.

— De nada — diz Jamie enquanto vira na direção oposta e me deixa ali parada, no meio do corredor movimentado.

26

De banho tomadíssimo e com um vestido vermelho de festa que mostra um pouco mais de pele do que me deixaria à vontade hoje, tamborilo a melodia de uma valsa na mesa antiga.

— Você vai estragar seu esmalte — avisa minha mãe, da cozinha, acenando com a cabeça em direção às minhas unhas recém-pintadas. Ela está apoiada no balcão, olhando para mim enquanto beberica seu chá em uma caneca fumegante.

Paro de tamborilar, mas não respondo.

— Está nervosa por causa do baile? — pergunta, puxando assunto.

Escuto o relógio de pêndulo na sala de estar bater uma vez, anunciando meia hora. Ele vai chegar a qualquer minuto.

— Acho que sim — respondo, jogando um cacho de cabelo por cima do ombro.

Na verdade, não estou nervosa por causa do baile. É por causa da minha vida.

Tentando afastar os pensamentos mais sombrios, concentro-me nos bilhetes diante de mim, espalhados pela mesa como o diário de uma pessoa com amnésia. Usei a tarde para estudar Luke tanto quanto pude, decorando mais informações para esse encontro do que vou fazer para o vestibular. Ainda assim, posso esquecer alguma coisa. A ideia me deixa inquieta; continuo a ler.

Eu e minha mãe levamos um susto com o som da campainha.

— Quer que eu abra a porta? — pergunta ela quando fico paralisada na cadeira.

— Hein? Ah, não, eu abro. Quer dizer, estou namorando ele, não é?

— Sim, está — diz ela, carinhosamente. — E ele é um garoto muito bom. Você está linda, London. Divirta-se.

Caminho em direção à porta da cozinha como se meus pés fossem de chumbo e continuo pelo pequeno corredor até a entrada da casa. Viro à direita, abro a porta, e ali está ele.

Ali... está... ele.

Luke.

Alto, mas não demais; em boa forma, mas não musculoso; cabelo perfeito; olhos maravilhosos; aparentemente à vontade em seu terno preto simples, embora eu saiba, pelos bilhetes, que ele prefere o estilo roqueiro chique.

Ele está segurando uma tela gigantesca envolta por um laço.

— Em vez de flores — diz, oferecendo-me um quadro do que parece ser

minha orelha.

Posso ver a sombra do furinho cicatrizado que reabrirei na faculdade.

Fios de cabelo da cor exata presos atrás dela. A minúscula ponta no topo.

— É sua orelha de elfo — diz Luke, sorridente.

Não resisto a rir e a levar a mão à orelha. Ele dá mais um passo.

— É minha orelha preferida — sussurra ele em meu lóbulo esquerdo, fazendo com que eu me arrepie toda. Ele volta a se afastar e me observa de cima a baixo. — Você está linda — diz ele, sem hesitação. — Sapatos bonitos.

— Obrigada — digo, sorrindo com o corpo inteiro. A maioria dos garotos não repara em calçados. — Você também está bonito. Eu esperava encontrar a camiseta de uma banda debaixo do paletó ou algo parecido.

— Nah... — diz Luke com uma risada, exibindo uma covinha profunda na bochecha direita.

Apoio o quadro cuidadosamente na parede do hall de entrada e pego meu casaco.

Luke me oferece sua mão, e, no momento certo, bem quando estamos prontos para sair, minha mãe aparece para nos desejar uma boa-noite. Eu poderia beijá-la por estar armada com uma câmera digital e por nos obrigar a parar e a fazer pose antes de irmos embora. Luke se inclina e abre a porta para mim, e, assim que estamos longe dos ouvidos de minha mãe, ele se abaixa e sussurra:

— Esse vestido é sexy.

Um arrepio percorre minha coluna, e estou empolgada porque vou passar a noite inteira — bem, quase inteira — com ele.

Luke dirige para a escola, e, como a festa é no ginásio, paramos o carro no estacionamento dos professores. Apesar de ser permitido hoje, parece escandaloso.

Dentro do ginásio, as luzes de discoteca estão a toda, e o volume da música está um tom acima do ensurdecedor. Analisando o lugar, vejo Carley Lynch cercada por Alex Morgan e outras líderes de torcida, todas usando vestidos tão decotados que sinto vergonha por elas.

No canto oposto, vejo Jamie no momento em que seus olhos encontram os meus. Ficamos nos encarando por um instante, e então ela desvia o olhar. Em um lindo vestido preto, ela está à direita de um garoto que eu não reconheço.

Um segundo se passa até minha dor diminuir e eu me lembrar de que continuaremos amigas por muito tempo depois de hoje à noite. Ela pode não saber isso agora, mas não me odeia.

Sigo seu olhar e sinto um pequeno aperto no estômago quando percebo que ela está fitando o Sr. Rice, que está supervisionando o evento. Tenho a impressão de que vou passar mal quando ele olha para ela de uma maneira convidativa,

como nenhum professor casado deveria olhar para uma garota de dezesseis anos.

Luke também deve ter percebido.

— Ei, vamos dançar — diz ele antes que eu possa me perder em meus pensamentos.

Vamos para o meio da pista de dança e somos imediatamente engolidos por um oceano de estrelinhas reluzentes, cortesia de um globo de luz. Apoio os pulsos nos ombros de Luke, e, de repente, a força de seus braços em minha cintura, junto com a música melodiosa que nos embala, me faz fantasiar sobre me casar com ele.

Poderia ser nossa música.

Deixo a letra suave me levar e curto o momento e a fantasia até que ela chega aos filhos. E então a escuridão surge, e minha mente faz perguntas às quais não quero responder.

A criança morta é minha e de Luke? É por isso que não me lembro dele? Porque o que viveremos será doloroso demais?

Puxo Luke para mim e encosto o rosto em seu ombro, fechando os olhos com força para tentar afastar a escuridão. De alguma forma, Luke sabe que deve me segurar com mais força também e, embora não veja a lágrima que escapa do meu olho, ele passa a mão em minhas costas como se dissesse "vai ficar tudo bem". Não quero soltá-lo nunca mais.

Luke e eu dançamos como se estivéssemos colados durante três músicas lentas, antes de o DJ agitar a festa.

Meus ouvidos se enchem com uma versão remixada de um clássico da música disco que tocará em praticamente todos os casamentos e festas aos quais vou comparecer pelo resto da vida. Os mais corajosos dançam, enquanto os descolados ou desajeitados demais saem do meio da pista. Não sei a qual grupo pertencemos, mas nos encaminhamos lentamente para o lado.

— Quer um pouco de ponche? — digo.

— Não era eu que deveria fazer essa pergunta para você? — responde Luke.

Dou de ombros, e ele concorda.

— Vou falar com Adam, mas encontro você para rolarmos na neve — diz ele, apontando para um conjunto de bancos decorados com neve falsa.

Rindo e sacudindo a cabeça, caminho até a mesa do ponche e pego dois copos plásticos transparentes. Espero minha vez, encho-os, vou para um dos bancos com neve e me sento.

Gabby Stein, da aula de educação física, e Christopher Osborne, seu acompanhante, estão sentados a dois bancos de distância do meu. Eles me olham como se eu estivesse com cheiro de chulé. Nenhum dos dois sabe ainda, mas Christopher será o orador da turma quando nos formarmos no ano que vem.

Agora, porém, apesar da incrível semelhança com o Super-Homem, Christopher não passa de um pequeno animal indefeso, vítima do abraço de jiboia de Gabby. Torço para que apareça algum supervisor para controlar as demonstrações excessivas de afeto, enquanto desvio o olhar bem rápido e desejo desesperadamente que

Luke se apresse.

— Desculpe — diz ele quando finalmente se acomoda a meu lado. — Adam está falante hoje.

— Sem problema — respondo, entregando-lhe seu ponche.

Ele engole a bebida e coloca o copo na neve, perto de vários outros copos vazios que sujam a imitação de paisagem externa.

— Está se divertindo? — pergunta.

Seus olhos vagueiam até a sessão de amassos a dois bancos de distância, e ele logo volta a olhar para mim.

— Claro, eu sempre me divirto com você — respondo, sentindo uma pontinha de culpa por usar a palavra sempre.

— Dançar não é sua praia, não é? — provoca, lendo meus pensamentos.

Suspiro e rio.

— Para falar a verdade, não. Quer dizer, foi divertido por alguns minutos. As danças lentas foram legais. Mas esses sapatos estão me matando, e eu estou com fome.

Ele ri comigo, e então se levanta e me puxa com facilidade.

— Então, vamos — diz.

— Tudo bem, só preciso passar no banheiro antes.

— Certo, vou esperar você perto da porta.

Ele me beija suavemente antes que eu vá para o banheiro feminino mais próximo do ginásio.

Lá, há pelo menos cinco garotas se admirando no imenso espelho sobre as pias. Sem estabelecer contato visual, encontro um compartimento vazio e então passo por sedas e tules até uma pia livre. Lavando as mãos, sinto alguém me olhar pelo espelho.

— Sei que você nunca falou de mim para ele — diz Page Thomas em seu tom de voz mais acusador.

É por isso que eu nunca deveria comparecer a eventos sociais: não sou sociável. Definitivamente, não vou ao baile de formatura no final do ano.

— Como? — pergunto, fingindo não ter ouvido.

Talvez eu consiga enrolá-la por tempo suficiente para secar as mãos e sair.

— Você deveria se desculpar — diz, com os olhos semicerrados e o rosto franzido.

Ela se vira, o cabelo louro bem claro esvoaçando nas costas, e sai do banheiro.

Terminei, e agora as outras garotas estão me encarando. Então sou obrigada a seguir Page.

No final do corredor, Luke me espera. Brad também está ali, esperando Page. Luke está apoiado na parede, parecendo um modelo de ternos. Brad olha com curiosidade o armário de troféus.

A presença de Luke não deve ter sido ignorada por Page, porque ela se vira rapidamente e me vê logo atrás. Revira os olhos, volta-se para a frente e aperta o passo. Quando alcança Brad, ela segura a mão dele e o puxa para o ginásio.

Não posso ter certeza, mas acho que a ouço murmurar uma palavra particularmente grosseira sobre mim enquanto eles andam.

— Fazendo amizades hoje à noite, hein? — Luke dá um sorriso compreensivo. Ele está segurando meu casaco, para que eu o vista. — Vamos embora — diz ele assim que estou agasalhada e pronta.

Ele pega minha mão e corremos contra o vento até a minivan, distanciandonos de tudo. Na escuridão amarga, minha mente vaga até uma pergunta à qual, segundo meus bilhetes, eu tinha esperança de responder: mudei alguma coisa para Page, ou ela está fadada ao constrangimento e à decepção proporcionada pelo Brad da aula de matemática?

Apesar de Page obviamente estar furiosa comigo, tenho uma esperança secreta de que, de alguma forma, seu destino seja diferente daquele que vi meses atrás. Por mais cruel que ela possa ser, ninguém merece aquela dor.

27

— Tem certeza de que ela não está? — sussurra Luke enquanto observa a fachada da minha casa, sentado no banco do motorista na minivan.

— Sim, tenho certeza — respondo em um tom de voz normal. — Por que você está sussurrando?

— Não sei — sussurra Luke. Ele me olha, abre um sorriso imenso e bobo, vira-se novamente para a casa e diz: — É como se ela pudesse me ouvir.

— Ela não está em casa! — berro para comprovar o que estou dizendo.

— Onde ela está? — pergunta ele.

— No cinema — respondo, simplesmente.

De repente, fico nervosa. Luke e eu estamos namorando há vários meses. Será que ele está esperando alguma coisa? E eu?

Sabendo que poderia ficar completamente obcecada por causa disso, decido ir em frente e saio da minivan. Antes de bater a porta, viro para Luke e pergunto:

— Você vem ou não vem? Preciso de um queijo-quente.

Ele ri, desliga o motor e vem atrás de mim. Logo nos encontramos na entrada acolhedora da casa, tirando os casacos e os sapatos. Não consigo deixar de imaginar o que aconteceria se eu simplesmente continuasse, tirasse o vestido...

— Ela deixou todas as luzes acesas. Você tem certeza de que ela não vai voltar logo?

— Luke! Do que você tem tanto medo? — grito, brincalhona.

Ele está olhando para a sala de estar para ter certeza de que minha mãe não está lá.

— Desculpe, sei que estou agindo como um maluco. Eu só duvido que sua mãe gostaria que ficássemos sozinhos aqui, a essa hora da noite.

— Certo. Em primeiro lugar, você veio dos anos cinquenta ou coisa parecida? Em segundo lugar, não está tão tarde assim. São só... — Dou uma olhada no relógio de parede ornamentado em cima do piano no cômodo ao lado. — Não são nem nove horas. Meu horário para chegar em casa é meianoite. E, em terceiro lugar, mesmo que ela não queira que nós fiquemos sozinhos aqui, nunca vai saber. Está no cinema!

— A que horas o filme acaba? — pergunta Luke.

— Às dez e meia.

— Tudo bem, vou embora antes das dez e meia.

— Tudo bem — digo, sorrindo.

— Tudo bem — diz Luke, gentilmente.

Ele está diante de mim, enfim calmo, enrolando as mangas da camisa social branca, que está para fora da calça. A visão me faz perder o fôlego.

Dou um passo à frente para que nossos rostos fiquem a apenas alguns centímetros. Antes de pensar demais no que estou fazendo, fico na ponta dos pés, seguro o rosto de Luke em minhas mãos e beijo com firmeza seus lábios macios. Ele não se afasta; em vez disso, inclina-se na minha direção, abaixando-se só o suficiente para que eu não precise continuar nas pontas dos pés. Com seus braços, ele envolve minha cintura com força, e sinto suas mãos fortes apertarem a parte mais baixa das minhas costas. Minhas mãos se movem para sua nuca. Perco a noção de tempo e de lugar e simplesmente me deixo levar, aproveitando os beijos cada vez mais quentes.

Meu coração dispara, e a ideia de tirar as roupas volta à minha cabeça. Apoio-me em Luke e, com nossos lábios grudados, cambaleamos para trás até que suas costas batem na porta fechada da entrada da casa. Aperto-me contra seu peito, que parece mármore quente. Ele passa as mãos em meu cabelo, e minha respiração fica mais pesada enquanto continuo beijando-o, beijando-o, beijando-o...

As cinco extensões telefônicas gritam em uníssono e nos assustam, e nos afastamos como se tivéssemos sido flagrados por alguma espécie de alarme de castidade. Reconhecendo o som e me sentindo boba tanto pelo susto quanto pela onda de hormônios, rio nervosamente, e ele também.

Dou dois passos para trás, tropeço em meus sapatos e caio no chão, o que me faz rir histericamente. Incapaz de respirar, me encolho, constrangida, e Luke se junta a mim no chão, primeiro se sentando, e depois deitando-se e olhando para o teto.

Os telefones finalmente param de tocar. Consigo me recompor.

— Adoro sua risada — diz ele quando me acalmo.

— Obrigada, adoro rir — respondo.

— Eu sei. É uma das coisas de que mais gosto em você. Lembra aquele seu ataque de riso no nosso primeiro encontro? Foi bonitinho.

Bom saber, penso.

— Conte mais — digo, tão perfeitamente confortável no tapete persa quanto se estivesse deitada em um sofá ou uma cama.

Nossas cabeças estão juntas, formando um ângulo com os corpos: se alguém nos observasse de cima, veria um V.

— Hum, quer saber os motivos pelos quais eu amo você? — pergunta ele, casualmente, como se já tivesse dito aquelas palavras para mim antes.

Mas, se me lembro corretamente de meus bilhetes, essa é a primeira vez.

Meu coração ameaça soltar do peito, mas mantenho uma aparência calma.

— Sim, em uma lista, se possível.

Ele solta um risinho baixo.

— São motivos demais para listar todas, mas vou citar alguns.

— Por favor, siga em frente — digo, tentando permanecer tranquila enquanto sinto vontade de sair pulando.

Prendo a respiração.

— Bem, tem o óbvio. Você é linda.

— É, obviamente — respondo com indiferença, disfarçando o fato de que meu estômago acabou de dar uma cambalhota.

— Adoro seu cabelo. Parece maluquice, mas, quando vi você pela primeira vez, naquela roupa ridícula, com o cabelo ruivo longo voando para todos os lados, simplesmente quis tocá-lo. É macio e sempre cheira bem. Aliás, espere aí... — Luke se inclina e enfia o nariz entre os fios. Inspira profundamente e depois volta a se deitar de costas. — Ah, maravilha — murmura.

— Você é completamente esquisito — brinco.

Ele me ignora.

— Vejamos... o que mais? Amo você porque é o tipo de pessoa que faz amizade com um cara no primeiro dia dele na escola. Ah, e por falar em amigos, adoro o fato de você não ter desistido de Jamie, mesmo que ela esteja brava e que não esteja sendo muito legal.

— Ela vale a pena — respondo, defendendo-a.

— É isso o que eu quero dizer. Você não liga para panelinhas e bobagens assim. Você é madura.

— Certo. O que foi que você falou sobre acessos de riso?

— Bom, é, tem isso. Na maior parte do tempo, você é madura.

Luke me cutuca nas costelas e sorri antes de encarar o teto novamente.

— O que mais? — pergunto. — Isso está divertido.

— Vejamos — diz Luke, colocando o antebraço esquerdo atrás da cabeça. Ele olha para a parede em que sua pintura está encostada. — Gosto que você não ache estranho que eu curta pintar orelhas.

— Acho um pouquinho estranho, sim. Mas gosto de coisas estranhas — digo. — O que mais?

— Não sei, London — diz ele, ficando de lado para me olhar e apoiando a cabeça na mão. — Acho que é simplesmente o pacote inteiro. Não consigo decompor você. Simplesmente amo você toda. Acho que sempre amei.

Pergunto-me o que Luke quer dizer com "sempre" enquanto ele passa a mão em meu rosto e ficamos em silêncio por um momento. Isso não parece encaixar muito bem, mas não quero estragar o clima, então digo:

— Eu também amo você todo.

As palavras são pesadas e sinceras, e acho que as de Luke também foram. E, curiosamente, apesar do peso, eu me sinto leve. Parece fácil.

Estamos deitados, Luke e eu, respirando o hálito um do outro e ouvindo o tique-taque do relógio, quando um som gorgolejante muito desagradável irrompe de minhas entranhas.

— Isso foi sua barriga? — pergunta Luke, olhando para ela.

— Foi! — respondo antes de começar mais uma rodada de risos delirantes. — Eu... falei... que... estava... com... fome! — consigo dizer, enquanto tento respirar.

Ele sacode a cabeça para mim e se levanta lentamente. A visão de Luke acima de mim, em todo seu esplendor, interrompe minhas risadas.

— Vamos preparar um queijo-quente para você — diz ele, oferecendo-me suas mãos.

— Finalmente! — respondo, deixando que ele me levante.

Quando fico de pé, estremeço: o frio do piso sob o tapete chegou a mim.

— Está com frio? — pergunta ele.

— Estou. Vou pegar um casaco. Fique à vontade na cozinha.

Subo correndo a escada e vasculho meu quarto à procura de alguma coisa felpuda e quente. Sem nada imediatamente à vista, acendo a luz do closet e começo a puxar roupas dobradas das prateleiras. Avalio minhas opções e decido pegar um agasalho bege com capuz que sei, graças a meus bilhetes, que pertence a Luke.

Ao me olhar no espelho, decido gastar um minuto prendendo meu cabelo em um rabo de cavalo. Enquanto dou no elástico uma, duas e finalmente três voltas, meus olhos examinam o quarto, vendo-o como Luke o veria.

Se eu o deixar subir hoje à noite.

A cama está lindamente feita — minha mãe deve ter arrumado o quarto depois que saímos para o baile. As almofadas estão perfeitas.

Em uma moldura de madeira escura sobre a escrivaninha, há uma foto de mim e Luke. Não me lembro de quando ela foi tirada.

Em um canto, o cesto de roupas sujas está vazio.

Na mesinha de cabeceira, estão o abajur e um descanso de copo onde antes repousava uma caneca suja de chá. Minha mãe realmente deve ter limpado...

Espere.

Por um momento, volto a olhar para a mesinha de cabeceira pelo espelho. Depois me viro no banco para vê-la diretamente.

Parece tão... vazia.

Porque está.

Porque está!

Meu pulso acelera enquanto me questiono.

Onde estão meus bilhetes?

Minha mãe os tirou dali? Ela os guardou?

Não, ela não faria isso. Ou faria? Fico de pé e atravesso o quarto correndo. Verifico a gaveta da mesinha de cabeceira e as da escrivaninha.

Mastigo a unha do indicador, pensando. Dou uma volta lenta pelo quarto, examinando todas as superfícies.

Eu levei meus bilhetes para algum lugar?

Para onde os levaria?

Onde estive com eles pela última vez?

Perco o fôlego pouco antes de entender o que aconteceu.

Sei onde estão meus bilhetes.

Estão exatamente onde os deixei.

Exatamente onde eu os estava lendo antes de Luke vir me buscar hoje.

Exatamente onde mandei Luke me esperar.

Estão na cozinha.

— Luke! — grito, saindo correndo do quarto e descendo a escada como se fosse fazer alguma diferença. — Luke! — grito de novo, em vão.

Sei, antes mesmo de chegar, que ele já os viu.

Nenhuma resposta vem da cozinha. Vou mais depressa e quase escorrego no piso envernizado quando contorno o corredor.

— Luke — repito às costas dele, que encara a mesa e não responde. — Luke? — tento pela zilionésima vez.

Ele se vira, segurando um único bilhete.

Fico paralisada olhando.

Finalmente, ele fala:

— Eu estava me perguntando como você conseguia.

Ainda paralisada, fico confusa.

— Conseguia o quê?

— Como você se lembrava de mim desta vez — diz ele. — Quer dizer, percebi que você esquecia coisas algumas vezes. Mas, na maior parte do tempo, você parece... normal. Parece me reconhecer todos os dias.

Ergo as sobrancelhas quando meus olhos se arregalam diante da confirmação chocante de que ele sabe.

Luke sabe. Por um momento, é quase um alívio. Não preciso me esforçar tanto. Não preciso...

Espere, Luke sabe?

Então, percebo. Há quatro meses, o garoto diante de mim vem mentindo.

Ele é tão ruim quanto minha mãe.

Existe alguém na minha vida que não esteja me enganando?

O alívio passou; a raiva chegou. Meus ombros desmoronam e meus braços se juntam, como se eu quisesse me proteger do mundo.

O sangue corre para meu rosto, e minhas orelhas latejam. Meu coração dispara.

Tenho dificuldade para falar. Mas, finalmente, consigo.

— Você sabia? — pergunto, revoltada.

— Sim, London, eu sabia — diz ele, com um sorriso hesitante, como se não soubesse se deveria sorrir.

O sorriso é a gota d'água. Fecho os punhos com força e sinto vontade de berrar a plenos pulmões.

— Há quanto tempo? — pergunto rispidamente, apoiando-me no balcão com uma das mãos. Penso nos cartões do meu pai. Na traição da minha mãe. E, agora, nisto.

— Desde que tínhamos onze anos — diz Luke com naturalidade, alimentando o fogo que já está ardendo em minhas veias.

— Luke, de que diabos você está falando? — grito.

Eu o encaro, me sentindo ofendida. Quero que ele vá embora. Mas quero que se explique antes.

— Tudo bem. Você se lembra... — Ele passa a mão nos papéis. — Você se lembra de que uma vez mencionei ter passado alguns verões com meus tios?

Satisfeita por ter estudado meus bilhetes hoje, murmuro:

— Lembro.

— E se lembra também de ter frequentado a colônia de férias da ACM quando era mais nova?

— Não.

— Bem, você frequentava. E eu também. Meus tios moram aqui, London. Ou, pelo menos, minha tia. Eles estão se divorciando.

Uma das razões por que nos mudamos para cá foi para que minha mãe pudesse ficar mais perto da irmã.

Solto o ar ruidosamente. Ainda estou agarrando o balcão com uma das mãos; as unhas da outra estão a ponto de cortar minha palma. Com o maxilar tenso, imagino meus molares se enterrando na mandíbula. Luke lê minha expressão corporal e a entende.

— Isso não vem ao caso — diz ele. — A questão é que frequentamos a mesma colônia de férias durante um verão. Éramos amigos. Você era minha única amiga. E tenho bastante certeza de que eu era seu único amigo naquela época.

Luke fica em silêncio por alguns instantes para garantir que eu assimile a

informação. Eu o encaro duramente, e ele considera meu silêncio uma deixa para prosseguir.

— Nenhuma das outras crianças me dava a mínima porque eu não morava aqui. E, é claro, houve o incidente no jogo de queimado.

Ergo as sobrancelhas ligeiramente, sem falar uma palavra. Estou lívida, mas também curiosa.

Luke dá de ombros, como se aquilo não tivesse importância.

— Estávamos jogando e um dos garotos maiores jogou de propósito a bola no meu rosto quando o monitor não estava olhando. Quebrei o nariz, mas tenho alta tolerância à dor, então comecei uma briga com o garoto e sorri quando ele me arrebentou. Achei que aquilo faria com que eu parecesse legal. Em vez disso, todo mundo achou que eu era maluco. Menos você.

Reviro os olhos para aquele elogio. Não vou ceder com tanta facilidade.

— Reparei em você no primeiro dia da colônia de férias.

Observei você lendo sozinha em um canto, isolada. Eu queria puxar assunto, mas não tive coragem. E eu realmente queria tocar seu cabelo naquela época também. Não estava brincando quando disse isso antes.

Lembrando-me da conversa no tapete, sinto um tipo diferente de calor por um instante. Aí, lembro que, como minha mãe, meu namorado é um mentiroso.

Cruzo os braços, e Luke pigarreia, ansioso. Acho que ele sabe que está prestes a ser expulso daqui, então apressa o final da história.

— Enfim, você veio até mim depois da briga e me ajudou. Usou seu suéter para estancar o sangramento. Ele ficou acabado. Achei que seria poético dar meu casaco para você naquele dia na escola — diz ele, como um comentário, gesticulando para o agasalho que estou vestindo. — Mas, é claro, você não entendeu.

— Não tenho culpa! — grito.

— Eu sei — diz Luke. — Não foi o que eu quis dizer.

Ele se mexe, e eu olho para o relógio. Desejo com todas as forças que minha mãe não chegue e interrompa nossa conversa.

— São quase dez horas — diz Luke.

— Sei ver as horas — retruco.

— Você quer que eu vá embora?

— Quero — digo, com aspereza. — Mas termine primeiro.

— Tudo bem, então, enfim, na colônia de férias, no dia depois da briga, fui até você e disse "oi", mas você não lembrava quem eu era. A princípio, fiquei magoado. Achei que você estava fingindo não me conhecer. Como se você fosse descolada demais ou algo parecido. Mas você foi simpática e tagarela. Então, achei que tivesse amnésia ou coisa parecida. Perguntei se havia algo errado com

seu cérebro. Você disse: "Não, há algo errado com o seu?"

Um canto da boca de Luke se ergue um pouquinho quando ele se lembra do diálogo. Ele espera um segundo e então continua.

— Enfim, fiquei perguntando de formas diferentes e, finalmente, você me puxou para um lado e me contou que tinha um grande segredo. Que você se lembrava do futuro, mas não do passado. Você me fez jurar que eu não contaria a ninguém, e eu nunca contei.

Luke faz uma pausa, e eu o encaro em silêncio. Ao perceber que não vai ganhar pontos por manter um segredo, ele continua.

— Então, todos os dias nos conhecíamos mais uma vez. Repetimos muitas conversas várias vezes. Mas tivemos muitas conversas diferentes também. Às vezes, ficávamos sentados embaixo de um daqueles negócios de escalar que parecem um queijo suíço e tentávamos descobrir, pelos sapatos, quem eram as outras crianças. Era muito divertido. Você era boa nesse jogo.

Fico desconcertada ao perceber que o "jogo dos pés", que sempre farei, veio de meu relacionamento com Luke na infância. Fico curiosa, mas me controlo. Nesse momento, a raiva está mais branda.

Luke dá um sorriso melancólico, o que me deixa com mais raiva ainda. Reviro os olhos bufando, e ele entende o recado. Esquecendo a nostalgia, prossegue:

— Quando me mudei para cá, pensei que talvez você pudesse se lembrar de mim. Mas, aí, principalmente na noite em que adormecemos na minivan... eu tive certeza.

Sinto um pequeno aperto no coração quando percebo a tristeza em sua voz. Mas me mantenho firme.

— Isso é tudo?

— London, sinto muito por não ter lhe contado antes — diz ele, dando dois passos lentos em minha direção, como se estivesse se aproximando de um animal selvagem.

Instintivamente, recuo, afastando-me do cara que eu não conseguia largar minutos antes.

— Você quer dizer que sente muito por ter mentido — digo, com aspereza. — Por ter me traído. Por ter se aproveitado da minha situação.

— Isso é um pouco exagerado — diz Luke, com uma risadinha. — Quer dizer, se for pensar, você também estava mentindo para mim. — Ele quase dá um sorriso agora, o que me deixa louca.

— Não é a mesma coisa! — grito. — Você não tem ideia de como é esquecer completamente todos os dias. Acordo sem saber o que usei na escola no dia anterior, sem falar nas coisas idiotas que eu possa ter feito ou dito. Lembro-me de coisas que ninguém, ninguém, deveria ter que prever para si. Coisas horríveis.

Coisas que vão acontecer comigo...

Agora as lágrimas descem por meu rosto. Luke dá mais um passo na minha direção, e eu levanto a mão para contê-lo. Continuo a desabafar entre os soluços.

— Já tem coisas demais acontecendo, e agora isso. Minha melhor amiga está fazendo loucuras. Minha mãe tem mentido para mim, e, aparentemente, você também.

Alguma coisa me ocorre, e eu me interrompo.

— Espere, se eu conhecia você, por que minha mãe não me disse quando o viu de novo? Ou essa é mais uma das mentiras dela? Vocês estão juntos nisso?

Luke abaixa a cabeça e desvia o olhar. Suas bochechas coram.

— Não conheci sua mãe pessoalmente, e ela não saberia meu nome porque eu usava outro naquela época.

— O quê? — pergunto, curiosa apesar da raiva.

— L.J. — diz Luke, constrangido. — Eu achava que era fortão e que todos os caras fortões eram chamados pelas iniciais.

Ele dá mais um passo.

— Pare — ordeno, sem ver graça na confissão infantil de Luke. — Qualquer que seja ou que tenha sido seu nome, o que importa é que você mentiu. Você podia ter reconstituído uma parte de meu passado. Podia ter me ajudado, Luke. Não entende? Mas não fez isso. Você me enganou deliberadamente. Não acredito que pôde fazer isso comigo. Com alguém que você diz que ama. Com alguém que achava que amava você.

Luke parece arrasado e fica em silêncio por alguns segundos. Depois, limpa duas lágrimas que escapam de seus olhos azuis. Ele parece indefeso, e uma parte de mim quer abraçá-lo.

Em vez disso, quando consigo me controlar o suficiente para falar de novo, digo, quase engasgando:

— Vá embora!

— London, sinto muito. Não achei que isso chatearia tanto você. Eu não estava tentando...— Sua voz falha e ele abaixa a cabeça por um momento. Então, ergue o olhar para mim e o mantém firme nos meus. — Eu só queria que você se sentisse à vontade perto de mim.

Sacudo a cabeça e saio da entrada da cozinha, para que ele possa passar e ir embora. Ele vai de ombros curvados a caminho do hall.

Da cozinha, ouço-o calçar os sapatos e abrir e fechar silenciosamente a porta da casa. Escuto o motor da minivan ser acionado e o veículo dar a ré; quando seu suave zumbido desaparece na noite, eu desmorono no chão da cozinha.

*

Apesar de passar da meianoite, ouço o toque do celular, abafado sob o travesseiro, soar pela terceira vez em uma hora. Há mensagens na caixa postal esperando para serem apagadas assim que eu puder encostar no aparelho sem atender acidentalmente a ligação dele.

É incrível a quantidade de coisas que podem ser acumuladas depois de apenas quatro meses de namoro. Há uma minimontanha de bilhetes e de fotos dentro da elegante caixa de chapéus no meu closet. A caixa normalmente é reservada para lembranças. Em vez disso, será uma cápsula do tempo, que nunca vai ver a luz do dia.

Garotas do mundo inteiro invejarão minha capacidade de administrar a dose perfeita de vingança contra o garoto que me magoou. Agora que já parei de chorar, invoco a capacidade que aparentemente apenas eu possuo e sigo aquele que, com toda a certeza, seria o conselho sensato de Jamie, se ela estivesse aqui:

"Esqueça-o."

— Bom plano — digo em voz alta.

Expulsando a doçura e me concentrando nas coisas ruins, esmago a pilha dentro da caixa de chapéus para abrir espaço para os últimos itens. Antes de colocar a tampa, acrescento um bilhete, com a tinta ainda úmida, explicando por que eles mereceram esse destino, caso eu encontre a caixa no futuro.

O bilhete para minha mãe está na mesa da cozinha: ele resume o rompimento e a instrui a nunca mais falar de Luke.

O trabalho está quase completo.

Deleto as mensagens da caixa postal sem ouvi-las e apago o número dele da agenda do celular. Quando tenho certeza de que minha mãe está dormindo, vou silenciosamente ao porão para esconder meu relacionamento fracassado entre os utensílios antigos de cozinha, as caixas com bilhetes de anos passados e os brinquedos velhos que entulham o armário de tranqueiras embaixo da escada.

Não perco tempo pensando nas consequências de eliminar Luke dos meus pensamentos. Em vez disso, apago a luz do porão, subo a escada rapidamente e me enfio debaixo das cobertas. Penso em Luke até adormecer.

O sono vem rápido demais essa noite.

28

A mão de alguém segura meu cotovelo esquerdo enquanto me preparo para tirar o livro de anatomia das profundezas do meu armário. O bilhete dizia que eu não terminei o dever de casa no fim de semana, portanto preciso fazê-lo no período de estudos.

Meu rosto se contrai, não porque a mão me segura com força, mas porque meu braço ainda dói depois que eu consegui cair sobre ele na aula de educação física do primeiro tempo, jogando vôlei, por incrível que pareça. Nem é preciso se mexer tanto em um jogo de vôlei, mas, ainda assim, desloquei um pedacinho minúsculo do osso do cotovelo. Pelo menos essa é a sensação. Provavelmente, é apenas mais um hematoma.

— Ai — digo, virando-me para encarar a pessoa que me segura.

Não sei quem eu esperava ver, mas com certeza não era ele.

O garoto lindo solta meu braço e recua como se tivesse se queimado. Em seus olhos azuis perfeitos, vejo confusão, raiva, mágoa e até um toque de súplica. Não sei quem é, mas gostaria de saber.

— Não quis machucar você — diz ele, baixinho.

Sua voz é suave e estranhamente relaxante.

— Ah, não, a culpa não é sua — digo, esfregando o cotovelo. — Caí em cima do braço na aula de educação física. Sou meio desastrada.

O garoto dá um sorriso triste, e uma covinha quase aparece em sua bochecha direita. Meu estômago dá uma cambalhota, e de repente fico muito sem jeito. Desconfortável, transfiro o peso do corpo de um pé para o outro.

Ao perceber que o estou encarando, desvio o olhar e me viro de volta para o armário em busca do livro que procurava.

— Posso ajudá-lo com algo? — pergunto, ainda virada para o armário, tentando parecer indiferente.

— Preciso conversar com você — diz o garoto em voz baixa.

Pego o livro, um bloco e uma caneta extra que está na prateleira mais alta e enfio na imensa mochila listrada de branco e cinza que encontrei em casa hoje de manhã, depois bato a porta do armário. O corredor está cheio agora, e a garota que usa o armário ao lado do meu está bufando, tentando chegar a seus pertences. O garoto está impedindo sua passagem.

— Ah, desculpe — diz ele quando percebe a mancada.

— Tanto faz — responde ela enquanto passa pelo garoto.

Ele se moveu e agora bloqueia minha passagem, e começo a reconsiderar meu desejo de me lembrar dele. Ele transparece uma urgência levemente assustadora.

— Você está bem? — pergunto, imaginando se há algo errado com ele.

Esse garoto vai surtar para cima de mim? É por isso que não me lembro dele?

Agarrando a mochila como se fosse meu cobertorzinho protetor, dou um passo à direita para tentar passar pelo garoto, mas ele antecipa meu movimento e me bloqueia de novo. Então se curva ligeiramente e olha bem nos meus olhos antes de falar.

— Não, London, não estou bem. Tivemos uma briga e acabou? Você não retorna minhas ligações. Não estava em casa quando passei lá ontem. Precisamos conversar sobre isso.

Em seguida, ele se endireita um pouco, mas não desvia o olhar. Não sei o que fazer, então opto pela sinceridade.

— Sinto muito, mas nem imagino sobre o que você está falando. Nem conheço você. — Dou um sorriso tímido, como se para consolar um amigo.

Parece que uma lâmpada se acendeu na cabeça do garoto. Ele fica completamente ereto e seus olhos se estreitam. Sacode a cabeça e olha para mim com mais raiva ainda.

— Bem maduro, London. Muito obrigado — resmunga.

Ele se vira e avança pelo corredor principal na direção em que preciso seguir.

A garota que usa o armário vizinho ao meu dá uma risadinha ao passar por mim; ela ouviu toda a conversa.

— Fico com ele, se você não quiser — diz.

Espero até que não haja sinal do garoto e então vou para o período de estudos. Enquanto caminho, penso no que aconteceu e continuo confusa. Abro as portas imensas da biblioteca e passo pelos detectores de metal, feliz por ter um tempo inteiro de aula para refletir sobre o assunto.

Ah, é verdade: e fazer o dever de anatomia.

Mas então, quando me aproximo do grupo de mesas reservadas para o período de estudos, percebo meu azar.

O garoto ressentido está sozinho na única mesa com assentos livres.

É claro que está.

Por incrível que pareça, o maluco lindo se ocupa com outras coisas durante o período inteiro, então consigo terminar o dever e ainda sobra tempo. Mesmo assim, é impossível não reparar nas bufadas e nos resmungos do garoto enquanto ele escreve furiosamente no caderno. Está nervoso?

Agora, estou pronta para sair, esperando o sinal tocar em quarenta e quatro... quarenta e três... quarenta e dois segundos, e o garoto ainda escreve. Não posso deixar de observar os músculos de seu antebraço se contraindo enquanto ele

movimenta a caneta pela página. Sua camiseta surrada parece macia como roupa de bebê e fica perfeita em seus ombros e no peito. Percebo que tenho vontade de tocar a mecha de cabelo ondulado que aparece atrás de sua orelha direita...

— O que foi? — dispara o garoto ao olhar para mim.

Vários outros alunos desviam sua atenção do relógio e se viram para nós.

— Nada — sussurro, olhando novamente para o enorme relógio na parede que me diz que estarei livre daquela situação incômoda em vinte... dezenove... dezoito segundos.

Ouço o garoto arrancar do caderno as folhas em que estava escrevendo, o que me parece esquisito, já que achei que ele desejaria mantê-las intactas até a aula.

Finalmente o sinal toca, e eu me levanto tão depressa para sair que quase derrubo a cadeira.

— Espere — diz ele, em um tom mais suave. Em vez de correr, viro-me para encará-lo. — Por favor, leia isso.

Ele me oferece o que agora percebo ser uma carta. Está dobrada ao meio, com meu nome escrito na parte de fora.

— Tudo bem — digo enquanto ele passa por mim, e fico confusa e sozinha em uma biblioteca vazia, sentindo o cheiro único e estranhamente familiar que ele deixou para trás.

Em vez de ir até meu armário antes da aula de matemática, decido chegar na sala mais cedo e descobrir o que raios pode ter deixado o garoto com tanta raiva de mim.

Minutos depois, percebo que me adiantar foi uma boa opção.

Querida London,
Em primeiro lugar, deixe-me dizer que amo você.
Tenha isso em mente enquanto estiver lendo esta carta...

Meu nome é Luke Henry e sou seu namorado desde que entrei no Meridan, em outubro. Você não se lembra de mim em seu futuro por alguma razão que ainda não sabemos, mas eu gostaria de ter a chance de descobrir.

Você está com muita raiva de mim, e com razão. Nunca lhe contei que nós já nos conhecíamos, mas é verdade. Quando éramos mais novos, frequentamos a mesma colônia de férias. Eu era fascinado por você e pelo jeito como, todos os dias, voltava a fazer amizade comigo, mesmo sem se lembrar de mim do dia anterior.

Você foi minha primeira paixão e, agora, é meu primeiro amor.

Depois do baile de gala de inverno no sábado à noite, encontrei os bilhetes que você usava para se lembrar de mim e contei a verdade. Você tinha razão quando disse que eu havia mentido o tempo todo. Sinto muito, London, e tudo o

que quero é uma chance de me redimir. Nem imagino por que fiz aquilo. Talvez eu tenha pensado que você acharia que eu era algum perseguidor. Ou talvez eu apenas quisesse ver se um dia você ia acordar e saber quem eu era.

Você não soube.

Mas, London, somos ótimos juntos. Não quero perder você. Cometi um erro enorme, mas espero que possa pensar em me perdoar. Porque, como eu disse no início, amo você, London Lane.

Sempre.

Luke

Depois da escola, uma caixa de chapéu com estampa floral está diante de mim, com suas entranhas expostas. Segurando a carta de Luke em uma das mãos e uma foto de um casal feliz na outra, sinto que minhas entranhas também estão expostas.

Minha mãe não pareceu surpresa quando perguntei sobre ele. Ela me levou diretamente até a caixa, com um olhar quase condescendente.

— Bem, não demorou muito — disse ela.

— Ainda não acabou — respondi, pegando a caixa e me refugiando em meu quarto.

Agora, em uma palavra, estou desconcertada.

Comecei pelo princípio e, depois de ler sobre as primeiras vezes em que conversei com Luke, eu estava pronta para ligar para ele e aceitar o pedido de desculpas imediatamente.

Mas, então, continuei a ler, pensando em sua traição. Cada momento aparentemente agradável, visto pelas lentes novas da mentira, ficou mais sombrio — mais sujo. Ele estava escondendo um segredo o tempo todo, e nunca me deixou conhecer o verdadeiro Luke.

Mas eu também escondia algo.

De certa forma, nós dois estávamos errados. Mesmo assim, a mentira dele foi pior.

Não foi?

Meu celular toca ao meu lado, e sei que é ele, apesar de o número não estar salvo no aparelho. Penso em ignorar a chamada, mas não consigo.

— Alô? — digo em voz baixa.

— Oi.

Uma voz suave soa ao telefone, me deixando arrepiada. Por que ele mentiu? Se eu não estivesse brava com ele, poderia estar olhando seus olhos azuis agora mesmo.

— Oi — respondo.

— Sei que você disse que precisava de tempo, mas tive que ligar — começa Luke.

— Você não está exatamente me dando espaço... — digo, determinada a não ceder com tanta facilidade.

Lindo ou não, ele me magoou.

— Eu sei — diz ele em voz baixa, parecendo impotente. — O que eu posso fazer?

— Não pode fazer nada — respondo com firmeza. — Eu disse que precisava de espaço para pensar, e, se você realmente se importa comigo, vai respeitar isso.

Estremeço e acho que ele deve ter feito a mesma coisa, embora não possa ter certeza. Ele fica em silêncio por alguns instantes.

— Tudo bem, London — diz enfim, com uma tristeza que parte meu coração um pouquinho. — Vou deixar você em paz.

Em vez de dizer para ele "deixar para lá", que é o que desejo desesperadamente, falo apenas "Obrigada, Luke" e desligo antes de fazer promessas que talvez não consiga cumprir.

Encostada na cama, com a caixa de chapéu revirada diante de mim e registros do nosso relacionamento espalhados pelo chão, não consigo conter o choro. Não quero ser sensata.

Não quero pensar sobre a situação. Não quero ter que perdoá-lo. Não queria que ele tivesse mentido, para começar.

Afasto aquele entulho de minhas pernas e subo na cama, deitando e afundando o rosto no travesseiro, soluçando por sabe-se lá quanto tempo. Não a ouço entrar, mas minha mãe aparece, alisando meu cabelo, fazendo carinho em minhas costas e dizendo que tudo vai ficar bem.

Não, não vai, penso.

Não vai ficar bem mesmo.

29

A vida me abateu hoje de manhã.

É quarta-feira, e mal passa das sete da manhã e já estou cansada. Tudo parece errado, então me concentro em algo pequeno.

Page Thomas.

O bilhete de ontem diz que ela foi capitã na aula de educação física. Quando eu era a última pessoa no banco, Page disse à Srta. Martinez e à turma que preferia jogar com uma pessoa a menos a me incluir no time.

Legal.

Passei a ler sobre Luke, mas algo em um bilhete de quatro meses atrás chamou minha atenção. Foi na época em que Luke se mudou para cá:

Levar calça de malha e camiseta para a aula de educação física (precisei pegar emprestadas roupas horríveis com Page na sexta)

Ontem, Page não teria me emprestado um pedaço de papel higiênico, muito menos uma camiseta. Lembro-me dela amanhã, e ela também não me emprestaria nada. Curiosa, passo a hora seguinte examinando meus bilhetes em busca de referências a ela. E o que descubro é o seguinte:

Eu salvei Page Thomas.

Sim, claro, não a retirei de um incêndio em um prédio de quarenta andares ou algo parecido. Mas, em retrospecto, vejo claramente que houve uma época em que eu me lembrava de Brad partindo o coração de Page. Na verdade, destruindo-o.

Mas, hoje de manhã, quando penso em Page e Brad, lembro-me deles juntos até onde minha memória alcança. Na festa de formatura, ficarei sabendo que eles vão para a mesma universidade; essa é a última vez que eles estarão em minha vida.

Até onde posso perceber, segundo os bilhetes, as coisas mudaram quando menti sobre Brad não gostar de meninas. Page foi obrigada a encontrar outro caminho até os braços dele, e isso parece ter feito toda a diferença.

Então, sim, estou sem amigas. E, sim, um cara aparentemente lindo e maravilhoso me traiu. Estou morando com uma mãe em quem não posso confiar e temendo o pior sofrimento imaginável na forma de uma criança morta.

Minha vida é um desastre, no mínimo.

Mas o raiozinho minúsculo, quase microscópico, de luz nesta manhã desanimada de quarta-feira é o fato de que salvei Page Thomas de ter o coração partido. Com uma decisão simples de meses atrás, mudei algo para melhor.

E, se posso ajudá-la, com certeza posso me ajudar.

*

Mantenho a porta de metal em uma posição que me permite vigiar o armário de Jamie Connor, do outro lado do corredor, sem que seja evidente. Estou me olhando no espelho preso à porta do armário, à espera. É claro que pareço apaixonada por mim mesma, mas ninguém está prestando atenção mesmo.

Como consigo ver o que acontece atrás de mim, sei que o garoto que imagino ser Luke, graças às fotos que vi no quarto hoje de manhã, passou por mim lentamente, hesitante, como se quisesse parar.

Mas não parou.

Ele está esperando; isso é bom.

Finalmente, vejo cabelos louros curtos e viro-me para confirmar que Jamie chegou. Ela veste calças jeans desbotadas e muito justas e uma blusa rosashocking cujas costas parecem inocentes, mas que eu sei, sem precisar ver, que é bem decotada na frente.

Bato a porta de metal para trancá-la e atravesso duas fileiras de estudantes, mantendo os olhos nas costas de Jamie o tempo todo. Quando a alcanço, preciso pigarrear para que ela repare que estou a seu lado.

— Oi, J. — digo, animada.

— Oi — murmura ela, voltando-se para o armário.

— Como você está? — pergunto.

— Você se importa? — Ela não se vira.

— É claro que me importo, Jamie, você é minha melhor amiga!

Ela me lança um olhar e se volta para o armário.

— Sou? Ou sou piranha demais para ser sua amiga?

— Jamie, isso não é justo! — exclamo.

Jamie bate a porta e se vira para mim. A expressão em seus olhos é fria e vazia.

— Não, London. Não é — diz ela, com amargura, antes de ir embora para a primeira aula.

Meu rosto fica vermelho, e estou tão brava que quero ir atrás dela, sacudi-la e dizer tudo o que eu sei e que ela não sabe. Mas nesse instante soa o sinal do

começo do período, e correr atrás de Jamie pode significar uma detenção com o namorado dela; quer dizer, com o Sr. Rice. Então, em vez disso, corro para a biblioteca.

A Srta. Mason me lança um olhar furioso por conta do atraso, e Luke se ajeita no assento com expectativa quando desabo na cadeira à sua frente, mas algo em meus gestos avisa a ambos para manterem distância. Trabalho no dever de espanhol durante todo o período e saio rapidamente quando o sinal toca. Posso sentir a decepção de Luke, e a culpa começa a surgir dentro de mim até que me lembro dos bilhetes de hoje de manhã. Esse é o cara que mentiu para mim durante quatro meses. Quatro meses. Ele merece um pouco de indecisão. Ele merece sofrer um pouco.

Deixo de passar no armário, ocupo meu assento na aula de espanhol e vigio a porta. Estou pronta para confrontar Jamie antes da aula, mas os segundos passam e sua carteira permanece vazia. O sinal toca e nada de Jamie.

Dez minutos depois, ela ainda não chegou.

Quando concluo que ela matou a aula, passou mal e foi para casa ou saiu para ir ao médico, aceito o fato de que não haverá confronto hoje. Jamie teve a última palavra, e foi uma palavra cruel.

Minha raiva acaba cedendo e é substituída pela tristeza. Não consigo deixar de sentir que minha melhor amiga me abandonou.

E entendo, pelo menos um pouco. Sei por que ela está chateada. Sei que sente ciúme de Luke. Sei que ela gostaria que eu não desaprovasse seu namorado, se é que dá para chamar o Sr. Rice disso.

Mas entender não faz com que pare de doer.

Sempre dividirei com Jamie o que penso e o que sinto. Sempre, a não ser agora. E agora eu realmente precisava dela.

Ela deveria estar aqui para trocarmos opiniões sobre se devo perdoar Luke ou não. Deveria estar aqui para cochicharmos sobre meu pai. Deveria me acalmar — simplesmente por estar perto — com relação a coisas terríveis demais para se saber. Ela deveria querer ser minha dupla nos exercícios idiotas de pronúncia.

Mas estou sozinha, e não apenas nos exercícios de pronúncia. Em tudo. Todas as manhãs, quando eu acordar e redescobrir o que está acontecendo, uma nova ferida se abrirá — até o dia em que Jamie decidir me perdoar.

E então ficaremos bem novamente.

Porque é assim que me lembro.

30

O telefone da casa toca duas vezes até minha mãe atender. Posso ouvir sua voz abafada na cozinha, embaixo do meu quarto. Um minuto depois, há uma batida rápida à porta.

— London, você já levantou? — sussurra ela sem abrir a porta.

— Sim, mãe, estou acordada. Pode entrar — digo, sentada à escrivaninha.

Estou surpresa que ela não tenha me ouvido mais cedo. Já acordei há horas.

— Tem uma mulher no telefone que quer falar com você.

— Esquisito — digo, antes de empurrar a cadeira para trás e caminhar até a mesinha do telefone, no corredor.

Tiro o aparelho do gancho e espero que minha mãe desça até a cozinha e desligue a extensão.

— Alô?

— London?

— Sim, sou eu. Quem está falando? — pergunto, enrolando o fio do telefone no dedo indicador.

— Sou Abby Brennan. A gente se conheceu há alguns meses...

Minha mente está em branco. Fico em silêncio.

— Você veio à minha casa... Estava procurando por sua avó, Jo Lane... — continua ela.

— Ah, sim — minto ao telefone.

Não faço a mínima ideia. Isso não estava nos meus bilhetes.

— Como vai?

— Bem, obrigada — responde a mulher, com delicadeza. Posso ouvir uma criança ao fundo cantando uma música sobre cobras em um desfile. — Chelsea, mamãe está no telefone, querida. Desculpe-me, London.

Não consigo ouvir a resposta da menininha, mas também não escuto mais a música sobre as cobras.

— Não tem problema.

— Enfim, estou ligando porque lembrei o nome da casa de repouso onde sua avó está morando. Eu estava ficando maluca pensando nisso há meses, e, finalmente, esta semana eu lembrei.

Sinto um embrulho no estômago. Passei a manhã inteira lendo bilhetes; como deixei isso passar?

Sinto um embrulho no estômago. Passei a manhã inteira lendo bilhetes; como

deixei isso passar?

— Ah, é? — digo à mulher, tentando parecer casual.

— É, o lugar se chama Lingering Pines.

— Que ótimo! — digo de forma automática, enquanto os pensamentos giram loucamente em minha cabeça.

— É, bem, eu só queria que você soubesse. Quando falar com Jo, por favor, diga a ela que a casa está sendo bem-cuidada. Mande nossas lembranças.

— Pode deixar — digo sem pensar, antes de me despedir e desligar o telefone.

Nos quarenta e cinco minutos que restam antes de ir para a escola, eu me visto cuidadosamente, faço a maquiagem e passo a chapinha no cabelo, o tempo todo pensando no que aconteceu.

Estava claro que, de alguma forma, consegui descobrir que o nome de minha avó é Jo Lane. Então, aparentemente, fui à casa de Abby Brennan à procura dessa avó. E, agora, acho que minha avó, Jo Lane, mora em uma casa de repouso.

Chamada Lingering Pines.

Na cidade.

O que não entendo é: por quê? Por que não registrei tudo isso para mim?

Enquanto aplico uma camada de gloss nos lábios, só consigo conceber que, quando procurei minha avó, achei que a busca não tinha dado em nada. Só consigo deduzir que não quis me torturar com o conhecimento de que eu havia fracassado. Só consigo imaginar que desisti.

Mas agora tenho o nome da casa de repouso onde ela mora. Posso entrar em contato, se eu quiser. E ela talvez me leve até meu pai.

Olhando no espelho, sorrio para meu reflexo. Sinto-me poderosa com essa informação nova, meu cabelo liso, cílios longos e escuros e uma blusa justa de botões.

E me sentir poderosa é algo bom, pois aparentemente há um garoto em minha vida que precisa ser lembrado de que nunca, jamais, deve me trair de novo.

*

— Quais são seus planos para hoje à noite? — pergunta minha mãe horas depois, durante o jantar.

— Não sei — digo, evitando olhá-la diretamente. — Talvez eu veja um filme.

Na verdade, mal posso esperar para buscar Lingering Pines na internet e ligar para confirmar se minha avó é uma residente. Depois, quem sabe?

— Não devo demorar muito — diz ela. — São apenas duas casas.

Dou de ombros; por mim, ela pode passar a noite inteira fora.

— Comprei pipoca — oferece minha mãe, esforçando-se um pouco demais.

— Tá, obrigada — digo, pegando minhas últimas ervilhas e desejando que ela vá embora logo ou, pelo menos, que pare de me olhar enquanto como.

Abro um sorriso largo e meloso (e falso), que, felizmente, a convence. Mamãe atravessa a cozinha, beija minha cabeça e pega as chaves.

— Acho melhor eu ir andando, então. Tenha uma boa noite, querida. Vamos fazer alguma coisa divertida amanhã, só nós duas, tudo bem?

Ela para diante da porta da garagem, esperando.

— Tá, mãe — respondo, para que ela vá embora tranquila.

Segundos depois, dá certo.

Passo uma água às pressas em meu prato e o coloco no lava-louça antes de subir a escada correndo e acordar meu computador do modo "Em espera". Em menos de um minuto, não apenas tenho o telefone de Lingering Pines, como já vi metade da galeria de fotos de seu terreno amplo, dos moradores felizes e das instalações bem-cuidadas. Imagino que as pessoas nas fotos sejam modelos, mas, por via das dúvidas, inspeciono cuidadosamente cada imagem e depois imprimo a página principal e algumas das fotos, para servir de lembretes.

Fico nervosa enquanto penso no que estou a ponto de fazer. Primeiro passo: encontrar minha avó. Segundo passo: encontrar meu pai.

Antes que eu tenha a chance de desistir, abro meu celular e digito o telefone de Lingering Pines. O toque soa longo e solitário. Imagino um telefone antigo sem ninguém por perto para atender, seu chamado estridente despercebido sob os gritos dos aparelhos de tevê nos quartos dos pacientes.

Desejo que uma recepcionista atenda e, um segundo depois, isso acontece. Só que é uma gravação dizendo que Lingering Pines está fechada e que eu devo, por favor, ligar amanhã ou digitar "um" para ser transferida ao posto de enfermagem.

Aparentemente, os residentes da Comunidade de Idosos Lingering Pines só estão disponíveis entre as oito da manhã e as cinco da tarde, todos os dias.

Deduzindo que isso não é urgente o bastante para perturbar uma enfermeira, desligo. Armazeno o número em meus contatos, permitindo-me imaginar, por um instante, como seria ter uma avó para quem ligar e para fazer visitas de vez em quando.

Mais tarde, muito depois do ensino médio, vou ter inveja da relação de minha amiga Margaret com a avó. Vou chorar quando ela morrer de câncer, não por conhecê-la muito bem, mas porque verei Margaret perder um pedacinho de si quando a doce senhora partir.

Não há mais nada a fazer em relação à busca por minha avó esta noite, então

desligo o computador, lavo o rosto e desço as escadas para fazer pipoca e ver um filme, como disse à minha mãe.

Na cozinha, pego o milho e a panelinha. Dou uma olhada nas instruções na embalagem, e então ponho óleo e o milho na panela, ligo o fogão e começo a girar a manivela lentamente. O primeiro grão explode, depois o segundo, e então mais doze, vinte ou cinquenta. Concentrando-me em nada além do tempo entre as pequenas explosões, para não queimar minha preciosa pipoca, mal reparo no som vindo da porta da frente da casa. Na verdade, quando presto atenção, pergunto-me se realmente ouvi alguma coisa.

Então lá está de novo: uma batida tímida à porta da frente.

Não a campainha.

Uma batida.

Ainda segurando o cabo da panela, olho para o relógio. Parece ser meianoite. Na verdade, ainda são 18h58, um horário perfeitamente aceitável para receber visitas em uma noite de sexta-feira. Se ao menos eu estivesse esperando alguém...

Imediatamente me pergunto se a roupa de hoje fez efeito; pergunto-me se é Luke. Percebo que estou torcendo para que seja ele, embora ainda esteja magoada com o que fez.

Ponho a pipoca de lado e saio correndo da cozinha. Acendo a luz da varanda e desejo que a porta tivesse um olho mágico.

— Quem é? — pergunto.

Há uma pausa, e penso em me afastar, ligar para minha mãe e pedir que ela volte para casa. Talvez não seja ele. Finalmente:

— É o Luke.

Prendo a respiração. Depois, espero um segundo e abro a porta.

As ondas do cabelo de Luke estão agitadas por causa do vento de inverno, e as bochechas estão coradas de frio. Ele retira rapidamente uma das mãos do bolso das calças jeans para dar oi sem dizer nada e depois volta a guardá-la. Ele parece infantil e ligeiramente envergonhado por estar ali, mexendo os pés enquanto abro mais a porta.

Abraço meu corpo para me proteger do frio que faz fora de casa, mas isso não ajuda muito. Estou congelando, mas não me importo.

Luke está aqui.

Ele olha para os lados e, de repente, seus olhos azuis estão fixos nos meus, invadindo meu espaço e minha alma. Sinto-me constrangida por seu olhar penetrante, mas nenhuma parte de mim quer interrompê-lo.

— Sua mãe está em casa? — pergunta Luke, em um tom ao mesmo tempo suave e forte.

Sentindo-me fraca, aperto mais os braços em torno do corpo, para reunir força.

— Não, ela foi...

Antes que eu consiga terminar a frase, Luke está no degrau da entrada, me beijando.

Com intensidade.

Suas mãos estão nos dois lados de meu rosto, e a distância de um metro que nos separava caiu para centímetros. Um centímetro, talvez. Solto os braços em rendição, e então, devagar, passo-os em volta do garoto diante de mim com cada vez mais força. Luke fecha a porta atrás de si com o pé, mantendo os lábios presos aos meus, e nos beijamos como se um de nós estivesse à beira da morte.

— Não consigo ficar longe de você — sussurra ele quando finalmente faz uma pausa para respirar.

Ele me olha bem nos olhos, a testa encostada na minha, e suas mãos ainda seguram meu rosto firmemente, como se quisesse me prender ali e garantir que eu também olhe para ele.

Garantir que eu o veja. E, caramba, como vejo.

Seus olhos parecem sofridos, mas determinados. Posso ver neles que Luke não vai me soltar, e agora sei, com certeza, que também não quero ser solta.

— Então não fique longe de mim — sussurro em resposta, colocando minhas mãos delicadamente sobre as dele e levando-as para meu pescoço, e depois para as laterais de meu corpo.

O movimento o relaxa um pouco, e percebo que sua ansiedade está diminuindo.

— Você me perdoa, London? — pergunta ele, com o olhar ainda fixo em mim.

— Perdoo — respondo com sinceridade.

Sim, ele mentiu para mim. Mas ele me ama, e eu o amo, e as pessoas cometem erros. Não consigo vê-lo em meu futuro para ter certeza, mas acredito que vai aprender essa lição. Ele parece ser esse tipo de pessoa.

Luke está me beijando de novo, agora com mais suavidade. Tento não pensar em nada e apenas aproveitar o momento, mas não consigo deixar de me perguntar quando minha mãe estará de volta.

A casa parece oscilar, e eu me afasto de repente de Luke como se tivéssemos sido flagrados.

— O que foi? — pergunta ele, olhando em volta.

— Nada — respondo, olhando para trás só para ter certeza. — Achei que minha mãe tinha voltado.

— É melhor eu ir embora?

— Não! — digo com tanta intensidade que ele ri. — Não — repito mais

suavemente, dessa vez avançando dois passos até ele e pegando sua mão direita. — Fique um pouco mais.

Estou constrangida e empolgada ao mesmo tempo, e provavelmente houve um tom sugestivo em minhas palavras, porque Luke fica um pouco corado.

— Você quer subir? — pergunta ele, apertando mais minha mão.

— Quero, mas...

— Mas o quê? — pergunta ele, inclinando-se um pouco para olhar meu rosto com curiosidade.

Sem encontrar uma resposta mais sutil, simplesmente solto:

— Mas não vamos fazer...

— Fazer o quê? Você quer dizer aquilo? Sexo?

Ele ainda está me encarando enquanto fala, e agora sou eu quem fica vermelha e se sente infantil por ter mencionado o assunto.

— Sim, é isso o que quero dizer.

— Não achei que faríamos isso — diz ele, mantendo o olhar firme. Como ele consegue estar tão tranquilo neste momento? Já tivemos essa conversa um milhão de vezes antes? Estou a ponto de responder quando ele me interrompe, acrescentando: — Pelo menos não hoje.

Sinto um frio no estômago.

— Ótimo, que bom que isso está claro — digo, virando-me para ir ao quarto, ainda segurando a mão dele.

Atrás de mim, Luke continua:

— Eu disse aos meus pais que ia passar a noite na casa de Adam.

No meio da escada, paro e me viro para olhá-lo.

— Está falando sério?

— Sim — responde ele, parecendo um pouco malicioso.

— Onde você planeja dormir?

— Na minivan.

— Por quê?

— Porque não sabia se você estaria em casa. Você e Jamie podiam ter feito as pazes ou algo assim; você podia ter ido para a casa dela. Pensei que eu talvez precisaria perseguir você um pouco mais — diz ele, dando uma risada.

Um sorriso lento se abre em meu rosto. O gesto é meigo: Luke arriscou-se a arranjar problemas com os pais e a passar a noite inteira na minivan só para tentar me reconquistar.

— Bem, tenho certeza de que minha mãe ainda vai demorar. Pelo menos você pode ficar na casa quentinha até ela voltar.

— Parece bom — diz Luke enquanto me viro e termino de subir a escada, puxando meu namorado delinquente pelo corredor e para dentro do quarto e

fechando a porta atrás de nós.

31

— Onde você estacionou? — sussurro com uma urgência súbita quando ouço a porta da garagem se abrir e fechar lá embaixo.

— Na rua. Eu estava perseguindo você, lembra?

— Entre no closet — sussurro, tomando uma decisão repentina da qual espero não me arrepender depois.

— Está falando sério? Eu posso simplesmente ir embora — sugere ele, mas já se dirigindo para o esconderijo.

— Não, quero que fique. Mas ande depressa; minha mãe vai subir logo — digo, ao mesmo tempo chutando um monte enorme de bilhetes para debaixo da cama e analisando o quarto em busca de qualquer vestígio de garoto.

Escuto a torneira da cozinha; ela deve estar pegando um copo d'água. Dou uma olhada no relógio e me pergunto se minha mãe vai achar esquisito que eu já esteja dormindo pouco depois das nove. Talvez. Mas não há outro jeito de me livrar dela rapidamente, então cruzo o quarto às pressas e me jogo sob as cobertas. Tento acalmar a respiração e parecer tranquila, apesar de meu coração estar acelerado.

Os passos se aproximam e, faltando apenas alguns segundos, sussurro um "shhh" quase inaudível para Luke. Não posso acreditar que há um garoto no meu closet neste exato momento! O que eu tenho na cabeça?

Não há tempo para ponderar sobre minha estupidez. A porta se abre lentamente e eu fico paralisada. Estou virada para a parede, mas mantenho os olhos fechados mesmo assim, caso ela se aproxime para ver se estou fingindo.

Altamente improvável.

— Boa noite, London. Eu amo você.

As palavras sussurradas de minha mãe pairam pelo ar noturno com tanta delicadeza que mal parecem existir. Será esse seu ritual de todas as noites? Não consigo evitar uma pontada de culpa pela farsa bem debaixo do nariz dela.

Por outro lado, ela tem me enganado há anos.

Depois que a porta toca o batente com suavidade e escuto minha mãe soltar lentamente a maçaneta; depois que seus passos desaparecem dentro do quarto dela; depois que a água corre para levar pelo ralo a pasta de dente e o sabonete facial; depois que a tevê em seu quarto ganha vida; depois de tudo isso, espero mais cinco minutos insuportavelmente longos.

E então ando na ponta dos pés até o closet.

— Oi — sussurro para Luke.

Está um breu. Não consigo ver nada.

Do fundo do closet, surge a voz suave.

— Oi.

Ouço-o se levantar e observo seu ser perfeito se materializando em meio à escuridão.

Em vez de parar, Luke caminha até que seu corpo quente encoste no meu, na entrada do closet.

— Oi — diz ele de novo, com mais suavidade ainda, se é que é possível, antes de me dar um beijo longo e quase inadequado.

Talvez estejamos dominados pela euforia de fazer algo errado, ou talvez seja a completa escuridão o que nos impulsiona, mas logo estamos no chão do closet e algumas roupas não estão mais exatamente onde deveriam.

Mantenho a promessa anterior de não fazer... aquilo. Mas durante pelo menos uma hora, talvez mais, Luke torna isso muito, muito difícil.

— Preciso dormir — digo, quando minha respiração finalmente se desacelera o suficiente para que eu consiga falar.

Estou deitada no peito nu de Luke, o que é estranhamente confortável, considerando que é duro como pedra.

— Eu sei — diz ele baixinho, inclinando-se para beijar minha cabeça antes de começar a desvencilhar seus longos braços e pernas.

— Onde está minha blusa? — pergunto, surpreendentemente à vontade ao me expor a ele literal e emocionalmente.

— Aqui — ele diz, jogando-a para mim.

Depois que nos vestimos, Luke com a roupa com que estava hoje à noite e eu com meu pijama, andamos em direção à cama.

— Dorme comigo? — pergunto.

— Acho que vou ficar no chão do closet, por via das dúvidas.

— Não, ela não vai entrar aqui — prometo, sem realmente saber se seremos pegos.

— Que tal então ficarmos na cama até você dormir e depois eu vou para o closet, para que ela não me encontre pela manhã?

Cansada demais para discutir e ansiosa para dormir antes que minha memória se reinicie, às 4h33, volto para a cama. Dessa vez, vou para perto da parede e deixo metade do colchão para Luke. Ele se junta a mim embaixo das cobertas, e na mesma hora estamos encaixados como peças de Lego.

— Droga — resmungo.

— O que foi?

— Preciso escrever um bilhete. Preciso escrever sobre isso ou vou esquecer.

— Sim, por favor — diz Luke. — Não quero que você pire de novo e me obrigue a explicar as coisas à sua mãe.

— Muito engraçado — digo, dando-lhe uma cotovelada.

Ele ri baixinho, e eu também, lembrando-me do bilhete do dia seguinte ao nosso primeiro encontro. Luke leu esse bilhete e muitos outros hoje à noite.

— Hum, só um segundo — diz Luke, esticando o braço em direção à mesinha de cabeceira e pegando meu celular.

Ele livra o braço que está embaixo de mim, digita rapidamente uma mensagem e a envia. Na mesma hora, o telefone vibra para me avisar que tenho uma nova mensagem de texto.

— O que diz? — pergunto quando Luke devolve o telefone à mesinha de cabeceira.

— O garoto no closet é seu namorado. Ele ama você e vai contar tudo sobre ontem à noite.

— Fofo — digo, sentindo minhas pálpebras pesarem e o sono se aproximar. — Não se esqueça de me contar sobre a última hora dentro do closet.

— Vou reconstituir tudo para você amanhã — diz Luke, puxando-me para perto e respirando em meu cabelo. — É verdade, viu?

— O quê? — pergunto, tonta de sono.

— Eu amo você de verdade, London.

— Eu também amo você, Luke.

32

A mensagem de texto dizia que havia um garoto em meu closet, mas tudo o que encontrei foi o seguinte bilhete:

Querida London,
Você ronca.

Ouvi sua mãe sair, então escapei. Voltarei daqui a pouco com café e anunciarei oficialmente minha presença. Se ela voltar, talvez seja bom avisá-la de que estou vindo, para que ela saiba que estamos bem.

Leia tudo... Seus bilhetes estão todos embaixo da cama.

Você estava cansada demais para escrever um bilhete ontem à noite, mas aqui estão os principais tópicos (mais tarde preencho as lacunas):

— Implorei seu perdão (você lerá o motivo)

— Felizmente, você me perdoou

— Passamos horas lendo seus bilhetes — você disse que era uma ótima forma de eu conhecer quem você realmente é — Como mencionei antes, você ronca... e fala durante o sono

— Prometi reproduzir certas... outras coisas

Ontem à noite foi incrível. Queria que você pudesse lembrar, mas farei o possível para ajudá-la.

Ah, e P.S.: Ninguém beija tão bem quanto você.

Com amor,

Luke

— Como estamos felizes agora de manhã! — fala minha mãe quando chega do mercado e vê meu sorriso bobo.

Mordo um pedaço de bagel, mas isso não ajuda, então simplesmente dou de ombros.

— Será que devo perguntar? — diz ela, o que já é uma pergunta, não é?

Ela serve café para si e se apoia no balcão, olhando para mim e segurando a caneca.

— Luke e eu fizemos as pazes — respondo com naturalidade depois que engulo o maior pedaço concebível de bagel.

— Ah, entendi — diz ela com ar de quem sabe das coisas.

— Ele está vindo para cá agora de manhã — acrescento, gesticulando para

minha roupa como se fosse preciso explicar. Todos os sábados de que me lembro são passados de pijama, pelo menos até o meio-dia. — Vamos passar o dia juntos.

Acho que vejo uma ponta de mágoa atravessar os olhos de minha mãe, mas em um instante some.

— Que ótimo, London! — diz ela, se afastando do balcão e voltando a encher a caneca. — Talvez eu vá ao escritório e adiante um pouco o trabalho, então.

— Parece uma boa ideia — respondo, empolgada com a possibilidade de ficar sozinha em casa com Luke por algum tempo.

Os bilhetes que li pintaram um garoto tão atraente que percebo que não quero ser vigiada. Fora, é claro, o fato de ele ter mentido para mim, mas seu recado diz que fizemos as pazes. Espero que ele me descreva ontem à noite minuto por minuto.

Como se tivesse sido combinado, a campainha toca e eu praticamente corro até a entrada para abrir a porta. Ao escancará-la, quase perco o fôlego quando vejo o garoto que está ali, sob o brilho do sol.

Sim, havia fotos, mas elas não lhe faziam justiça.

Luke segura dois copos descartáveis de café, mas, em vez de entrar, fica na varanda.

— Vamos — diz ele.

— Para onde?

— Você vai ver.

Corro e digo à minha mãe que vamos ao shopping — ei, pode ser verdade —, e depois pego o casaco, o celular e a carteira. Volto e encontro Luke contemplando a rua. Ele ouve meus passos e se vira para mim, seus olhos brilhantes e belos.

— Pronta?

— Sim — respondo, saindo de casa e pegando o café da mão que ele estende para mim.

Ele me dá um beijo carinhoso no rosto e sussurra:

— Viu meu bilhete?

— Vi — digo, e soa mais íntimo do que eu pretendia, mas parece perfeito.

— Ótimo. — Ele fala de um jeito que me faz estremecer.

Andamos até a minivan, colocamos o cinto de segurança e saímos, sabe-se lá para onde.

E, sinceramente, não me importo.

Com um copo de café na mão, a estrada à minha frente e um namorado lindo, este dia tem tudo para ser bom.

33

Oito horas depois, ao pôr do sol, estou na entrada do cemitério, pensando em como fui parar ali. Os calafrios correndo por minha espinha me fazem reconsiderar a decisão de entrar sozinha. Gesticulo para Luke, que está na minivan; ele logo desliga o motor e aparece ao meu lado.

Seguro sua mão, e isso me dá forças para me mexer.

A cena diante de mim lembra demais o enterro que aparece em meus bilhetes e que está gravado em meu cérebro, uma visão que agora é tão desconcertante que chega a doer.

Foi meigo Luke me levar lá, à Comunidade de Idosos Lingering Pines. Ele tinha lido tudo sobre o assunto ontem à noite e me explicou no caminho que seria melhor eu conhecer minha avó pessoalmente. Ele imprimiu um mapa e comprou lanches para a viagem, depois que saiu da minha casa. Também passou em casa para tomar um banho e trocar de roupa, para que os pais não ficassem preocupados.

Durante o percurso, Luke contou todos os detalhes engraçados, carinhosos e libidinosos de ontem à noite. Algumas vezes, tive vontade de mandá-lo encostar a minivan para que eu pudesse pular para cima dele.

Ele falou sobre mim: todos os bilhetes que leu e as coisas que pensou sobre como deve ser minha vida.

Luke falou de quando nos conhecemos, ainda crianças, e de como ele se sentia atraído por mim desde a infância. Do jogo dos pés.

Conversamos, bebericamos lattes e comemos M&M' s e biscoitos recheados com pasta de amendoim, e eu me sentia calma, feliz e amada.

Mas então nós chegamos.

O que vi em Lingering Pines foi a mesa da recepção, onde uma enfermeira jovem e gorda checou o computador e chamou um supervisor antes de me puxar para o lado e cochichar em meu rosto, com bafo de cebola, que Jo Lane realmente havia morado ali durante cinco anos, até partir.

— Para onde ela foi? — perguntei, com inocência, sem compreender.

— Lamento ser a pessoa a lhe contar, mas Jo faleceu no inverno passado — disse a jovem enfermeira. — Ela morreu — acrescentou, provavelmente por causa da minha expressão atordoada.

Foi mais ou menos nesse momento que me senti presa em um inesperado carrinho de montanha-russa. Depois de ter a presença de espírito de reunir o

máximo de informações possível, Luke conduziu uma versão estupefata de mim até o carro e me levou para longe de Lingering Pines, sem se fazer presente demais, mas deixando que eu soubesse que ele estava ali.

— Sinto muito, London.

— Eu não a conhecia — respondi, enquanto minha cabeça dava voltas.

Àquela altura, os quilômetros passavam voando. Seguíamos para casa, e eu estava não apenas de mãos vazias, mas também completamente perplexa.

As perguntas em minha cabeça lá eram as mesmas de agora.

Como ela pode estar morta? Ela está em meu futuro. Será que estou errada em relação à mulher no enterro da criança? Seria alguém que apenas se parece com minha avó? Preciso conferir a foto de novo. Talvez eu deva mostrá-la à minha mãe. Talvez minha avó tenha uma irmã. Uma irmã gêmea.

Cada ideia desfila em minha cabeça como se estivesse num processo seletivo mental, mas nenhuma consegue a vaga. Nenhuma parece perfeita.

*

— Obrigada por me trazer aqui — digo em voz baixa, cortando o silêncio enquanto ando com Luke pela via central do cemitério.

— Não tem problema — diz Luke, suavemente.

Ele mantém o olhar no mar de pedra à nossa volta. Nossos pés esmagam terra e pedras enquanto caminhamos, e estou tentando desesperadamente ser racional e não imaginar zumbis saindo da terra ou fantasmas sussurrando em meu ouvido.

Sem saber exatamente o que procuro, meus olhos buscam, por instinto, algo familiar: o galpão do zelador disfarçado de mausoléu.

Acompanhando meu olhar, Luke segura minha mão com mais força.

— É ali que o sujeito que fuma vai estar, certo?

A pergunta simples me dá uma estranha sensação de calma. De pertencimento, até. Como leu minha vida, Luke não só me compreende, mas também lembra. De certa forma, ele se tornou o mais próximo de uma memória que eu talvez jamais venha a ter.

— É — respondo, assentindo com a cabeça e mantendo os olhos fixos naquele ponto.

Estou tão absorta que vejo a movimentação no interior que outras pessoas não teriam percebido à luz fraca do poente.

— Vamos até lá — digo, puxando Luke da alameda principal para outra menor, que atravessa as sepulturas em direção ao galpão.

Levanto a mão para bater à porta, mas ela se abre antes que eu toque nela.

— Boa noite — diz um homem com rosto de querubim e barba de Papai Noel.

— Como posso ajudar vocês, crianças?

— Oi — começo, com timidez, tentando encontrar as palavras. — Estamos procurando uma sepultura. A sepultura de minha avó, na verdade. Eu não a conheci, e queríamos saber se existe uma espécie de guia para consulta.

— Um guia, hum? O único mapa que vocês vão encontrar aqui está trancado na minha cachola — diz o homem, com um sorriso gentil e um toque do dedo indicador na têmpora. — Minha cabeça é como uma armadilha de urso: nunca deixa que nada escape. Qual era o nome de sua avó?

Olho para Luke antes me voltar novamente para o Papai Noel.

— Jo Lane — digo.

— Ela morreu no inverno passado — acrescenta Luke.

Papai Noel coça a cabeça, resmungando:

— Lane... Lane, hum...

Fico olhando; o zelador me é familiar. Talvez seja apenas porque ele se parece com o Papai Noel.

Luke e eu nos entreolhamos mais uma vez, e, quando começo a imaginar que o cérebro do Papai Noel não corresponde à propaganda, o rosto envelhecido do homem se ilumina.

— Já sei. Alameda treze, jazigo duzentos e quarenta e sete. Ou será duzentos e quarenta e oito? Sigam-me, por favor.

Ele começa a andar pela alameda e nos conduz no sentido oposto ao que chegamos. Nós o seguimos, cada vez mais longe da segurança da alameda principal e mais para o meio da morte.

Enquanto Luke e eu caminhamos cuidadosamente atrás do croc, croc, croc das botas do Papai Noel, pelo menos um de nós questiona a sanidade de alguém que escolhe trabalhar em um cemitério. Enquanto caminha, Papai Noel fala baixinho sobre o enterro de Jo Lane.

— Um final triste aquele. Só o homem e o padre. Pobre mulher.

Não tenho culpa, mas sinto-a mesmo assim.

— Agora que está oficialmente escuro, fico preocupada com o ar sinistro das sepulturas pelas quais passamos. As árvores baixas deixam o lugar ainda mais sombrio. Parece que é tarde da noite, embora não passe de 18h30.

De repente, o zelador para e Luke segura minha cintura, para impedir que eu esbarre no velho.

— Aqui está, duzentos e trinta e sete — diz o Papai Noel, indicando uma simples lápide retangular de granito a seus pés. Não consigo deixar de pensar que ele está pisando na minha avó.

— Obrigada — sussurro, aproximando-me lentamente da pedra.

— Sem problema — diz Papai Noel, virando-se de volta para o galpão. —

Fiquem o quanto quiserem; eu fecho tudo quando vocês saírem.

Escuto as botas se afastarem enquanto meu olhar fica grudado na pedra, como se ela fosse criar uma boca e responder a todas as minhas perguntas.

ESPOSA, MÃE, AVÓ, AMIGA JOSEPHINE LONDON LANE
10 DE JULHO DE 1936 — 10 DE DEZEMBRO DE 2009

Meus olhos ardem com lágrimas por uma mulher que nunca conheci. Minha xará, ao que parece. Luke passa o braço em volta dos meus ombros e me aperta contra o peito.

— Você está bem? — pergunta ele.

— Não sei — respondo, com sinceridade.

Sinto-me como se estivesse fora daquela cena, observando-a se desenrolar, em vez de vivendo.

Ficamos ali um pouco, e, quando parece ser o momento certo, dou um passo para trás.

— Vamos — digo para Luke.

Ele me leva pelo caminho por onde viemos, passando pelas sepulturas em direção ao galpão do zelador. É impossível não visualizar a escuridão: posso ver o zelador mais jovem, bonito e aparentemente estranho àquele ambiente, fumando, consolando-me de longe. Em minha lembrança, estou olhando para ele da direção para onde estamos voltados. Em minha lembrança, estou perto de...

Meu coração dá um salto e meus pés param quando o vejo: o anjo verde de pedra que chora naquele dia no futuro.

Luke se vira para mim e pergunta o que houve. Em vez de responder, saio correndo.

— London?.

Ouço-o correr também; seus passos pesados atrás de mim me tranquilizam. Pelo menos, se eu bater em uma árvore ou dar com um fantasma, ele vai me encontrar logo.

Minha estrela guia na vastidão de sepulturas, o anjo lamentoso se eleva sobre os vizinhos silenciosos, vigiando durante a noite.

Enquanto me aproximo, o nó em meu estômago se aperta rapidamente. Sinto uma dor abaixo da costela de tanto correr, e a ânsia de vômito sobe por minha garganta. Não sei se é o esforço ou a expectativa o que provoca o malestar, mas engulo em seco para mantê-lo sob controle.

Em pouco tempo, chego à base do anjo.

Em vez de me demorar, viro na direção de que me lembro, olhando para o local do enterro em minha recordação.

Em vez do nada que espero — o jazigo vazio à espera da criatura indefesa, da criança —, existe algo ali.

Lentamente, tentando recuperar o fôlego, vou me aproximando, enquanto minha mente processa, trabalhando no problema que parece incapaz de resolver. Até que lá está.

A resposta.

Estou exatamente no lugar que ocupo em minha lembrança sombria, encarando não um buraco recém-aberto, mas uma lápide polida e elegante cercada por plantas crescidas. A lâmpada do poste do outro lado da cerca de ferro a ilumina perfeitamente; posso ler as letras floreadas como se fosse dia.

Engulo a bile enquanto Luke me alcança. Acho que é Luke, pelo menos. Não me viro para ter certeza.

— Perdi você por um segundo — diz a voz ofegante e familiar enquanto ele recupera o fôlego.

Olhando fixamente, nem tenho certeza de que ainda estou respirando.

Fico imóvel, os olhos grudados nas letras. Pela visão periférica, percebo que Luke também as lê, e depois olha para o galpão do zelador ao longe e para o anjo verde à esquerda.

— Espere, isso é... — A voz some na metade da pergunta, e, finalmente, ele se dá conta também. — Uau.

Isso é tudo o que meu namorado diz antes de segurar minha mão e encarar a pedra junto comigo.

Quando o zelador se aproxima e nos dá uma bronca por corrermos pelo cemitério e perturbarmos a paz, me viro e percebo que é ele.

Está mais velho, mais gordo e barbudo, mas, se estivesse dando um sorriso solidário em vez de uma bronca, seria igual. Consigo ver agora o que não vi antes: consigo vê-lo sob a camada dos anos que passaram.

Relutando, Luke e eu aceitamos ir embora, mas não antes que eu olhe uma última e demorada vez as letras gravadas que perturbarão minha vida para sempre.

DOCE BEBÊ

JONAS DYLAN LANE

7 DE NOVEMBRO DE 1998 — 8 DE MAIO DE 2001

34

Sinto um golpe nas entranhas de novo, exatamente como na primeira vez em que li, e na vez seguinte.

O enterro foi no passado.

No passado.

E eu me lembro.

Eu estava tão concentrada no quem que não prestei atenção no quando.

Caminhando até os portões do cemitério, minha cabeça gira tanto que dói. No carro, Luke liga o aquecimento e começamos a descongelar enquanto viajamos em silêncio até minha casa. Estou paralisada pela emoção. Só quando saímos da autoestrada e viramos à esquerda para entrar no condomínio, Luke fala.

— Você precisa conversar com sua mãe — diz ele.

Observo as casas de que me lembro de amanhã e me pergunto se uma parte de mim se lembra delas ontem também. Todas as regras do meu mundo estão sendo questionadas por aquela única descoberta. A simplicidade de saber o que está por vir não é tão simples, afinal.

Percebo que quero telefonar para Jamie. Que eu gostaria de poder. Afasto esse pensamento e observo um pouco mais as casas.

Quando Luke para na entrada da minha garagem, a luz da varanda se acende. Olho para o relógio no painel do carro e percebo que já são quase 20h — o que não é tão estranho, a não ser pelo fato de eu ter saído de casa às 11h e não ter telefonado desde então.

— Ela deve estar preocupada — Luke diz o que estou pensando.

— Deveria estar mesmo — respondo.

— Pegue leve.

— Vou tentar — respondo baixinho antes de sair da minivan e entrar em casa para confrontar minha mãe e descobrir a verdade sobre minhas lembranças perdidas.

35

— Quem era Jonas? — pergunto mais uma vez, de alguma forma adivinhando a resposta, mas precisando confirmá-la.

A expressão da minha mãe é um misto de choque e tristeza que me faz querer desviar o olhar. Mas não desvio.

— Quem era ele, mãe? — pergunto pela terceira vez, com mais delicadeza.

— Como você sabe? — Ela olha para as próprias mãos.

Fico quieta, vendo-a perceber que o como não importa.

Minha mãe levanta os olhos de novo, mas, embora esteja com a cabeça erguida, sua postura é de derrota.

— Jonas era seu irmão — diz, quase em um sussurro.

Continuo quieta, incapaz de pedir que continue, mas ela prossegue mesmo assim.

— Ele morreu.

— Eu sei. Fui ao cemitério. Vi a lápide.

— Por que... — Ela se interrompe. — Bem, isso não importa.

— Eu falo como fui parar lá depois que você me contar o que aconteceu com meu irmão — digo, com uma lágrima descendo pelo rosto — e por que você mentiu sobre ele. Mentiu sobre mim.

— Ah, London, eu não menti. Omiti uma verdade muito triste. Pensei...

— O quê, que eu deveria ser uma idiota feliz a vida inteira?

— Que eu poderia poupá-la da dor — diz minha mãe, colocando a mão no rosto, antecipando as lágrimas.

Percebo que abri uma ferida antiga. Uma ferida muito profunda e dolorosa.

— Uma coisa horrível aconteceu com ele há muito tempo — começa minha mãe, olhando para mim de vez em quando, mas, na maior parte do tempo, observando os desenhos no tapete, como se eles estivessem lhe dizendo o que falar. — Seu irmão foi sequestrado. E assassinado.

Respiro fundo, com força.

— Quem fez isso?

— Nunca soubemos.

Os ombros dela estão tremendo, e por um momento faço o papel de mãe, indo até o sofá e abraçando-a. Ela chora em meu ombro por um irmão de quem não consigo me lembrar.

Quero saber mais, mas percebo que falar sobre o assunto é devastador para

ela.

Quando se recompõe, ela se afasta e põe as mãos em meus ombros.

— Eu não estava querendo enganá-la, London, precisa saber disso — diz, olhando para mim. — Você perdeu a memória do passado, e encarei isso como o único ponto luminoso em toda a escuridão. Você não precisaria conviver com a dor da perda. Eu poderia protegê-la disso. Foi o que tentei fazer todos esses anos.

Quando ela fala assim, mesmo que eu não concorde, posso compreender. Um pouco.

Liberto-me das mãos dela e vou para uma das poltronas acolchoadas diante da tevê. Sento em cima das pernas dobradas, apesar de ainda estar com os sapatos que usei no cemitério.

Os bilhetes me disseram que minha mãe tem guardado segredos, mas eu vinha fazendo o mesmo. Está na hora de colocar as cartas na mesa.

De pedir ajuda.

— Mãe?

— Sim, querida?

— Quero saber tudo sobre Jonas. Sei que é difícil para você, mas quero que me conte tudo. É importante.

Seguro a ponta dos sapatos e puxo meus pés para mais perto do corpo.

— Eu sei que é, London. Sei que você quer entender sua vida.

Respiro fundo e encaro os olhos escuros da minha mãe. Pela primeira vez, compreendo o toque de angústia que sempre estará ali, mesmo nos momentos felizes.

Não me lembro dele. Não me lembro de nada. Mas ela se lembra de tudo.

— Mãe, é mais do que querer entender. Acho que preciso ouvir sobre ele. Acho que isso pode me ajudar.

— O que você quer dizer? — pergunta ela, confusa.

Finalmente, falo para minha mãe o que vem acontecendo, o que sei a partir dos bilhetes que escondi da única pessoa para quem eu deveria ter aberto o jogo há muito tempo.

— Quero que você me conte tudo porque acho que isso pode me ajudar a me lembrar do passado — respondo.

Minha mãe suspira e esfrega os olhos.

— London, você já foi a médicos que tentaram estimular sua memória. Eu até a levei a um hipnotizador uma vez. Por que acha que alguma coisa vai mudar se eu lhe contar a história da morte do seu irmão?

É agora: o momento da verdade. Olho para o relógio na parede sem nenhum motivo especial. Depois, ajeito-me na poltrona e me encolho mais. Respiro

fundo e, finalmente, falo para minha mãe o que ela precisa ouvir.

— Mãe, eu me lembro do enterro do Jonas.

*

Escrito em 19/2; incluir nos bilhetes todas as noites.

Hoje de manhã acordei com uma lembrança que tenho certeza de que ficará comigo para sempre. É um enterro... o enterro do meu irmão Jonas. É a única lembrança que tenho do passado.

Minha mãe escondeu isso de mim durante anos. Queria me proteger. É difícil não ficar brava, mas eu tento. Ela achou que eu não precisava dessa dor junto de todo o estresse do problema de memória. Ela precisa conviver com isso todos os dias e não queria que eu também precisasse.

Minha mãe não estava conosco quando tudo aconteceu, mas me contou a história. Jonas e eu estávamos com nosso pai. Eu tinha seis anos e Jonas, dois. Estávamos no mercado e nosso pai foi pegar um carrinho. Ficamos sozinhos no carro por dois minutos. Ele só cruzou o estacionamento, e, quando voltou, Jonas havia desaparecido.

Acho que ele contou à nossa mãe que eu estava berrando sobre uma van e apontando para a que estava saindo do estacionamento, então ele entrou correndo em nosso carro e foi atrás dela. Minha mãe disse que ele fez o possível. Mas, depois de alguns quarteirões, a van passou por um sinal, que fechou quando nos aproximamos. Ele tentou avançar no vermelho. Houve um acidente. Minha mãe diz que nosso carro ficou destruído; eu fiquei muito machucada. Entrei em coma e, em uma madrugada, às 4h33, morri. Obviamente, eles me reanimaram, mas minha mãe acha que é por isso que meu cérebro se reinicia nessa hora.

Depois disso, aparentemente, minha memória normal desapareceu. Eu não me lembrava do acidente. Não me lembrava do Jonas.

Minha mãe expulsou meu pai de casa. Ela o culpava por perder Jonas e me ferir seriamente. É provável que ele também se culpasse.

Perguntei a ela sobre os cartões de aniversário enviados por ele que estão no envelope pardo na gaveta da escrivaninha. Encontrei-os no armário dela no outono passado. Ela ficou um pouco brava por eu ter bisbilhotado, mas disse que meu pai tentou entrar em contato três vezes, mas em todas minha mãe disse para ele nos deixar em paz. Explicou que estava muito ressentida na época.

Agora, ela parece apenas triste. Talvez minha mãe e meu pai precisem conversar. Talvez eu também precise conversar com meu pai.

Dois anos depois do sequestro, a polícia encontrou alguns ossos e as roupas do

Jonas nas montanhas a oeste da cidade. Então, nós o enterramos. É o funeral do qual me lembro.

Estou escrevendo este bilhete para deixá-lo para mim todas as noites. Sei que será difícil ler isto todas as manhãs, mas é importante. Devo isso ao Jonas.

Devo ao meu irmão lembrar-me dele.

36

Sob todos os aspectos, é uma bela manhã de abril.
Amanhã é segunda-feira, portanto hoje é domingo.

Estou sentada em uma cadeira giratória diante da mesa com tampo de vidro no terraço, bebendo um latte que minha mãe preparou sem que eu pedisse. O sol bate no outro lado da casa, então estou na sombra, com uma brisa suave soprando em meu cabelo despenteado.

Ainda estou de pijama — uma camiseta supermacia e um short leve, com cadarço —, com os chinelos felpudos de lã que não lembro quando usei pela primeira vez.

Acabei de comer um delicioso bagel torrado com cream cheese e de ler uma pilha de bilhetes sobre um garoto megamaravilhoso chamado Luke. Pelo que parece, estamos namorando há quase seis meses. É um dia bonito demais para ficar remoendo o fato de que aparentemente não me lembro dele, nem para trás, nem para a frente.

Suspiro como a Branca de Neve antes de toda a história com a maçã e pego a outra carta que estava em minha mesinha de cabeceira hoje cedo. Ela está desgastada e manchada, e é impossível não me perguntar quantas manhãs já li as palavras que estão diante de mim.

Suspirando mais uma vez, afasto o cabelo do rosto, bebo lentamente um gole de latte e aliso a folha. As palavras me atingem como uma marreta.

*

Lágrimas e mais lágrimas caem nas páginas pautadas em minhas mãos enquanto descubro um pesadelo que se tornou realidade. Enxugo-as rapidamente para que não desbotem a tinta. Porque, apesar do aperto no peito que me faz odiar os passarinhos cantando e tudo o mais, sei que precisava ler isso hoje, e que vou precisar ler de novo amanhã.

Para mim, ler é lembrar.

37

— Fica mais fácil em algum momento? — pergunto à minha mãe antes de abrir a porta do carro.

Estamos paradas na área de desembarque da escola. Meus olhos estão vermelhos e inchados.

— Não sei, London — diz ela carinhosamente, colocando a mão sobre a minha. — Para mim, o tempo diminui a dor. Não sei como vai ser para você. É uma novidade a cada dia que se passa.

Minha mãe parece atormentada ao dizer isso. Não respondo. Ela hesita, como se quisesse dizer algo, como se estivesse discutindo consigo mesma. O lado que quer falar vence.

— Querida, acho que você deveria pensar em se livrar daquela carta — diz ela, com cuidado.

— Não.

— London, pense nisso. Jonas não gostaria que você sofresse tanto por causa dele toda manhã. Ele não gostaria que sua dor por causa dele se renovasse todos os dias.

— Como você sabe? Ele era um bebê.

— Um bebê feliz! Um bebê que ria o tempo todo, fazia você rir e era seu maior fã. Posso lhe mostrar os vídeos de novo, se você quiser.

— Existem vídeos?

— Claro, London — diz minha mãe, em voz baixa. — Enfim, a questão é que eu sei que a alminha dele não gostaria que a irmã mais velha fosse tão infeliz.

Solto o cinto de segurança e destravo a porta do carro, pronta para entrar na escola.

— Sinto que devo isso a ele — digo, em voz baixa. — Lembrar-me dele hoje e todos os dias. — Estou repetindo o que li no bilhete de hoje de manhã, mas é assim que me sinto.

Minha mãe suspira profundamente. Um carro buzina atrás de nós e sei que preciso sair. Sei que preciso ter meu dia normal na escola.

Minha mãe lança um olhar zangado ao motorista impaciente do carro atrás do nosso e depois olha de novo para mim. Sua mão ainda está sobre a minha.

— Por que, London? — pergunta ela. — Por que você deve isso a ele?

Recolho minha mão e abro a porta do carro. Com um pé na calçada e segurando a mochila, digo à minha mãe:

— Porque estou viva, e ele não.

*

— Srta. Lane? Ahn, Srta. Lane? Com licença? London Lane, você está aí?

Levanto os olhos e vejo duas fileiras de alunos com expressão embasbacada e o Sr. Hoffman, ligeiramente agitado, encarando-me com expectativa.

Não faço a menor ideia de qual foi a questão, mas, depois de uma rápida olhada na lousa, percebo o que ele perguntou.

— Flinha — balbucio, grata por conseguir me lembrar das partes benignas do briefing matinal, e não só daquelas muito, muito cancerosas que estavam me distraindo.

— Muito bom, Srta. Lane. Sinta-se livre para se desligar de novo — diz o Sr. Hoffman com uma piscadela, esforçando-se demais para ser legal.

Pobre homem. Nunca vai conseguir.

Uma garota com cabelo de poodle à minha frente se recosta tanto na cadeira gasta e barulhenta que seus cachos pousam nas páginas do meu caderno aberto. As mechas onduladas não cobrem nada, pois não escrevi coisa alguma. O caderno em branco e a lapiseira são acessórios, assim como a mochila no cesto embaixo da carteira e, honestamente, os livros dentro dela.

Ainda assim, afasto o cabelo do papel, e ela se vira para trás com uma expressão séria. Está penteando os fios com os dedos quando o sinal toca.

Junto minhas coisas e me dirijo à porta da sala, e então me perco no enxame de estudantes que vão de uma aula para outra.

Quando alcanço meu armário, vejo Jamie do outro lado do corredor, diante do dela. Posiciono a porta metálica para enxergá-la em meu espelho.

Jamie mexe em alguns livros, põe a mochila no chão e pega um gloss na prateleira de cima. Depois de passá-lo com cuidado, pendura a mochila no ombro e bate a porta.

Ela se vira na minha direção e hesita. No exato instante em que acho que vai falar comigo, Jamie dá meia-volta e vai embora pelo corredor. Quando ela sai, bato a porta do armário e a sigo, a uns vinte passos de distância, desejando, o tempo todo, que estivéssemos de braços dados.

*

Jamie está diante de mim, me olhando desconfiada. Deveríamos estar trabalhando juntas em um roteiro de viagem fictício para férias de duas semanas no México. É uma tarefa para manter a turma ocupada, e normalmente eu estaria

disposta a fazê-la.

Mais para a frente em minha vida, vou viajar bastante. Mas hoje não estou interessada.

— O que foi? — reclamo.

Não estou no clima.

— Nada — diz ela, desconcertada com minha agressividade incomum.

Puxo o guia de viagens do México e o abro aleatoriamente na parte sobre Isla Mujeres. Não consigo conter o riso. Lembro-me de estar lá. Com Jamie. Uma versão dela um pouco mais velha, mas ainda deslumbrante.

Folheando a seção de hotéis, encontro fotos que me dão a sensação de déjà vu. Um hotel em uma ilha particular, cercado pelo oceano mais cristalino e azul que se pode imaginar.

Isso me faz lembrar os olhos de Luke me encarando hoje de manhã na biblioteca.

Não consigo evitar um sorriso mais largo.

— Qual é a graça? — pergunta Jamie com rispidez.

— Nada, é que esse hotel parece bom — digo, virando o livro para mostrar a ela.

Penso se, neste exato momento, estou plantando a ideia de nossa viagem em meu subconsciente. Penso se, de alguma forma, um pedacinho de mim vai se lembrar de hoje quando Jamie e eu finalmente planejarmos essa viagem.

— É, acho que sim — diz Jamie, dando de ombros e olhando o glorioso hotel. — Já vi melhores.

Viro o livro de novo e começo a trabalhar em nossa tarefa. Jamie fica em silêncio por alguns segundos e, depois, me surpreende com uma pergunta.

— Você está bem?

Olho para ela.

— Estou. Por quê?

— Parece que você chorou — diz ela praticamente sussurrando, verificando se ninguém está nos ouvindo. Fico feliz por vê-la preocupada em não me deixar constrangida.

— É — admito, e agora sou em quem dá de ombros.

— Têm acontecido algumas coisas.

— Ah — diz Jamie, olhando para o colo.

Por um momento, penso que minha memória está errada, que não vai levar mais algumas semanas até que façamos as pazes. Mas então, com a mesma rapidez com que apareceu, a compaixão de Jamie vai embora.

— Estamos na metade da aula. Passe isso para cá. Eu faço — diz ela, tirando o livro de mim.

No mesmo instante, Jamie começa a trabalhar no roteiro imaginário de uma viagem que ela não sabe que fará um dia... comigo.

Enquanto observo minha melhor amiga trabalhar sozinha em nossa tarefa em grupo, sinto-me estranhamente revigorada. Sei que ela quer me perguntar o que houve. Sei que ela se importa por eu estar chateada. Sei que ela sente minha falta.

E saber disso tudo me dá motivação.

Vou recuperar minha melhor amiga.

Mas, primeiro, vou acabar com o relacionamento que só lhe causará dor.

38

— Aonde vamos? — pergunta Luke.
— Apenas dirija — respondo. — Vire à esquerda, no sinal.
Luke obedece às minhas instruções e, então, protesta.
— Achei que você queria passear depois da aula. E não armar uma tocaia.

— Engraçadinho — digo. Aponto enquanto falo: — Entre à direita e diminua a velocidade. Preciso procurar o número da casa.

Em um pedaço de papel está escrito Mountain Street, 1553. É impressionante o que se pode encontrar na lista telefônica.

— Lá está — digo, afundando-me no banco por reflexo. — A casa branca, à direita. Aquela com as venezianas pretas. Passe por ela e estacione mais adiante.

Luke balança a cabeça, mas faz o que peço. Ele para em uma vaga e coloca o câmbio em ponto morto. Eu estendo o braço e diminuo o volume do rádio, embora já esteja baixo. E então o desligo.

— Eles precisariam de ouvidos biônicos para ouvir o rádio, sabe? — diz Luke, rindo.

— Shhh — respondo, virando o pescoço para olhar a casa atrás de nós.

— Aqui, experimente isto — diz Luke, abaixando o quebra-sol do carona e revelando um espelho.

Eu o posiciono e vejo a casa sem precisar virar a cabeça.

— Obrigada — digo, baixinho.

— De nada — diz ele, olhando-me com curiosidade. — E então? O que estamos fazendo?

— Vigiando a casa — respondo.

— Para quê?

— O Mensageiro.

— O Mensageiro — repete ele simplesmente, recostandose no assento e olhando pela janela para o nada.

Um carro sobe na entrada de uma garagem alguns números à nossa frente, e uma mulher se esforça para carregar um monte de sacolas para dentro de casa. O vento não quer que ela consiga. Joga o cabelo dela no rosto e empurra seus ombros.

Tento explicar a situação a Luke.

— Preciso descobrir para quem a esposa do Sr. Rice dá aulas particulares — digo.

— Como você sabe que ela dá aulas particulares?

Reviro os olhos e respondo.

— Sabendo. Jesse Henson vai me dizer no ano que vem que as aulas particulares de matemática da Sra. Rice são melhores do que as da Srta. Hanover na escola.

— Quem é Jesse Henson? — pergunta Luke, ignorando completamente a questão.

— É só uma menina da minha turma de matemática do ano que vem — digo, irritada. — Ela vai se sentar ao meu lado. É tagarela.

— E então você quer descobrir para quem a Sra. Rice dá aulas para contar a essa pessoa sobre o marido dela? — indaga Luke, finalmente entendendo.

Concordo com um movimento de cabeça.

— Mas a pessoa não vai simplesmente dizer à Sra. Rice que foi você quem falou? — pergunta Luke, confuso.

— Não, se eu for esperta.

— Entendo — diz ele, e me pergunto se entendeu mesmo.

Luke batuca no volante, como se estivesse entediado.

Não há nada acontecendo na casa dos Rice e estou ficando cada vez menos empolgada com minha missão.

Suspiro e mudo de assunto.

— O que você acha de hipnotismo? — pergunto.

— Sinceramente, não penso no assunto — diz Luke, me olhando com seus olhos azul-claros.

— Bem, pense por um minuto. Você acha que eu poderia ser hipnotizada para me lembrar de mais coisas?

— Mais do quê? Do passado ou do futuro?

— Qualquer um — digo, mas não estou sendo totalmente sincera.

Lembrar o futuro é normal para mim. Minha única memória do passado é como uma farpa. Não deveria estar ali.

— Talvez um hipnotizador pudesse estimular sua memória em relação a mim — murmura Luke, olhando de novo para a rua.

— Talvez — digo, voltando a prestar atenção na casa atrás de mim. — Não seria legal namorar alguém que se lembre de você todas as manhãs?

— Claro — diz Luke. — Mas, por outro lado, talvez você se cansasse de mim.

— De jeito nenhum. E aí, o que você acha?

— Acho que é uma decisão sua — responde Luke.

O comentário diplomático me incomoda. Olho para ele, reviro os olhos e volto a olhar para a casa.

Nada ainda.

— Quero o que você quiser, no que diz respeito a seu cérebro. Eu amo você de qualquer jeito — diz Luke, e, quando me viro para encará-lo, nossos olhares se prendem.

Pergunto-me se meu coração acompanha a passagem do tempo, ainda que minha cabeça não consiga. Talvez seja por isso que tenho tantos sentimentos por Luke agora, apesar de, do ponto de vista técnico, tê-lo conhecido hoje de manhã, no período de estudos.

Alguma coisa chama minha atenção e estraga o momento. Um carro branco passa a toda velocidade, e só posso concluir que o motorista não consegue enxergar os perigos futuros de dirigir sem prudência.

Sem diminuir a velocidade, ele sobe na entrada da garagem da casa branca com janelas pretas. Mountain Street, 1553.

O Mensageiro chegou.

Espero animada enquanto a pessoa desliga o motor, se organiza e abre a porta. Abandonando o espelho, viro-me no assento para ver melhor no exato momento em que cabelos louros e compridos saem do carro.

Estreito os olhos e então resmungo.

O Mensageiro é Carley Lynch, o que torna as coisas um pouco mais complicadas. Inicialmente, eu pretendia apenas "encorajar" o Mensageiro a flagrar Jamie e o Sr. Rice. Agora, com Carley no meio, preciso modificar o plano.

Carley Lynch nunca seguiria uma sugestão minha.

*

— O que você vai fazer? — pergunta Luke uma hora depois, jogando uma pequena almofada decorativa no ar e pegando-a, várias vezes.

Quero agarrar a almofada e atirá-la pela janela.

— Não sei — respondo, lembrando-me de muitas situações em que Carley expressará seus sentimentos, desde ocasiões em que apenas fará cara feia para mim até outras, especiais, em que fará comentários maldosos sobre minhas roupas, meu andar ou minha existência em geral.

— Você não consegue se lembrar do que vai fazer e simplesmente fazer? — insiste Luke, ainda jogando a maldita almofada.

— Luke! — berro. — Você acha que eu estaria me preocupando com isso se me lembrasse de como resolver a situação? Minhas lembranças de Jamie e do Sr. Rice terminam bem mais tarde e de uma forma muito ruim. O que estou tentando fazer é mudar isso. Estou voando às cegas aqui, companheiro. Talvez você pudesse me ajudar um pouco, em vez de ficar brincando com essa almofada

idiota.

Na mesma hora, quando a almofada pousa nas mãos de Luke, ele a põe de lado.

— Desculpe — diz, endireitando-se e olhando para mim. — Venha, sente aqui.

— Não quero — respondo, como uma menininha zangada.

Mas, de algum modo, os olhos doces de Luke e seu sorriso gentil me acalmam. Logo estou com ele na cama, trocando ideias sobre o caminho que conduzirá ao final prematuro do caso de Jamie.

Ainda estamos na cama quando minha mãe bate à porta uma vez e entra no quarto, às 21h45. Chegou tarde, e, sinceramente, eu tinha me esquecido dela. Tinha esquecido o jantar, a hora e tudo mais.

— Ah, Luke! — diz mamãe, vendo-o esparramado sobre as cobertas.

— Estamos tramando um plano — explico quando ela me lança um olhar de advertência.

Não é uma boa explicação, mas é o que tenho.

— Que bom, mas por que não continuam amanhã? Está ficando tarde.

— Que horas são? — pergunta Luke, debruçando-se para ver o relógio na mesinha de cabeceira.

— Quase dez horas — responde minha mãe.

Imediatamente, Luke vai para a beira da cama e calça os sapatos.

— Tenho que ir — diz ele. — Minha mãe vai surtar.

Luke se levanta, e então se inclina e me dá um beijo na boca bem na frente da minha mãe.

Corajoso. Eu gosto disso.

Em seguida, ele veste o casaco, se despede de nós e sai do quarto rapidamente. Escuto-o saltar os degraus e passar pela porta, fechando-a com um som alto.

— Desculpe — digo à minha mãe quando ficamos a sós. — Não percebi como estava tarde.

— Tudo bem, querida — responde ela, alisando meu cabelo. — Luke é um bom rapaz.

— É, eu gosto muito dele — digo. — Acho que eu o amo.

Pergunto-me se minha mãe vai me dar um sermão sobre amor entre jovens, castidade e todas aquelas coisas humilhantes, mas ela não o faz. Em vez disso, surpreende-me ao dizer apenas:

— Eu sei.

Depois de um abraço, ela me deixa sozinha no quarto, sentindo-me feliz com o dia e desejando que eu pudesse guardá-lo para sempre.

Mas não posso, e começo a trabalhar. Sem a beleza de Luke para me distrair, e com a ajuda dos bilhetes, fico bolando ideias. No final, está claro como água: vou fazer a fofoca trabalhar a meu favor.

Com a ajuda involuntária de Gabby Stein, do futuro orador Christopher Osborne, de Alex Morgan e, no final, de Carley Lynch, vou salvar Jamie. Quer dizer, se todas as peças do dominó caírem em seus devidos lugares.

39

Seguindo instruções detalhadas do bilhete de hoje de manhã, enfio o papel dobrado no armário de Gabby Stein segundos antes de as alunas começarem a chegar para trocar de roupa para a aula de educação física. Sem ser muito óbvia, observo Gabby encontrar o bilhete, ler e ficar vermelha.

Naquele momento, sei que a primeira peça do dominó vai cair: Gabby irá à sala de educação no trânsito na hora do almoço, à procura de Christopher. A menos que haja alguma coincidência incontrolável, ele obviamente não estará lá. Mas sei, por conta de meus bilhetes, que Jamie e o Sr. Rice estarão. É uma fofoca boa demais para Gabby guardar para si.

Cinco períodos depois, chego cedo à aula de literatura, esperando ansiosamente pela chegada de Gabby e da peça seguinte do dominó: a perversa Alex Morgan.

Gabby aparece primeiro, e só de olhar já sei que ela os viu. Ela está praticamente explodindo com o segredo recém-descoberto. Tento disfarçar minha empolgação enquanto Gabby cochicha furiosamente no ouvido de Alex no segundo em que ela chega. E então, antes que o sinal toque — antes que a Srta. Jenkins possa lembrá-la da regra "nada de mensagens de texto durante a aula" —, Alex digita e envia uma mensagem que eu torço muito para que seja para Carley.

Depois da aula, peço para Luke me levar a um endereço que aparece no bilhete de hoje de manhã.

— De novo? — pergunta ele.

— Acho que sim — respondo, dando de ombros.

Luke dirige, mas não parece feliz com a ideia. Quando chegamos, ele estaciona em uma vaga na rua e aponta para a casa em questão. Minutos depois, um carro branco sobe rápido na entrada da garagem. Carley Lynch salta.

— O que você está procurando agora? — Luke pergunta.

Estreito os olhos para ter certeza e então respondo.

— Aquilo — digo, apontando.

— O quê? Carley?

— Carley, não. A expressão dela. A postura. Ela parece preocupada.

— E? — pergunta Luke. — Acha que isso quer dizer que ela sabe?

Respiro profundamente e solto o ar, aliviada. É uma pequena vitória.

— Acho — digo a meu namorado. — Ela sabe.

— E agora? — pergunta ele.

Olho nos olhos dele, muito feliz por tê-lo em minha vida.

— Vamos embora — respondo.

— Só isso? Viemos aqui só para isso? Ver a expressão da Carley?

— Sim.

— Você não vai fazer mais nada?

— Não. Não preciso.

Luke sacode a cabeça enquanto dá a partida e sai da vaga.

— Parece um desperdício de tempo — resmunga ele.

— Espero que não tenha sido — falo, em voz baixa.

— Pelo bem de Jamie, eu também. Só não consigo acreditar que você vai fazer só isso.

— Bem, tem mais uma coisa — digo.

— O quê?

— Vou esquecer tudo.

40

Há um carro de polícia na rotatória do Meridan High School hoje de manhã. Não é algo que se vê todos os dias. Os alunos estão cochichando; os amigos de Carley Lynch a consolam no corredor principal. É um pouco irritante.

Quando chego à aula de espanhol, vejo que Jamie já está lá, debruçada na carteira, o queixo apoiado nos braços. Parece que ela esteve chorando.

— O que aconteceu, J.? — pergunto em voz baixa, sentando-me a seu lado.

— O que você acha? — responde ela, sem me olhar.

Penso nos cochichos sobre Jamie no corredor no futuro. Um tribunal hostil. Um testemunho. Uma prisão.

Minto.

— Não sei, Jamie, mas, sério, com ou sem briga, você pode conversar comigo. Estou sempre aqui para você.

Jamie me encara com os olhos vermelhos e o rosto inchado. O sinal toca, e a Srta. Garcia começa a passar um filme em espanhol. Alguns minutos depois, Jamie se vira para mim de novo.

— Fomos pegos — sussurra. Lágrimas novas se acumulam em seus olhos. — A polícia o levou hoje de manhã. Aquela vaca da Carley Lynch contou ao diretor. Com certeza, essa é a melhor notícia que você ouviu hoje.

Sustento seu olhar por um tempo e, então, respondo também sussurrando.

— Não é — digo com franqueza. — Sinto muito, Jamie.

Ela desvia o olhar e se cala por um instante. E então, finalmente, ela fala.

— Não acredito em você — sussurra Jamie, tão baixo que mal consigo ouvir, e seu queixo volta a afundar nos braços.

Lembro-me de bilhetes que me avisam sobre a regra de Jamie quanto a revelar seu futuro. Se há uma ocasião para quebrar as regras, é agora.

— Jamie — sussurro —, tudo vai ficar bem.

Eu prometo.

*

De mãos dadas, Luke e eu atravessamos o estacionamento na hora do almoço. Estranhamente, não há vento, o que me deixa ainda mais agitada do que já estou. Está calmo demais para um dia turbulento.

— Não acredito que eles foram pegos — digo a Luke enquanto entramos na

minivan.

— Aham — diz ele, com uma expressão esquisita.

— O quê?

— Nada.

— Fico muito triste por ela. Quer dizer, li meus bilhetes; eu estava muito perturbada por aquele negócio deles. Mas não acredito que ele vai para a cadeia. E coitada da Jamie. Ela precisa ir ao julgamento. E todo mundo vai rir dela. Eu lembro.

— Você poderia se lembrar de coisas piores — afirma Luke.

— Eu me lembro de coisa piores — respondo, pensando no bilhete sobre meu irmão hoje de manhã.

Nesse momento, o erro de Jamie não parece tão grande.

— Que bom que estamos no final do ano — digo.

— Por quê? — pergunta Luke enquanto saímos do estacionamento.

— O assunto terá morrido no ano que vem. Até lá, Jamie estará de volta ao normal. Praticamente.

Solto o suspiro pesado de quem sabe o que vai acontecer.

— Está um dia bonito — diz Luke, mudando de assunto. — Um piquenique faria você se sentir melhor?

— Faria — respondo, imaginando-me deitada na grama e olhando para ele durante todo o horário de almoço. — É, acho que faria.

— Quer convidar Jamie? — sugere Luke.

— Você é tão fofo... — digo. — Ótima ideia.

Pego o celular e envio uma mensagem. Jamie responde imediatamente. Progresso.

Almoço em casa; esqueci um livro. Mas obrigada. Mesmo. Significa muito para mim.

Sorrio e respondo: Quando quiser, J.

— Ela vem? — pergunta Luke.

— Não, somos só nós.

*

Dez minutos depois, espero Luke dentro da minivan, no estacionamento do supermercado, enquanto ele compra comida.

Queria que ele andasse logo.

O sol de primavera atravessa o para-brisa do carro e bate em mim, e o calor e a calmaria tornam minha respiração mais lenta, relaxam meus músculos e turvam minha visão. Atordoada, vejo uma jovem mãe carregar seu bebê para

dentro da loja e sair alguns minutos depois com um pacote de fraldas. Um homem alto e uma mulher baixa passam depressa pelas portas automáticas, e ele dá uma olhada no relógio enquanto caminha. Duas crianças, aparentemente sem ninguém tomando conta, correm pelo estacionamento e entram na loja. Fico imaginando onde está a mãe delas enquanto viro minha cabeça, pesada, para a esquerda.

Um rosto na janela da minivan me devolve à realidade.

Em um minuto, perceberei que a mulher, provavelmente, é a mãe dos dois meninos hiperativos que acabei de ver. Em um minuto, vou reparar que a van na vaga ao lado é parecida com a de Luke e que a mulher estava "só olhando o modelo mais novo", como ela gritará para mim a fim de se explicar. Em um minuto, meu pulso voltará ao ritmo normal.

Mas, neste momento, estou tensa. Estou aterrorizada com o rosto grande da mulher, contornado pelas duas mãos em concha, para que ela possa ver através da película das janelas. Neste momento, estou trancando as portas sem pensar e me afastando para que a estranha não me pegue.

Estranha?

Me pegar?

Mesmo enquanto penso, sei que é uma maluquice.

Mas então alguma coisa se encaixa.

Vejo-me como uma garotinha. Meu pai está do outro lado do estacionamento, pegando um carrinho de supermercado. Um bebê está preso ao meu lado. É meu irmão, Jonas. Estou brincando de esconder com ele. Ele está rindo.

Uma mulher bate no vidro do meu lado. Parece simpática. Tem um sorriso bonito.

— Sou amiga da sua mamãe — diz ela através do vidro. — Abra a porta para que eu possa falar com vocês — continua ela, com doçura. — Você pode ver meu cachorrinho. — Ela mostra uma grande sacola, onde há um cãozinho muito pequeno.

Eu adoro cachorros, especialmente os pequenos.

Solto meu cinto de segurança na mesma hora. Enquanto vou para o banco da frente, vejo meu pai ali, perto dos carrinhos. Está tudo bem. Ele está por perto. Também vai gostar de ver a amiga da mamãe.

Como faço quando finjo dirigir na garagem, aperto o botão das trancas. Todas se abrem.

Antes que eu veja o homem, escuto o grito de Jonas. Ele não gosta de estranhos. Viro-me e vejo o homem tirando-o da cadeirinha. Jonas se irrita; está chorando e chutando.

Então, seus gritos ficam mais baixos ele está se afastando.

— Papai! — berro enquanto vejo a amiga da mamãe e o homem colocarem Jonas em uma van.

Nunca devo sair do carro em um estacionamento, mas faço isso.

— Papai! — berro e berro, até que ele me escuta e corre.

Papai ouve o que aconteceu, dirige rápido e persegue a van, mas batemos em um carro e é tudo de que me lembro.

Lágrimas escorrem por meu rosto quando Luke volta ao carro.

— Vamos para casa — digo, baixinho, e ele me leva.

41

— Você está bem? — pergunta minha mãe, ao vir rapidamente até mim.

Quando ela chega à cadeira onde estou toda encolhida, enrolada em um cobertor de lã, tentando me proteger do mundo, o dorso de sua mão se estende, por instinto, para minha testa.

— Não estou com febre — digo, afastando-a. — Estou bem, só preciso de ajuda.

Ela dá um passo para trás, vestida com terninho e sapatos de salto alto, e me olha com cautela.

— Tudo bem…

— Precisamos ir à polícia — digo simplesmente, com a voz um pouco abafada, porque o cobertor subiu até minha boca.

Eu o afasto e endireito o corpo.

— Por que raios deveríamos…

— Eu sei quem foi. Sei quem levou Jonas. Eu me lembro deles.

Não fico surpresa com a expressão de choque no rosto de minha mãe.

— Eles?

— Sim, eles. Um homem e uma mulher. Posso vê-los. Posso ajudar a polícia a encontrá-los.

— Calma, querida — diz ela, sentando-se no sofá à minha direita. — Conte o que aconteceu.

Eu conto, e as lágrimas descem novamente. A culpa foi toda minha.

— Querida, está tudo bem — sussurra minha mãe, esticando o braço e acariciando meu cabelo. — Você não fez nada de errado.

— Fiz, sim! — grito. — Eu destranquei as portas! É culpa minha o fato de ele ter desaparecido. É culpa minha o fato de ele estar morto.

Puxo o cobertor de volta para o rosto e choro até que não sobrem mais lágrimas.

— Shhh — repete minha mãe várias vezes, e eu sinto vontade de rejeitar sua bondade.

Não mereço. Como ela ainda pode me amar sabendo que eu sou a razão da morte de Jonas?

Ela ainda vai me amar quando ouvir o restante da história?

— Mãe, isso não é tudo — digo, em meio às lágrimas.

Por mais terrível que seja a memória do passado, ela já passou. O que falta eu

contar é a parte do futuro que ainda está por vir. Ela pesa tanto sobre mim que me afundo ainda mais no assento.

— O que houve, London? — diz minha mãe em um tom suave, passando a mão em meu cabelo e secando minhas lágrimas, que são substituídas por outras novas. — Você pode me contar qualquer coisa.

Desesperada para contar a alguém, abro a boca, e as palavras saem em um rouquido baixo.

— Luke também vai morrer.

Com uma voz tão baixa que minha mãe precisa se inclinar para me ouvir, conto a ela sobre a lembrança futura ativada pela visão do rosto dos criminosos.

Digo que deve acontecer daqui a cinco ou seis anos, a julgar por meu reflexo em uma vitrine em uma rua que não reconheço. Luke está lá.

Estou segurando um pedaço de papel rasgado no qual está rabiscado um endereço. Estamos observando, até que alguém aparece. Estamos curiosos. Planejamos contar à polícia.

Um homem sai de um edifício com fachada de tijolos; ele está usando uma imitação barata de sapatos sociais e um blazer, de modo a não parecer um sequestrador assassino, mas, naquele instante, eu sei a verdade.

O homem sai da rua principal para uma secundária, e então entra em um beco. Nós o seguimos sem perceber, e, depois de apenas algumas curvas, a cidade agitada já não parece segura como antes. Luke e eu damos meia-volta, mas é tarde demais.

O homem sabe que estamos ali.

— Qual é? — grita ele. Parece bêbado ou drogado.

Com certeza, não se equilibra. Ficamos em silêncio por um instante. Então, como aquela pessoa estúpida em um filme de terror, deixo escapar as palavras que eu gostaria de engolir.

— Você sequestrou meu irmão — digo de repente, com uma convicção fictícia.

— London — sussurra Luke com aspereza, apertando a mão que ele segura.

Luke é sensato.

— É o que você acha, é? — diz o homem, aproximando-se.

Sei, com todas as fibras de meu ser, que corremos o pior tipo de perigo. Fizemos a coisa errada.

O homem mastiga um palito de dentes, balançando-o de um lado para outro na boca, como se não tivesse nada com que se preocupar.

Por instinto, Luke dá um passo à frente, como se quisesse me proteger. O homem está a menos de três metros de nós.

— Vamos sair daqui — digo em voz baixa para Luke.

Estou aterrorizada. Dou um passo para trás e puxo sua mão.

De repente, o homem põe a mão direita para trás, sob o blazer, e volta a retirá-la, pesada.

Ele está com uma arma.

Estremeço ao descrever essa parte para minha mãe, e ela se desloca até a beira do sofá para poder tocar meu joelho e me dar força.

O celular vibra, indicando uma nova mensagem de texto, e sei, sem olhar, que é de Luke. Ignoro.

— Continue, está tudo bem — diz ela, encorajando-me.

Falo que o homem aponta a arma para nós e mantém a mira. É claro que o assassino tem uma arma. Como pudemos ser tão idiotas?

— Agora não posso deixar vocês irem embora, não é? — declara o homem, com olhos estreitos e sombrios.

Ele dá mais um passo, com a arma ainda apontada, e Luke deve saber o que vai acontecer, porque, nesse momento, ele faz algo heroico. Ou idiota.

Luke solta minha mão, me empurra para a entrada do beco e grita com toda a força:

— London, corra!

E eu tento.

Mas as balas me detêm.

As mãos de minha mãe cobrem sua boca enquanto eu conto o restante: o mundo ficando em silêncio depois que os tiros cessam, os passos ritmados do homem fugindo do local, os minutos em que acredito que estou morrendo, encarando o céu sem estrelas da cidade. Os grunhidos guturais que me tiram do transe e que me arrastam em direção a meu namorado moribundo.

Faço uma pausa para respirar fundo algumas vezes e então conto à minha mãe sobre os momentos finais de Luke. Sem últimas palavras. Sem sentimentos. Apenas Luke, tentando respirar, com puro terror em seus olhos.

42

Choro sem parar até o final da história, com o nariz escorrendo, os olhos transbordando e os ombros tremendo. É contagioso, e minha mãe e eu choramos juntas pelo passado e pelo futuro.

Quando não sobram mais lágrimas, minha mãe me dá um susto ao se levantar, batendo as mãos espalmadas nas coxas.

— Levante-se! — ordena.

Estou tão enterrada nas almofadas que alguém poderia achar que sou parte da mobília.

— Levante-se, London — repete ela.

— Não consigo — murmuro.

— Consegue, sim — diz ela, inclinando-se para me ajudar.

Quando encontra uma de minhas mãos, mamãe a agarra com força e puxa. Não tenho escolha a não ser levantar.

— Você tinha razão, precisamos ir à polícia. — Ela seca minhas bochechas com as mãos. — Você tinha razão. Precisamos de ajuda. Vamos consertar isso.

— É tanta coisa, não sei se vamos conseguir... — murmuro.

— Vamos, sim — diz minha mãe, com uma voz tão firme que quase acredito.

Ela me deixa sozinha por um momento no meio da sala de estar e depois volta apressada com as chaves na mão.

Antes que eu tenha tempo de pensar mais no assunto, minha mãe está me puxando para o carro.

— Vamos.

*

Uma das coisas boas de se morar em uma cidade pequena é que é possível que, muito tempo atrás, no ensino médio, sua mãe tenha sido amiga do homem que hoje é o delegado. Isso quer dizer que ele talvez lhe dê atenção quando outras pessoas não o fariam.

— E você acabou de se lembrar disso? — pergunta o delegado Moeller, olhando para mim e para minha mãe.

O delegado pode ser barrigudo e careca, mas tem um rosto bondoso e, para falar a verdade, é nossa única esperança.

— É — digo com doçura. — Agora consigo me lembrar do dia do sequestro

com muita clareza. Posso ajudar a fazer um retrato falado. Ou olhar em um álbum?

— Eles estarão bem mais velhos agora — sugere o delegado com delicadeza. Ele não sabe o que eu vejo.

— Nós gostaríamos de tentar — minha mãe insiste.

Depois de bufar ruidosamente, o delegado Moeller se levanta. Ele pega um fichário da prateleira e joga-o sobre a mesinha no canto. Em seguida, busca mais dois fichários, repletos de fotos, fora da sala.

— Comece por aqui, London — diz ele, e então se vira para minha mãe e lhe oferece café.

Ela aceita, e ele nos deixa a sós.

— Não acho que isso vá nos ajudar — sussurro.

— Apenas tente — responde minha mãe no mesmo tom, trazendo sua cadeira para perto de mim junto à mesinha.

Ela analisa os rostos dos criminosos comigo, ainda que não fosse capaz de reconhecer os culpados mesmo se eles a abordassem no banco.

O delegado volta e fica trabalhando em sua papelada enquanto minha mãe e eu examinamos fotos de criminosos e mais criminosos. Uma hora depois, meu traseiro está dolorido por causa da cadeira dura e não consegui nada além da sensação sinistra após ter ficado olhando pessoas que podem querer me fazer mal.

Quero ir para casa e esquecer tudo. Quero assistir a um filme da Disney para esvaziar completamente meu cérebro. Mas sei que não devo. Recuperei essas terríveis lembranças; tudo o que posso fazer é tentar mudar aquelas que ainda estão por vir.

— Que tal um retrato? — sugiro mais uma vez.

— Como eu disse antes, o casal de que você se lembra está muito mais velho agora. Provavelmente, não vai adiantar — diz o delegado Moeller.

— Você não poderia experimentar aquele software de progressão de idade? — pergunto. Vou assistir a um número excessivo de seriados policiais em minha vida. — Vocês têm esse tipo de programa aqui?

O delegado ri um pouco.

— Sua filha é uma menina esperta, Bridgette — diz ele.

— É mesmo — concorda minha mãe.

O delegado Moeller volta a me olhar.

— Sim, temos esse programa aqui — diz ele. — Só não sei bem se funcionaria com um retrato falado. Além disso, nosso desenhista já foi para casa.

Olho para o relógio atrás de sua cabeça, e minha mãe faz o mesmo.

— Ah, Jim, desculpe-me por segurá-lo aqui — diz ela. — Você precisa ir para

casa.

— Está tudo bem, Bridgette — diz ele, com um olhar de compaixão. — Qualquer coisa por você. Lembro-me do caso como se tivesse acontecido ontem.

Eu me distancio mentalmente e me obrigo a lembrar algo que possa ajudar. Há uma coisa: o pedaço de papel. O problema é que a memória é do futuro.

Minha mãe conversa com o delegado enquanto penso em como poderia fazer com que ele se interessasse pelo endereço. No final, a mentira vence.

— Quando aconteceu, quando levaram Jonas, a mulher deixou cair um pedaço de papel com uma anotação dentro de nosso carro — digo de repente.

Os dois adultos se viram para mim, minha mãe porque sabe que estou mentindo, e o delegado Moeller porque parece ser o tipo de pessoa que é atraído por iscas.

— O quê? — pergunta o cão farejador.

— Bem, não tenho certeza, mas acho que era um endereço. Alguma coisa sobre Beacon Street. Eu lembro porque, a princípio, achei que estava escrito "bacon". — Pisco duas vezes, como uma criança inocente. Os lábios de minha mãe ficam tensos, mas ela não diz nada. — Eu gosto muito de bacon — acrescento, me sentindo completamente estúpida no momento em que as palavras saem de minha boca.

Por sorte, o delegado Moeller ignora essa parte.

— Nenhuma cidade? — pergunta ele.

— Não — respondo, dando de ombros. Ele espera receber tudo de bandeja?

— Bem, vou investigar — diz ele, e o telefone toca.

O delegado atende, fala rapidamente e desliga. Minha mãe se levanta para sair. Eu faço o mesmo. O homem nos leva até a porta e aperta nossas mãos. Partimos, desanimadas e exaustas.

No caminho para casa, antes de terminarmos de fazer um pedido em um drive-thru, o celular de minha mãe toca. Ela atende, escuta por um momento e sai do restaurante sem a comida. Damos meia-volta e seguimos na direção da delegacia antes que eu tenha tempo de perguntar a razão.

— Ele disse que vai nos explicar quando chegarmos — diz ela, sentada com as costas eretas, agarrando o volante como se ele estivesse a ponto de sair voando a qualquer momento.

O delegado Moeller está esperando por nós na recepção.

— Obrigado por voltarem — diz ele, enquanto nos dirigimos rapidamente a seu escritório.

Eu me pergunto o motivo da pressa.

Assim que nos acomodamos, ele explica.

— Fiz uma busca rápida sobre Beacon, London, e acontece que existe uma

rua com esse nome na cidade — começa o delegado Moeller. — Tem uma equipe de policiais vigiando um prédio ali… atividade suspeita, eu acho. Um amigo meu de lá ainda estava trabalhando: ele me contou que um homem e a esposa alugaram o local recentemente. É um escritório no centro, naquela região mais antiga. Enfim, tem havido queixas estranhas, então os policiais estão de olho.

— Que tipo de queixas? — pergunta minha mãe, e reparo que ela segura a bolsa como se fosse um colete salva-vidas.

— Choro de crianças à noite… em um escritório registrado como casa de penhores — diz ele, em voz baixa. — A polícia já fez duas visitas de rotina e não há sinal de nada errado. Mas, como eu disse, estão de olho.

O delegado Moeller fica em silêncio por um momento e pigarreia.

Estou confusa. Minha mãe talvez esteja também. Não tenho certeza.

— O que tudo isso significa, Jim? — pergunta ela. — Por que você quis que voltássemos para cá?

— Bem, aí é que está. A questão é delicada, e eu posso estar enganado, mas essa nova informação atiçou meu interesse — diz o delegado, recostandose na cadeira e passando a mão pelo cabelo que lhe resta. Ele olha o relógio e prossegue: — Você nunca fez a autópsia no corpo do Jonas, não é, Bridgette?

A pergunta atinge minha mãe com força, e ela parece visivelmente ferida por uma fração de segundo. Então se recupera.

— Não, você sabe disso, Jim. Havia as roupas dele, com certeza eram as roupas dele, e, com a decomposição, decidimos que era o suficiente.

Estou boquiaberta. Minha mãe nunca viu nenhum seriado policial? Talvez quisesse apenas colocar um ponto final na história. Talvez precisasse simplesmente acreditar, enterrá-lo e seguir em frente.

— E o que isso tem a ver? — pergunta minha mãe, parecendo agitada.

— Não sei. Crianças à noite… em uma casa de penhores que os vizinhos dizem que não abre durante o dia. É muito suspeito.

— Diga o que está pensando, Jim — pede minha mãe, aflita, e de repente o delegado Moeller se endireita na cadeira.

— É possível que a casa de penhores seja uma fachada para uma agência ilegal de adoção. Acho que podem estar roubando e vendendo crianças.

Minha mãe fica de queixo caído.

— Vendendo crianças? — pergunta ela, visivelmente horrorizada.

O delegado Moeller esfrega os olhos.

— É mais comum do que você imagina. As pessoas não conseguem ter filhos e ficam impacientes porque um processo normal de adoção pode demorar muito. Então recorrem a intermediários ilegais e gastam milhares de dólares para

comprar uma criança, sem fazer perguntas.

Minha mãe fica em silêncio por uns dois minutos antes de admitir a possibilidade. Finalmente, ela ousa dizer em voz alta:

— Você acha que eles roubaram Jonas e o venderam para novos pais.

— É possível — responde o delegado Moeller. — Não quero dar falsas esperanças a vocês, mas, se for o caso…

Minha mãe agarra minha mão antes de interrompê-lo.

— Jonas pode estar vivo.

43

Meus olhos ainda estão fechados, mas estou acordada. O ar no quarto mudou.

— London? — sussurra minha mãe. Eu a ignoro. Ela sussurra de novo, mas não para mim. O som é mais suave, como se ela tivesse se virado para alguém no corredor.

— Acho que ela perdeu a hora.

— Acho que sim — responde a voz também sussurrando.

Eu queria que todo mundo calasse a boca. Não é possível que já seja hora de me arrumar para a escola.

— London, está na hora de se levantar, querida. Você vai se atrasar para a escola — diz minha mãe em tom monótono.

Finalmente, solto um grunhido longo e alto e abro os olhos.

Meu quarto está claro com o sol da manhã; aparentemente, eu me esqueci de fechar as persianas ontem à noite. O relógio indica 7h. Argh. Minha mãe está na porta com uma expressão esquisita no rosto, impedindo-me de ver a outra pessoa.

— O que você está fazendo? — pergunto, demonstrando meu desagrado.

— Bom dia, London — diz ela de forma estranha, ignorando minha pergunta. — Você quer ler seus bilhetes?

Eu franzo a testa, e ela sorri como se estivesse participando de um concurso de beleza.

— Não — resmungo. — Quem está aí com você?

O visitante misterioso se move e o piso range. Sento-me na cama e tento ver quem está atrás da minha mãe. Ela continua no lugar por alguns segundos e, depois, joga as mãos para o alto.

— Está bem, eu coloco você em dia com os fatos — diz ela, entrando no quarto e sentando-se na cadeira da escrivaninha.

O visitante, hesitando, entra, trazendo café e um saco com alguma coisa que espero que seja um pãozinho. Admiro seus traços marcantes, os olhos penetrantes, o cabelo impecavelmente bagunçado.

— Oi, Luke — digo, com um toque de sedução que espero que passe despercebido por minha mãe.

À minha direita, ela solta uma exclamação de espanto. Não é a reação que eu esperava.

Luke parece surpreso. Depois, empolgado. Depois, cético.

— Você se lembra dele? — pergunta minha mãe.

— Claro — respondo, lançando-lhe um olhar como se dissesse que ela pirou.

— Você se lembra? — pergunta Luke.

Agora franzo a testa para ele também. Qual o problema com todo mundo?

— E você ainda não leu seus bilhetes hoje? — pergunta minha mãe, incrédula.

Eu preferiria que ela nos deixasse sozinhos, porque consigo pensar em coisas melhores para fazer com os poucos minutos que temos antes da escola.

— Esse café é para mim? — pergunto para Luke, com os braços estendidos. Então, respondo à minha mãe: — Não, ainda não. Por quê? Por que você está tão esquisita?

Ela solta uma risada boba e infantil, e Luke e eu não conseguimos deixar de rir com ela. Quando nos controlamos, eu pergunto:

— Qual é a graça? Isso leva minha mãe a outro ataque de riso.

Luke atravessa o quarto, me entrega o café e se senta ao meu lado na cama. Ele beija meu rosto e diz, com suavidade:

— Você se lembra de mim.

Penso em Luke amanhã; lembro-me dele no ano que vem.

— Estou com a sensação de que não lembrava antes — digo, reproduzindo seu tom baixo.

Ainda rindo, minha mãe pede licença e nos deixa a sós.

— Não — diz Luke, com os olhos brilhando. — Mas agora você lembra, e isso é tudo o que importa.

— Bem, preciso me atualizar — digo, pegando a pilha de bilhetes na mesinha de cabeceira. Depois de revê-los, meu humor mudou.

— Luke, precisamos conversar.

— É sobre o que aconteceu ontem? — pergunta ele, parecendo magoado.

— É — respondo, grata pelos detalhes. — É muito sério.

Luke fica tenso e se ajeita para me encarar.

— Você não está terminando comigo, não é?

— Não — respondo com uma risadinha, afastando o cabelo dele da frente dos olhos.

— Vá em frente — diz Luke com um ar grave.

Respiro fundo e, de forma lenta e cuidadosa, conto sobre a lembrança que, segundo meus bilhetes, recuperei ontem. Ainda lembro hoje, então não preciso checar as anotações para explicar tudo. Sou detalhista, mas objetiva, sem vacilar até o final.

— E então eu morro?

— Sim — respondo, com os olhos se enchendo de lágrimas.

Luke e eu teremos um ótimo relacionamento. Vamos falar em casamento, mas

ele não terá a oportunidade de pedir minha mão. Em vez disso, vai morrer.

A cor desaparece do rosto de Luke, mas ele não chora comigo. Fica quieto, pensativo.

— Você está bem? — pergunto, depois de secar minhas lágrimas.

— Não sei — diz Luke, ainda imóvel.

Ele segura o café de forma estranha junto à perna esquerda. Tiro o copo dele e o coloco sobre a mesa.

— Desculpe-me por ter lhe contado.

— Não, não se preocupe — diz ele. — Prefiro saber.

Não tenho certeza se penso o mesmo em relação a meu próprio fim, mas não admito. Luke continua:

— Acho que é melhor saber, porque aí talvez eu possa evitar. Nós podemos evitar juntos — diz ele, com uma coragem forçada.

— Talvez — respondo, olhando em seus olhos.

— Não, é sério. Tudo bem, sim, isso é muito intenso. Estou um pouco… não sei. Não consigo assimilar tudo agora. Mas você não acha que saber de antemão me dá alguma vantagem?

— Mas, Luke, eu…

— Não, de verdade… Você mudou alguma coisa para Page. Também mudou outras coisas. Você pode mudar isso. Não vai acontecer — diz ele com autoridade, como se estivesse tentando se convencer.

Acho que é o melhor que alguém pode fazer com uma informação desse tipo.

— Talvez você tenha razão — digo, com calma.

— Eu tenho razão — afirma ele, em tom mais alto. — Você vai mudar seu futuro. Vai me salvar.

— E se eu não conseguir?

— Então simplesmente não entraremos no beco. Confie em mim, não vai acontecer.

Luke me dá um abraço apertado e me beija com tanta força que quase consegue me convencer de sua previsão. Mas, quando ele me solta, vejo aquilo passar em seus olhos.

Medo.

Na esperança de distraí-lo, ofereço-lhe meus bilhetes para que ele possa ler o que aconteceu ontem enquanto me arrumo para a escola. No chuveiro, não consigo deixar de me perguntar se agi certo ao lhe contar.

Mas talvez ele tenha razão.

Talvez saber como evitar situações ruins seja o suficiente.

Enquanto pego a toalha branca e fofa pendurada no gancho, um pensamento se repete várias vezes: por favor, que seja o suficiente.

44

Na aula de espanhol, Jamie olha para mim sem fazer cara feia, mas o restante do dia é opaco. Vago pela escola em meio a uma neblina, fazendo perguntas às quais não consigo responder: Meu irmão está vivo? Luke vai morrer do jeito que eu lembro? Será que algum dia vou conhecer meu pai?

Por incrível que pareça, a questão sobre meu pai está pesando muito hoje. Lembro-me de pequenas coisas dele. Quero mais.

Quero um pai.

Quero meu pai.

Antes de ir para a cama, arrasto-me de pantufas até a escrivaninha para desligar o laptop. Ao estender a mão para pegar o mouse, aparece uma mensagem.

LJH6678: Oi. Está acordada?

Reconheço o apelido de Luke imediatamente; ele usará o mesmo para sempre.

LondonLane: Sim. Estou me aprontando para ir para a cama.

LJH6678: Não vou incomodar. Só queria dar boa-noite.

LondonLane: Você não está me incomodando!

Fico diante da escrivaninha, olhando fixamente para a tela, à espera. Alguns segundos depois, ele digita:

LJH6678: Estou feliz por você ter me contado.

LondonLane: Está? Ainda não sei se fiz bem.

LJH6678: Era a coisa certa a fazer.

LondonLane: Se você está dizendo!

Nada acontece na minúscula tela por algum tempo. Olho o relógio e desloco meu peso de um pé para o outro antes de me inclinar para digitar.

LondonLane: Preciso dormir…

LJH6678: Tudo bem.

LJH6678: Espere, London? Tenho uma pergunta.

LondonLane: Sim?

LJH6678: Andei pensando sobre tudo isso hoje, sobre você lembrar todo o nosso relacionamento.

Sento-me na cadeira para poder ler com mais facilidade e digitar mais depressa.

LondonLane: E?

Sinto um friozinho na barriga quando disparo a pergunta e espero pela

resposta de Luke.

LJH6678: E fiquei me perguntando se você se lembra de tudo.

Pondero por um momento e então digito.

LondonLane: Tenho certeza de que não me lembro de tudo. Eu me lembro do futuro do mesmo jeito que você se lembra do passado. Você se lembra do que foi muito bom ou muito ruim e se esquece de algumas partes no meio disso, não é?

LJH6678: É.

LondonLane: É a mesma coisa comigo. Por quê?

LJH6678: Você se lembra da gente transando?

Minha mão voa para a boca e olho à minha volta para checar se tem alguém bisbilhotando, mesmo sabendo que estou sozinha. Minha barriga não para de dar cambalhotas.

Luke descobriu hoje que vai morrer jovem e tudo o que ele quer me perguntar é sobre sexo?

LJH6678: E então?

LondonLane: A verdade?

LJH6678: Sim!

LondonLane: Sim.

LJH6678: Não é justo.

LondonLane: Eu sei, mas escute. Da mesma forma que você provavelmente escolhe não pensar nas coisas de que não quer se lembrar, eu faço o mesmo. Ajuda a tornar tudo um pouquinho mais… surpreendente.

LJH6678: Mesmo assim, não é justo. Quando vai acontecer?

LondonLane: Não vou dizer.

LJH6678: Sério, não é justo.

Olhando a hora de novo, recosto-me na cadeira e me estico. O dia me cansou. Preciso dormir.

LondonLane: Luke, preciso dormir.

LJH6678: Eu sei, eu sei. Também preciso.

LondonLane: Vejo você amanhã?

LJH6678: Quer uma carona?

LondonLane: Claro.

LJH6678: Eu levo coisas gostosas se você me disser a data.

LondonLane: Você vai me trazer coisas gostosas de qualquer maneira.

LJH6678: Vou precisar me esforçar bastante para surpreender você, London Lane.

LondonLane: Vai mesmo.

LJH6678: Boa noite, menina linda.

LondonLane: Boa noite, Luke.

45

É o último dia de aulas do meu penúltimo ano, mas bem poderia ser o primeiro. Conheço a planta da escola porque me lembro dela no ano que vem, mas todo o restante desapareceu.

Não há aula de matemática amanhã para me lembrar de onde devo sentar hoje. Não há percursos até o armário na semana que vem para que eu saiba onde ele fica agora. E Luke não pode ficar me escoltando como um cão-guia.

— Você vai ficar bem? — pergunta ele ao segurar minha mão.

Luke parece quase tão nervoso quanto eu. Estamos saindo do estacionamento dos alunos segurando dois copos de latte pela metade.

— Vou ficar bem. Minha mãe escreveu tudo para mim.

— Legal da parte dela. Ela teve alguma notícia?

— Não, ainda não — respondo, sentindo no peito um peso que talvez nunca me abandone.

— Pelo menos posso levar você em segurança até sua primeira aula — diz Luke, puxando-me pelo corredor principal.

Caminhamos em um silêncio confortável, e Luke me desvia algumas vezes quando quase esbarro em outros alunos. Ele ri ao perceber que estou olhando para os sapatos deles. Vamos juntos até a porta da sala de aula de pré-cálculo e ele me dá um beijo para se despedir.

— Boa sorte — diz.

— Obrigada — respondo, querendo me algemar a ele e obrigá-lo a assistir a todas as aulas comigo. Em vez disso, eu me forço a entrar na sala.

*

Depois da aula, vou até meu armário buscar um livro para ler no período de estudos. Luke me lembrou de levar um, pois a Srta. Mason aparentemente fica brava quando conversamos. Quando me aproximo, encontro Jamie esperando por mim.

— Ei — cumprimenta ela, com suavidade, quando paro diante da porta de metal.

— Oi — respondo.

Ficamos em silêncio; fico olhando a fechadura. Sem ter o dia de amanhã como referência, a combinação para abrir o armário não me vem à mente. Pego o

celular, onde ela está registrada.

— Trinta, vinte e dois, cinco — diz Jamie antes que eu tenha a chance de olhar.

— Você sempre cuidará de mim — respondo, girando os números.

— E você, de mim — diz Jamie.

Olho em seus olhos e sei que é verdade: estamos bem.

— Desculpe ter ficado tão chateada com você por causa… de tudo...

— Desculpe pelas coisas horríveis que eu disse.

— Você se lembra do que disse? — pergunta Jamie.

Estremeço ao pensar nesse trecho dos bilhetes.

— Lembro — respondo. — Eu me obriguei a lembrar.

— Foi legal de sua parte — diz Jamie.

Ela espera um segundo e, então, me dá um abraço rápido.

— Senti sua falta — sussurra em meu cabelo.

— Também senti a sua.

— Mentirosa — diz Jamie, brincalhona, enquanto se afasta. — Você nem se lembra de mim. Como pode sentir minha falta?

— Ah, eu me lembro de você — digo. — Quer saber tudo que eu lembro?

— Não! — grita Jamie, rindo. — Guarde suas previsões você mesma!

Jamie e eu ficamos de braços dados e começamos a percorrer o corredor principal. Rimos juntas enquanto caminhamos, e não posso deixar de me sentir emocionada com a lealdade dela. Antes de nos separarmos, ela se vira para mim.

— Nunca mais vamos brigar — diz ela.

— Combinado — respondo, sabendo que, à exceção de algumas pequenas desavenças na faculdade, não brigaremos mesmo.

Isso me faz perceber o quanto valorizo a disposição de Jamie de confiar em mim sem saber. Ela não pode ver o que acontecerá. Para Jamie, nosso relacionamento é uma aposta. Mesmo assim, ela permanece comigo. Continua a jogar os dados.

Entro na biblioteca pela última vez este ano, feliz porque minha melhor amiga está apostando em nós.

46

Horas mais tarde, depois de entrar duas vezes na sala de aula errada, ver mais do que eu gostaria de Mike Norris (os banheiros masculinos perto das salas de aula de história não são devidamente sinalizados!), almoçar com Luke e entregar um trabalho final de design gráfico que, até onde eu sei, pode ter sido comprado na internet, o dia de aulas e o ano letivo terminam.

Luke me leva para casa, segurando minha mão o tempo todo por cima do compartimento entre os bancos. Tenho a sensação de que não é apenas o ano letivo que está terminando, mas minhas lembranças do futuro provam que não é o caso. Ainda assim, nosso beijo de despedida tem algo de doce e triste ao mesmo tempo.

— Não fique acordada até muito tarde hoje — diz ele antes que eu feche a porta.

— Sim, senhor — respondo, rindo e tentando não pensar em por que ele quer que eu esteja descansada.

Eu sei, mas não vou escrever um bilhete a respeito hoje à noite.

Algumas coisas devem ser surpresa.

Dentro de casa, fico espantada ao encontrar minha mãe, que chegou mais cedo e está sentada à mesa da cozinha.

— Como foi seu último dia? — pergunta ela, forçando uma conversa.

— Bom — respondi. — Acabei conseguindo assistir a todas as aulas. Entreguei aquele trabalho. Tudo foi tão bem quanto possível, eu acho. O que aconteceu, mãe?

— Querem que a gente vá até a delegacia — responde ela, nervosa.

— Eles sabem de alguma coisa? Sinto meu cérebro juntando pedaços de lembranças e de bilhetes para formar um retrato completo.

— Sabem.

Ela se levanta, pronta para sair.

Seguimos em silêncio nos doze minutos que se passam desde a nossa garagem até o estacionamento na frente da delegacia. Esperamos dois minutos para ver o delegado Moeller. Quando estamos acomodadas em seu escritório, ele nos diz que há resultados conclusivos.

Fico sentada na ponta da cadeira. Minha mãe cobre a boca com a mão, provavelmente para conter um grito iminente.

Esperamos.

O delegado Moeller pigarreia. Quero saltar sobre a escrivaninha bagunçada e arrancar as palavras de suas cordas vocais.

Finalmente, ele fala.

— O menino que vocês enterraram não é o Jonas.

*

As palavras do delegado Moeller pairam no ar; posso praticamente vê-las flutuando ali. Ninguém fala. Ninguém se mexe. Quando não suporto mais a tensão, faço a pergunta completamente irrelevante.

— Quem era?

— Um desconhecido, provavelmente de outro estado. Não estava no nosso banco de crianças desaparecidas.

Finalmente, um som sai da boca de minha mãe, na forma de uma exclamação de espanto.

— Eu sei, é terrível — diz o delegado Moeller.

— E agora? — pergunta ela, ainda com os dedos na frente da boca.

— Vamos reabrir o caso — diz o delegado Moeller.

Minha mãe parece um pouco em estado de choque. Ela não responde, então o delegado prossegue.

— Tomei a liberdade de mandar o pessoal usar o software de progressão de idade em uma foto antiga que tínhamos do Jonas. Podemos divulgar essa imagem e pedir que as pessoas da região fiquem de olho.

— E se ele não estiver na região? — pergunto.

— Vamos fazer também uma distribuição nacional — responde ele.

— Posso ver? — pergunto.

— Claro — diz ele.

O delegado remexe um pouco sua escrivaninha e desenterra uma pasta grossa e gasta. Pergunto-me quantas vezes ela foi aberta na última década.

Ele folheia o conteúdo e retira uma foto de vinte por vinte e cinco centímetros.

— Aqui está — diz, deslizando-a sobre a mesa.

Minha mãe se inclina para olhar, mas não encosta na fotografia. Lágrimas descem por seu rosto silenciosamente; ela está tão quieta que mal percebo que está aqui.

O delegado Moeller lhe entrega um lenço de papel e nos deixa a sós. Quando sai, pego a foto para examiná-la melhor.

Por algum motivo, uma estranha calma me domina quando o vejo: meu irmão. Meus ombros relaxam, e solto o ar lentamente.

Sinto que aquilo está certo.

Ele parece familiar.

— Você se lembra dele? No futuro? — pergunta minha mãe com uma voz muito fraca, como se ela fosse um camundongo.

Empolgada por um momento, reviro meu cérebro em busca de uma lembrança do meu irmão — qualquer uma além daquela horrível de quando ele foi sequestrado.

— Não, mãe, não lembro — digo.

Isso faz com que suas lágrimas caiam mais depressa. Em vez de confortála, continuo a olhar a foto.

Não há nada ali, porém…

Há algo.

Como quando esquecemos o finalzinho de uma piada, há algo.

E, para mim, neste momento, algo é ótimo.

47

Luke estaciona em frente a uma placa de NÃO ULTRAPASSE em uma cerca de arame farpado que nos impede de descer pela colina. Ele desliga o motor e os faróis do carro.

A cidade cintila lá embaixo, e eu inspiro o ar da noite quente pela janela aberta.

— Você me trouxe aqui para me matar? — provoco.

— Hoje, não — diz ele, carinhosamente. — É uma reprodução.

— Do quê?

— Do nosso primeiro encontro — diz ele, olhando-me nos olhos. — Caímos no sono, e você esqueceu. Contei a você sobre isso. Deve ter lido sobre o que aconteceu na manhã seguinte…

Meu rosto fica vermelho.

— … mas não viveu a experiência. Por isso, estou fazendo de novo.

— Você é incrível — digo, sem pensar muito no assunto.

Luke sorri, meio envergonhado, e vai até o porta-malas pegar uma pizza.

Depois do jantar e de um filme, Luke sugere que fiquemos olhando as estrelas, e eu topo, animada. Ele fecha as janelas, porque a noite está esfriando, e nos deitamos juntos sob o cobertor que ele se lembrou de trazer, observando o universo acima de nós através do teto solar.

— Nós deveríamos conversar — diz Luke, olhando as estrelas.

— Sobre o quê? — pergunto, mas acho que sei o que ele está querendo dizer.

— Sobre sua sugestão de que terminássemos.

Eu me aproximo ainda mais dele, se isso é possível.

— Não é que eu queira terminar; eu só disse que talvez seja melhor. Para você. Talvez mude o futuro, para que você não morra — digo, sem convicção.

— Ficar sem você nunca seria melhor para mim — diz Luke, me olhando. Seu tom é sério. — Entende isso?

— Entendo — respondo, porque é verdade.

Talvez eu seja egoísta, mas cedo com muita facilidade. Não quero mesmo ficar sem ele. Quem sabe, no fundo, eu tenha mais fé na minha capacidade de mudar as coisas do que estou disposta a admitir.

— Então vamos esquecer isso — diz Luke, segurando minha mão.

— Combinado — sussurro, beijando-o de leve no rosto.

— Então, você já se lembrava desta noite? — ele pergunta.

— Provavelmente, mas acho que não quis estragá-la — digo, com sinceridade. — Não a incluí nos bilhetes.

— E você se lembra do verão? — pergunta Luke.

— Lembro — respondo, em voz baixa.

— Isso não é justo — provoca ele.

— Pobrezinho! — digo. — Mas você tem coisas que eu não tenho. Você se lembra de quando nos conhecemos; eu nunca vou saber qual foi a sensação.

Luke se vira e me beija com delicadeza, e depois com um pouco mais de intensidade até que voltamos a olhar as estrelas. Aconchego-me mais para perto do garoto que não quero perder jamais, com a esperança de que, de alguma forma, eu o salve.

A lembrança de sua morte continua ali, mas há também esperança. Nesse momento, nos braços de Luke, sinto-me confiante e capaz. Vou salvar esse garoto. E vou conhecer o homem que ele será. Luke e eu continuamos juntos, até que ele me cutuca.

— É melhor irmos embora — diz ele, com delicadeza. Acho que cochilei um pouco. — Não vou deixar você dormir sem fazer um bilhete de novo.

— Por que não? — pergunto, me espreguiçando. Beijo seu rosto e acrescento, com um sorriso malicioso: — Não precisa se preocupar, Luke. Eu vou me lembrar de você amanhã.

48

15/6 (quarta)
Roupas:

— Short azul-marinho e regata de poás — biquíni vermelho — chinelos brancos (perdi um no lago)

IMPORTANTE:

A polícia encontrou os sequestradores do Jonas (eles estão "cooperando", seja lá o que isso quer dizer). Minha mãe já contou ao meu pai. Ela está sensível, mas dá para entender. Eu também estou. Fiquei olhando para um retrato do Jonas feito pelo software de progressão de idade durante uma hora, tentando me lembrar dele. Não funcionou, mas há algo ali… não sei bem o que é.

Outras coisas:

— Passei o dia todo com Luke… ficamos com boias no lago. Demos uns amassos na água… e na minivan… e no meu quarto até minha mãe chegar em casa

— Jamie estará em Los Angeles até a semana que vem

— Ligar para o meu pai

*

O nervosismo percorre meu corpo enquanto digito o número lenta e cuidadosamente.

Esse é nosso terceiro telefonema — o terceiro do que sei que serão muitos. Acordei hoje de manhã me lembrando um pouco dele, mas meus bilhetes dizem que essas lembranças são novas.

Digito o último número e acho que vou vomitar quando ouço o primeiro toque. Mais um som, e verifico se a porta está fechada. Um terceiro toque, e me pergunto se ele esqueceu. Então, ele está lá.

— Alô? — atende uma voz grave e rouca, que me deixa feliz e triste ao mesmo tempo.

Estamos reconstruindo nosso relacionamento, tanto em tempo real quanto nas minhas lembranças, mas não consigo deixar de sentir o pesar que ele esconde.

— Oi, pai. Como vai?

— Estou bem, querida. Quais são as novidades?

Ele faz isso, já percebi: desvia a conversa para mim. Não fala de si; pelo

menos por enquanto.

Mas falará.

Passo os dedos pelo delicado broche de besouro que pertenceu à minha avó. Um bilhete da semana passada disse que chegou pelo correio pouco depois do nosso último telefonema. Aparentemente, ele quis que eu tivesse alguma coisa dela.

Meu pai podia ter economizado o correio e trazido o broche quando vier me visitar no final do verão. Será uma visita rápida, mas ele virá.

Ele não sabe disso ainda, mas eu sei.

— Poucas novidades por aqui — digo, tranquilamente. — Só curtindo. Aproveitando o verão.

— Que bom!

— Pai?

— Sim, querida?

— Você está bem?

— Claro que sim — responde ele depressa, como se pais não pudessem ficar chateados. — Por que a pergunta?

— É que meu bilhete de hoje dizia que minha mãe ligou para você… para falar dos sequestradores do Jonas.

Acho esquisito falar sobre minha mãe; sei, pelo jeito que ele a olhará em minha formatura, que ele ainda a ama profundamente.

— Seu bilhete dizia isso, é? — pergunta ele, com um tom estranho.

Meu problema ainda é esquisito para o meu pai. Ele não conviveu com isso durante todos esses anos.

— É — digo, baixinho. — Enfim, eu só queria saber como você está se sentindo sobre o assunto.

— Bem, acho que meio confuso, London — começa ele. — Provavelmente, como você e sua mãe.

Fico em silêncio, então ele continua.

— Sua mãe disse que os sequestradores estão revelando nomes e endereços das pessoas que compraram os bebês, então há esperança.

— Mas eles não descobriram nada sobre o Jonas, especificamente? — pergunto.

— Não — responde ele, acrescentando: — Seu bilhete não lhe contou essa parte?

— Não.

— Acho que eu diria que me sinto ao mesmo tempo abatido e esperançoso — diz ele, e é exatamente como eu descreveria minhas emoções nesse momento. — Não sei, London. A maioria das coisas ruins da vida leva algum tempo para

serem resolvidas, mas tudo acaba se acertando. Acreditar que vai haver uma solução para tudo isso me ajudou a superar uns anos bem difíceis.

Não sei bem o que dizer; ficamos em silêncio por alguns momentos. Depois, eu mudo de assunto.

— Conte alguma coisa sobre ele — peço, suavemente.

— Sobre o Jonas? — pergunta meu pai, como se não soubesse de quem estou falando.

— É — respondo, com paciência. — Algo legal. Algo que eu talvez não saiba.

— Hum… — diz meu pai enquanto explora sua memória funcional. — Ele adorava batata-doce?

Nós dois rimos, e tudo parece quase normal por um instante.

— Certo… — respondo entre risadas. — O que mais?

— Ele sempre mastigava o celular da sua mãe… Ah, espere tenho uma boa! Jonas adorava bolas quicando. Ele ficava andando pela casa, recolhendo qualquer bola que encontrasse, fosse uma de verdade ou apenas algo, como uma laranja, que parecesse uma bola. Ele dizia "bo, bo" e apontava para qualquer objeto redondo até que alguém lhe entregasse.

A voz do meu pai soava animada com a lembrança. Ele continuou:

— No Natal, sua mãe montou a árvore algumas semanas antes do grande dia. Ele tinha mais ou menos um ano e meio. Ele foi tão bonzinho... Não tocou nos enfeites, apesar de a maioria ser redonda. E finalmente, quando chegou a manhã de Natal, estávamos entregando os presentes debaixo da árvore, e acho que Jonas pensou: "Ah, então é hoje que podemos mexer nelas!" Ele engatinhou até a árvore e agarrou todas as bolas que conseguiu, e então tentou fazê-las quicar no chão de taco.

— Elas quebraram? — pergunto.

— Claro — diz meu pai, com uma risada. — Eram os enfeites antigos de sua mãe, e se espatifaram em pedacinhos por todo o chão. Jonas adorou o barulho, mas passou a tomar um pouco mais de cuidado com bolinhas depois daquilo. — Ele fica em silêncio por um instante e então acrescenta, baixando a voz: — Enfim…

— Boa história, pai.

— É — responde ele, nostálgico. — Talvez seja melhor nos falarmos depois. Preciso trabalhar um pouco lá fora e não quero afastá-la daquele seu namorado. Como é mesmo o nome dele?

— Luke — digo, sabendo que logo ele vai começar a se lembrar do nome.

— É, isso — responde meu pai.

Tenho a sensação de que a história sobre Jonas o deixou triste e que ele não quer conversar mais. E não tem problema.

Compreendo, porque, mais do que ele imagina, eu compreendo meu pai. Está tudo aqui, nesse meu cérebro deliciosamente tortuoso. Está tudo aqui antes que ele diga. Está tudo aqui antes que ele faça.

Adoro meu pai, e essa adoração se baseia principalmente no relacionamento que sei que teremos um dia. Por isso, não me incomodo de interromper a conversa.

— Tudo bem, pai, podemos continuar na próxima vez — digo.

— Parece bom. Mesmo dia, na semana que vem?

As laterais de minha boca se elevam; estamos cada vez melhores.

— Sim, pai — respondo. — Mesmo dia, na semana que vem.

Há silêncio por alguns segundos, e então:

— Amo você, querida.

— Também amo você, pai.

*

No meio da noite, a lembrança me arranca de um sono profundo. Acendo o abajur e espero que meus olhos se acostumem à luz, e então afasto as cobertas e saio correndo.

— Mãe — falo com um sussurro alto.

Ela não se mexe.

— Mãe? — repito, em um tom de voz mais normal.

Nada.

Aproximo-me mais e coloco as mãos em seus ombros. Sacudo-a delicadamente. Não funciona, então sacudo-a com mais força e levanto a voz:

— Mãe!

Ela se assusta, ergue as costas e pisca muitas vezes.

— Qual é o problema? — grita.

Seu olhar vai de mim para a porta, para a parede do outro lado do quarto, para a janela e de volta para mim.

— Desculpe — digo, sentando-me na beirada da cama. — Não queria assustá-la. Não tem nada errado.

Ela olha o relógio digital na mesinha de cabeceira.

— Então por que você está me acordando às duas horas da madrugada? Seguro a foto de Jonas.

— Ele não é exatamente assim — digo, enquanto meus olhos se enchem de lágrimas.

Ela está confusa por um segundo, e então tudo fica claro.

— Como você sabe? — sussurra, perguntando para ter certeza.

— Sei porque vamos conhecê-lo, mãe — digo, e me permito lembrar que ele virá para nossa casa no Natal.

Lembro-me de meus pais brincando sobre manter os enfeites da árvore fora de seu alcance, e lembro-me de sua risada animada e maravilhosa.

— Ele está bem? — pergunta minha mãe, em um tom de voz ainda mais baixo, como se tivesse medo de perguntar.

Faço que sim com a cabeça.

— Está — respondo.

— Como você sabe? — pergunta ela novamente. Vou até ela e a envolvo em meus braços. Falo em seu ombro:

— Eu sei porque me lembro.

Epílogo

Escrito no domingo, 10/7; acrescentar aos bilhetes todas as noites.

Luke me olhou hoje à noite de um jeito que fez minha barriga dar cambalhotas. Estávamos espremidos entre centenas de pessoas no show do Weezer (incrível, aliás), e, sem dizer uma palavra nem me tocar nem nada, Luke indicou que queria ficar sozinho comigo.

De repente, fiquei toda emotiva, pensando em como são importantes os pequenos momentos com Luke. Claro, posso me lembrar de muitos outros no futuro. Mas, neste momento, é uma novidade. Quem sabe? Talvez tenha sido a primeira vez em que ele me olhou exatamente daquele jeito. E, em menos de duas horas, vou me esquecer disso para sempre.

Eu estava pensando nisso quando cheguei em casa. Reli todos os bilhetes desde o início do ensino médio, tentando absorver as coisas de que me esqueci. Mas, em vez de fazer reminiscências, percebi uma coisa importante: sou bem mais forte do que era.

Antes deste ano, minha memória do passado e parte da do futuro estavam bloqueadas, provavelmente por causa da morte do meu irmão — pelo menos o que pensávamos que havia sido a morte dele — e da morte de Luke. Sem falar do papel do meu pai na história toda. Aí, a presença de Luke de alguma forma me ajudou a lembrar. Ele iniciou uma reação em cadeia que acabou me devolvendo meu irmão e meu pai, o que também melhorou meu relacionamento com minha mãe. De certa forma, pode-se dizer que ele me devolveu a mim mesma.

Tenho certeza de que já pensei antes em algumas dessas coisas, mas, até onde sei, nunca as passei para o papel desta forma. Embora esteja tarde, faço isso agora, porque tenho muito a agradecer: uma mãe que me ama, um pai que voltou a fazer parte de minha vida, uma melhor amiga incrível, um irmão que logo reencontrarei.

E um namorado lindo que me dá muita força e que me ajudou a perceber que ser normal não é tão importante.

Este bilhete é para me lembrar de tudo de bom que eu tenho, desde as pessoas em minha vida até a capacidade que aparentemente apenas eu possuo. Porque, sim, talvez eu vá sempre me esquecer do passado. Mas o que mais preciso me lembrar é do seguinte:

Também posso mudar o futuro.

Table of Contents

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35

36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
Epílogo